



IMPRESSÕES DE VIAGEM:

ESTUDOS DE CASO SOBRE OSCAR LEAL









FRANCISCO DAS NEVES ALVES

IMPRESSÕES DE VIAGEM: ESTUDOS DE CASO SOBRE OSCAR LEAL





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO NICOLA PÓVOAS

1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

Francisco das Neves Alves

IMPRESSÕES DE VIAGEM: ESTUDOS DE CASO SOBRE OSCAR LEAL



- 35 -











Lisboa / Rio Grande 2020

Ficha Técnica

Título: Impressões de viagem: estudos de caso sobre Oscar Leal

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 35

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: Fotografia de Oscar Leal publicada em O OCIDENTE. Lisboa, 30 nov. 1898, a. 21, v. 21, n. 717, p. 272 e gravuras dos livros *Viagem às terras goianas (Brasil central)* e

Viagem a um país de selvagens

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Dezembro de 2020

ISBN - 978-65-87216-15-7

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e cinquenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Folheando as páginas de nossa vida boêmia apraz-nos recordar que temos até hoje caminhado ora entre espinhos e flores num honroso *sttruggle of life*, buscando sempre e sempre colaborar humildemente na grande obra do adiantamento social.

Até aqui temos trabalhado tanto em nosso proveito como no do próximo e assim continuaremos enquanto tivermos vida e saúde Oscar Leal – *Tributo às Letras*, 18 out. 1891

Excursionista comedido, semi-observador, fugaz e ligeiro, não me abarroto em estudos profundos, nem me emociono nos meandros da paixão pela mania descritiva (...).

Ao correr da pena, sentindo-me afeito às lutas desta natureza, percorro o meu caminho que embora sinuoso e cheio de obstáculos, é sólido e seguro.

São páginas essas que aí vão correr mundo, talvez com já disse um distinto amigo, escritas à la diable – símile de ruidosa palestra de café entre boêmios, na mutação de impressões palpitantes onde o bom humor se acotovela com o cintilar das ideias...

Oscar Leal - Viagem a um país de selvagens

APRESENTAÇÃO

Oscar Leal (1862-1910) foi uma personalidade bastante ativa no âmbito luso-brasileiro das décadas finais do século XIX e iniciais do XX. Tinha grandes ambições quanto à sua carreira, querendo ir bem além da formação universitária que lhe capacitou como odontólogo. Para tanto, moldou sua vida no sentido de contemplar tais pretensões. As posses familiares auxiliaram em tal empreitada, mas também a opção por ser um dentista itinerante, que oferecia seus serviços de localidade em localidade, permitiu-lhe cumprir aquilo que escolheu como vocação fundamental — dedicar-se às viagens, de modo que conheceu vários países europeus e sul-americanos, assim como algumas regiões na África. Mas o Brasil parece ter sido a sua maior paixão, adentrando os sertões do país tropical e praticamente atravessando-o de norte a sul, com uma especial predileção pelas zonas interioranas e florestais.

Ele nasceu no Brasil, mas com a família portuguesa, em seguida transpassou o oceano pela primeira vez. Daí em diante viveu um périplo pelo Atlântico, em uma constante ida e volta na rota Lisboa – Rio de Janeiro. Fazia questão de dizer-se brasileiro, mas Portugal era seu porto seguro, para onde sempre voltava na intenção de reordenar novos planos de viagem, até fixar-se definitivamente em terras lusitanas, em 1894, mantendo as excursões, mas ali permanecendo até a morte. Também em Lisboa editou praticamente todos os seus livros, assim como fundou e dirigiu duas revistas literárias que contaram

com ampla admiração pública, *A Madrugada* e a *Revista de Lisboa*. Nesse sentido, ele teria considerado Portugal como a sua "pátria do seu espírito"¹.

Este livro² realiza sete estudos de caso a respeito de Oscar Leal, envolvendo precipuamente o levantamento de fontes, como é o escopo da *Coleção Documentos*. Cada estudo é independente, mas inevitavelmente há interfaces entre eles, tendo em vista o fio condutor vinculado às vivências do escritor. Os temas abordados são uma tentativa de implantação de um periódico literário no interior do Brasil; as apresentações de três dos livros de viagens de Leal; o retorno da excursão a Goiás; as descrições e idealizações a respeito dos indígenas; a edificação imagética dos registros de viagem; algumas das polêmicas literárias em que o autor se envolveu; e a inserção de sua biografia e de seus trabalhos em três folhas ilustradas lisbonenses.

Leal tinha um projeto de vida bem estabelecido – viajar – conhecer – escrever – transmitir suas versões. Além disso muito se esforçou para obter notoriedade, criando uma rede de inter-relações com intelectuais de várias partes do Brasil, de Portugal e mesmo de outros países, bem como promover um intenso intercâmbio de seus livros e dos jornais que editou, de modo a garantir

¹ TORRESÃO, Guiomar. Oscar Leal. In: GIL BRAZ. Lisboa, 10 maio 1898, a. 1, n. 2, p. 1-2.

² O presente volume dá continuidade às atividades do Estágio Pós-Doutoral elaborado junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras (Assis), Programa de Pós-Graduação em Letras, sob a supervisão do Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior, a quem o autor agradece imensamente. Também manifesta seu sincero agradecimento à Dra. Isabel Lousada, Investigadora da Universidade Nova de Lisboa que muito gentilmente obteve junto à Biblioteca Nacional de Portugal o material referente ao periódico *Gil Braz*.

seu reconhecimento como homem de letras. Moldou seu pensamento a partir de pressupostos cientificistas, republicanos, anticlericais e libertários (fosse em relação à escravidão no Brasil ou à emancipação feminina). Além disso observava o mundo sob um prisma civilizatório, dividindo os lugares que conhecia em progressistas ou estacionários, modernos ou anacrônicos, avançados ou atrasados e, mesmo civilizados ou selvagens.

Nessa linha, pretendeu levar a civilização e a ciência para um Brasil que via como atrasado, mormente à época monárquica, observando suas potencialidades e diagnosticando possíveis soluções para seus males, principalmente a que mais lhe incomodava, uma propalada indolência dos brasileiros, que via como um mal terrível que precisava ser debelado, daí por várias vezes ter apontado a importação de trabalhadores europeus com única solução viável para solucionar tal precariedade. As versões que o escritor estabeleceu sobre o Brasil reforçavam e repetiam diversos aspectos do olhar europeu que se desenvolveu a respeito deste país desde o século XVI e que, já no final dos Oitocentos, ainda se mostravam bem vivos e reproduzidos recorrentemente. Os estudos de caso que se seguem apresentam alguns dos detalhes da existência de Oscar Leal em suas múltiplas facetas, como literato, naturalista, desenhista (ao menos quanto à idealização), jornalista e polemista, além de outras, mas, acima de tudo, como viajante.

ÍNDICE

Uma experiência com a imprensa literária nos sertões brasileiros	17
"Ao leitor": as apresentações dos livros de viagem	41
Dos rincões à civilização: um itinerário de retorno	59
Os selvagens de um país	87
Idealizações imagéticas	147
As polêmicas em torno de Lopes Carqueja	183
Três presenças na imprensa ilustrada lisbonense	217

UMA EXPERIÊNCIA COM A IMPRENSA LITERÁRIA NOS SERTÕES BRASILEIROS

A imprensa periódica foi uma presença recorrente na existência de Oscar Leal, tendo ele participado de vários jornais, mormente no Brasil, atuando como articulista, colaborador e correspondente. Também fundou, dirigiu e redigiu vários periódicos como *Dentista*, em Goiás e Uberaba; a *Tesoura*, na Bahia; o *Bragantino*, no Pará; o *Boêmio*, em São Paulo; o *Correio dos Clubes* e o *Popular*, no Rio de Janeiro; a Antessala, em Lisboa; e o *Viajante*, em Corumbá, cada um deles acompanhando o editor em seus diversos percursos, e, alguns deles, chegando a ter propostas de edição itinerante, percorrendo os tantos caminhos de Leal, constituindo projetos efetivamente unipessoais. Além disso, foi o criador e diretor de duas revistas literárias na capital portuguesa, *A Madrugada*, periódico ilustrado e literário que circulou entre 1894 e 1896, constituindo um dos ápices da carreira de Oscar Leal; e a *Revista de Lisboa*, também literária, que circulou não necessariamente de forma ininterrupta, entre 1901 e 1908. Ao final de 1891, em terras mato-grossenses, Oscar Leal lançou em Cuiabá mais um de seus projetos, com uma folha literária intitulada *Tributo às Letras*.

No Brasil do século XIX houve "laços profundos entre jornalismo e literatura", os quais "tiveram como um dos efeitos mais profícuos o lançamento de um sem número" de folhas "denominadas 'literárias', mas que de fato ultrapassavam esse escopo", trazendo em suas páginas "poesia, arte, literatura e teatro", que "constituíam temas de regra", além da "crônica cotidiana" que também se fazia presente de forma recorrente. Nesse contexto, "os diversos

círculos intelectuais formavam-se em torno dos homens de letras que combinavam a atividade literária" com a execução de "jornais e revistas". Assim, tais publicações "reuniam grupos diversos de intelectuais que percebiam na prática jornalística a dimensão de formação da opinião pública, instrumento adequado para uma ação transformadora". Dentre elas, "algumas iniciativas floresceram, muitas ficaram pelo meio do caminho"³. Nessa linha, muitas dessas propostas permaneceram "sem regularidade e sem grande brilho", de modo que não passaram de "ensaios e tentativas", tais dificuldades para a sobrevivência advinham da perspectiva de que a "leitura delas" nem sempre "entrou nos hábitos da população, por herança, por falta de instrução e pouca curiosidade dela, escassamente amiga da leitura"⁴.

Muitas das propostas jornalísticas de Leal desenvolveram-se nos moldes de grande número dos jornais que circulavam no Brasil do século XIX, guardando características de organização unipessoal, ou seja, um único indivíduo cuidava das diversas etapas de produção do periódico. Uma das primeiras providências de Oscar Leal ao chegar a uma determinada localidade era verificar se a mesma tinha representantes da imprensa periódica. Em caso positivo, invariavelmente visitava o escritório da redação de quantas folhas ali circulavam. Ali ele apresentava-se como dentista, escritor, viajante e...

-

³ COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 107-108.

⁴ MATTOS, José Veríssimo de. A imprensa. In: LIVRO DO CENTENÁRIO (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v. 1, seção 4, p. 43.

jornalista. Estava criada a identidade para que Leal viesse a ter uma convivência rotineira com tais jornais, passando a normalmente ser um dos articulistas colaboradores. Tal aproximação também facilitava o caso da contratação da prestação de serviço gráfico para levar em frente seus projetos editoriais, até porque sua intenção era sempre a de produzir periódicos cujo conteúdo editorial era diferenciado, ou seja, especializado e voltado a um público específico, de modo que não viria a concorrer com a oficina que imprimia o jornal local.

Fazia parte do projeto de Leal, constituir essa congregação de intelectuais em torno das folhas literárias que organizava, daí a sua busca por aproximação com o jornalismo local. Essa estratégia ficava evidenciada na matéria publicada no jornal da mesma cidade da folha literária projetada por Leal, o *Mato Grosso* que anunciou o primeiro número do *Tributo às Letras*. O periódico cuiabano descrevia assim um "impresso em riquíssima folha de cetim rosa", obsequiado pelo "ilustre médico-dentista e literato Oscar Leal", através de "um exemplar de pequeno jornal" que fizera publicar. Especificava ainda que o *Tributo* trazia "um bem editado artigo de fundo, no qual o distinto moço, manifesta sua gratidão pelo bom acolhimento que há recebido na capital" mato-grossense, destacando que o redator/fundador fizera também "a apoteose do grande invento de Gutemberg, a imprensa, perante a qual tudo baqueia, porque ela é a força, é a manifestação da inteligência, é o progresso enfim"; para depois saudar "a

imprensa e a mocidade cuiabana, da qual muito há que esperar-se, apesar de fiada ainda pelo hábito a uma escola que tende a desaparecer"⁵.

⁵ O MATO GROSSO. Cuiabá, 18 out. 1891, a. 13, n. 647, p. 2.

TRIBUTO AS LETTRAS

Oscar Leal

Distribuição

Brazil 1

Cuvaba 16 de Outubro de 1891

| Matto Grosso

Cidade de Cuyabá

TRIBUTO ÁS LETTRAS

Cuyabá, 15 de Outubro de 1891.

da bohemia apraz nos recordar, que la devemos as dilicias que fruimos tentamos apenas cumprir um dever-temos até hoje caminhado era entre la liberdade que gozamos.

Amor com amor se paga, es tudo. espinhos e flores n'am Fonroso to cajo destino è o — Progresso. sttruggle for life, busean lo sempre el sempre collaborar humildemente na d'esta festiva occasião temos a hon-

em nosso proveito como no do pro-

O « Tributo as Lettras » é mais ibuso. uma pallida sembra das nossas mo- Sando-vos illustre imprensa por-gura e occupa uma area calculadestas mas patrioticas intenções.

publicado em Goyaz e Uberaba ; na eta. Thesoura, Bahia; no Bragantino Se neste meio faltam os elementos no porto de embarque.

do em terra estranha, longe da fa lettras.

milia recebe um acolhimento supe | Todavia da briosa mocidade Cuy- A população de Cuyabá orça por

A imprensa e a tribuna, são os conversas occasionalmente temos centos fegos. dous poles da vida intellectual e o percebido que se acha ainda filiada. Os edificios mais notaveis são o diametro de uma è o proprio dia pela forca de habito a uma escóla palacio do governo, o Arsenal de que tende a desapparecer, nós pia- Guerra, os palacetes dos surs. Pedro

De mãos dadas a Victor Hugo mente acreditamos que dentre em Correia e Barão de Diamantino, a não nos peza a consciencia dizer pouco será ella adepta da unica ho-Cathedral, o Sem nario. Haspital, o que á imprensa ou antes a Guttem-je acceitavel. quartel do 21. co do 8. ca cata

berg devemos a mudança dos velhos Luz, luz, nada do trevas, e por

costumes e da substituição das fie terra o pyrrhenismo degmatico. ções pela realidade. A' imprensa na Se a lembrança que tivemos não for da resiste porque ella è a força, é a coroada do exito, a imprensa cuya-Folheundo as peginas de nassa vi manifestação da intelligencia; a ci. bana que noi-a releve, certa de que

Ella é a locomotiva do pensamen-

grande obra do ad antamento social.

Até aqui temos trabalhaio taute

Até aqui temos trabalhaio taute

afelizmente não chega em toda a la em um outeiro a 2,5 kilometros ximo e assim continuaremos en la Espesantar, e ande rou messo con quanto tivermos vida e sando.

O a Tributo as Lettras a é mais.

tros sobre dous na sua major lar-

Pará; no Bolicuio em S. Paule, ne indispensaveis para podermes definir As melhores vias são mai calca-Correio dos Clubs e no Popular, Rio a bom gosto litteracio é que falha das pola falta de bons calestoires n' de Janeiro; na Ante salla em Lis por outro iado a verdader a inde estas longiquas paragens. Nada de es

dão, n'essa gratidão experimentada cica com vastissimos recursos para 11 de Julho e 2 de Dezembro. Os por aquelles que como nós aportan a sublime creação da autonomia nas bairros mais notaveis são : Lavapes, Mandioca, Bahus, Mundéo,

boa e no Viajante em Corumba pendencia mas non quem vos accusa gotos e a illuminação muito deixa O numero que ora offerecemos aos porque isto mesmo observamos entre a desejar. As ruas principaes são 13 nossos leitores fem origem na grati- poves de mais longa evolução histo- de Jaulio, (Bella 7 de Septembro.

abana muito ha que esperar e se em 16 mil habitantes e tem mil e sete

22

A proposta de uma aproximação com o jornalismo citadino ficava expressa na divisa colocada no cabeçalho do *Tributo às Letras*, com a inscrição na forma de oferta "À ilustrada imprensa cuiabana". A partir da atuação múltipla que exercia, Oscar Leal redigiu ele próprio cada um dos segmentos do número inaugural da novel publicação, tanto que na primeira parte da matéria, em síntese, o *Mato Grosso* estava explicitando o conteúdo do editorial do novo periódico. Nessa apresentação Oscar Leal traçava breve linhas a respeito de sua carreira, mormente quanto às suas outras experiências na edição de jornais, falava de suas "modestas" e "patrióticas intenções", explicitava a importância da imprensa e, enfim, dizia a que vinha.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

TRIBUTO ÀS LETRAS⁶

Folheando as páginas de nossa vida boêmia apraz-nos recordar que temos até hoje caminhado ora entre espinhos e flores num honroso *sttruggle of life*, buscando sempre e sempre colaborar humildemente na grande obra do adiantamento social.

Até aqui temos trabalhado tanto em nosso proveito como no do próximo e assim continuaremos enquanto tivermos vida e saúde.

⁶ TRIBUTO ÀS LETRAS. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 1, n. 1, p. 1.

O *Tributo às Letras* é mais uma pálida sombra das nossas modestas mas patrióticas intenções.

Já o demonstramos no *Dentista*, publicado em Goiás e Uberaba; na *Tesoura*, Bahia; no *Bragantino*, Pará; no *Boêmio*, em São Paulo; no *Correio dos Clubes* e no *Popular*, Rio de Janeiro; na *Antessala*, em Lisboa e no *Viajante*, em Corumbá.

O número que ora oferecemos aos nossos leitores tem origem na gratidão, nessa gratidão experimentada por aqueles que como nós, aportando cá em terra estranha, longe da família recebe um acolhimento superior aos seus merecimentos.

A imprensa e a tribuna são os dois polos da vida intelectual e o diâmetro de uma é o próprio diâmetro da outra.

De mãos dadas a Victor Hugo não nos pesa a consciência dizer que à imprensa ou antes a Gutemberg devemos a mudança dos velhos costumes e da substituição das ficções pela realidade. À imprensa nada resiste porque ela é a força, é a manifestação da inteligência; a ela devemos as delícias que fruímos, a liberdade que gozamos.

Ela é a locomotiva do pensamento cujo destino é o – progresso.

A imprensa cuiabana a quem nesta festiva ocasião, temos a honra de nos dirigir, tem um dom que infelizmente não chega em toda a parte onde se faz representar, é a uberdade que goza, mas liberdade que felizmente ainda não chegou ao abuso.

Saúdo-vos ilustre imprensa porque salvais o meio em que vivemos das mutilações brutais da ignorância.

Se neste meio faltam os elementos indispensáveis para podermos definir o bom gosto literário é que falha por outro lado a verdadeira independência, mas ninguém vos acusa porque isto mesmo observamos entre povos de mais longa evolução histórica com vastíssimos recursos para a sublime criação da autonomia das letras.

Todavia da briosa mocidade cuiabana muito há que esperar e se em conversas ocasionalmente temos percebido que se acha ainda filiada pela força do hábito a uma escola que tende a desaparecer, nós piamente acreditamos que dentro em pouco será ela adepta da única hoje acessível.

Luz, luz, nada de trevas e por terra o pirronismo dogmático.

Se a lembrança que tivemos não foi coroada de êxito, a imprensa cuiabana que a releve, certa de que tentamos apenas cumprir um dever.

Amor com amor se paga, eis tudo.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Em seguida o criador e redator do novo jornal literário incursionava por um de seus gêneros preferidos a narrativa de viagens, no caso fazendo uma descrição da cidade que sediava o *Tributo às Letras*. Conforme o *Mato Grosso*, nesse segmento, Leal trazia "um bem lançado artigo descrevendo"

topograficamente a nossa capital e dando uma breve notícia sobre nossos usos e costumes". A respeito da cidade de Cuiabá, Leal abordava a localização; as dimensões; a estrutura urbana, com as principais ruas e edifícios; o quantitativo da população; os empreendimentos comerciais; os meios de transporte; os fundamentos culturais, com a presença de jornais, de um teatro e de uma biblioteca, lamentando, porém, a falta de um clube literário; e das formas de divertimento com os quai os habitantes contavam. Tal narrativa servia tanto para agradar a população local, ao enaltecer a sua cidade, como, de acordo com as ideias do fundador, expandir a circulação da folha por meio do intercâmbio, de modo que, assim estaria divulgando Cuiabá para outros lugares. Com tal matéria, Oscar Leal seguia sua caminhada na realização de um registro de suas excursões, trazendo nela sua "experiência da viagem na forma de leitura" e na elaboração "de reportagens em jornais, revistas e em livros", utilizando-se da palavra "para transmitir o conteúdo de uma experiência", incorporando "imagens de espaço".

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

⁷ O MATO GROSSO. Cuiabá, 18 out. 1891, a. 13, n. 647, p. 2.

⁸ MANTHORME, Katherine E. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 58-71, junho/agosto 1996. p. 60.

⁹ OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto et al. *O olhar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 173.

CIDADE DE CUIABÁ¹⁰

A cidade de Cuiabá está colocada em um outeiro a 2,5 quilômetros do rio do mesmo nome em 15° e 36' de latitude e 32° pouco mais ou menos de longitude. Tem de comprimento no máximo três quilômetros sobre dois na sua maior largura e ocupa uma arca calculadamente de três mil e duzentos metros quadrados. Tem vinte e oito ruas, várias travessas e becos, 9 praças e uma avenida que termina no porto de embarque.

As melhores vias são mal calçadas pela falta de bons calceteiros nestas longínquas paragens. Nada de esgotos e a iluminação muito deixa a desejar. As ruas principais são 13 de Junho (Bela), 7 de Setembro, 11 de Julho e 2 de Dezembro. Os bairros mais notáveis são: Lavapés, Mandioca, Baús e Mundéu.

A população de Cuiabá orça por 16 mil habitantes e tem mil e setecentos fogos.

Os edifícios mais notáveis são o palácio do governo, o Arsenal de Guerra, os palacetes dos senhores Pedro Correia e Barão de Diamantino, a catedral, o seminário, o hospital, o quartel do 21º e o do 8º e a cadeia.

As ruas de Cuiabá apresentam alguma animação apenas durante as manhãs e as tardes nas horas mais frescas do dia. Apesar da distância enorme em que se acha dos grandes centros populosos, Cuiabá progride e o elemento estrangeiro vai pouco a pouco predominando ao mesmo tempo que busca não se filiar, mas sim derrocar a prática dos velhos costumes.

¹⁰ TRIBUTO ÀS LETRAS. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 1, n. 1, p. 1-2.

Há capitais do Brasil bem inferiores e para prova de que não ministramos falsas notícias aos nossos leitores de toda a parte, vejamos do seu adiantamento.

A companhia Lloyd Brasileira envia a esta cidade dois vapores por mês, cruzando-se muitos outros nas águas dos rios Cuiabá e Paraguai em demanda deste porto.

Esta cidade conta atualmente vinte casas de fazendas e modas, estabelecimentos esses de primeira ordem; oitenta lojas; cento e setenta e duas tavernas, incluindo alguns bons armazéns de molhados ou mercearias.

Tem mais uma livraria, uma boa farmácia, dois salões com bilhares, um hotel bem colocado, quatro padarias, uma fábrica de sabão, uma relojoaria, um atelier de pintura e dois salões de barbeiro.

A cidade é cortada em toda a sua extensão por uma linha de bondes pertencente à companhia Progresso Cuiabano, que audacioso e laborioso cidadão conseguiu bem recentemente ver inaugurada e produzir logo magnífico dividendo. Esta empresa conta brevemente inaugurar o serviço do matadouro, cuja falta há muito se fazia sentir.

Publica-se em Cuiabá cinco folhas, sendo quatro hebdomadárias.

O centro da cidade é a Praça do Palácio, onde existe um magnífico logradouro ajardinado, frequentado principalmente às quintas e domingos, das seis horas da tarde em diante, pela parte mais alegre da sociedade cuiabana, atraída pela música que aí se faz ouvir durante algum tempo.

Ao centro do jardim há um tanque que serve de bacia a um vistoso repuxo, quase sempre seco, o que é para lastimar.

Para a praça vizinha (da Sé) convergem as principais ruas, de forma que ali como se concentra todo o movimento da população.

Há em Cuiabá um teatro denominado Minerva, com duas séries de camarotes e espaçosa plateia onde se dão as representações da sociedade do mesmo nome.

Existe ainda uma biblioteca pequena mas bem organizada, seis templos religiosos, um hospital público, três cemitérios, um liceu de instrução secundária, seis escolas públicas para o sexo masculino e feminino e duas particulares.

Entre a sociedade cuiabana reina em geral harmonia, raras vezes sacrificada pelas dissensões políticas e constantes são as reuniões e soirées para cuja animação muito concorre a modéstia do belo sexo.

A moda e o bom tom, segundo a óptica de mero ponto de vista, não fizeram ainda em Cuiabá ponto de domínio e como em geral sucede nos nossos centros nota-se pouca ambição e pouca vaidade, todavia é bom lembrar que a ambição e a vaidade são os principais motores do progresso social.

Nota-se em Cuiabá a falta de um clube literário tão útil à mocidade e igualmente de um outro recreativo se é que um só não pode preencher os dois fins. Nota-se também a falta de bons artistas, principalmente de alfaiates. Não há uma oficina de alfaiate.

É necessário uma pessoa percorrer as lojas em busca da fazenda e levá-la às moradas dos mesmos.

Há muita falta de gosto pelas artes. Quer-se ser artista, mas receber noções, isso não. A curiosidade é que fabrica tudo.

Os cuiabanos nas horas de ócio só tem uma distração – o Coxipó.

O Coxipó é uma espécie de Cintra ou mesmo de Petrópolis mato-grossense em miniatura. Um lugarejo colocado em idêntica altitude e que só tem a nosso ver duas coisas úteis – ser motivo de exercício e a boa água que lá se encontra para mitigar a sede.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outra das preferências de Oscar Leal, os temas de natureza literária, também se fariam presentes nas páginas do *Tributo às Letras*. A respeito de tal artigo, o *Mato Grosso* comentava que o redator da folha recém lançada, apresentava, "entre muitas notas de mais ou menos interesse, um bem delineado artigo sob a epígrafe – Literatura Nacional –, considerando a matéria tão interessante que chegou a pedir "vênia ao seu ilustre autor para transportálo para as nossas colunas, como uma homenagem à gentileza que acaba de ter para com a imprensa cuiabana da qual somos representantes"¹¹. A tônica do artigo era uma defesa da produção literária brasileira, diante de uma visão

 $^{^{11}\,\}text{O}$ MATO GROSSO. Cuiabá, 18 out. 1891, a. 13, n. 647, p. 2.

explicitada em Portugal, menoscabando o que se escrevia no Brasil. Em essência seria uma resposta a uma colocação do escritor português Pinheiro Chagas, negando a existência de uma "literatura nacional" no Brasil. A querela com o literato lusitano parecia ser pontual e momentânea, uma vez que, pouco depois, o mesmo escritor luso prefaciou um livro de Leal. Diante de tal asserção, o redator esforçava-se, apresentando vários exemplos, no intento de elevar o valor da criação literária brasileira.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

LITERATURA NACIONAL¹²

– A meu tio o Dr. Sebastião Leal, Presidente do Supremo Tribunal de Lisboa –

Pouco a pouco vão os nossos irmãos de além-mar reconhecendo que temos uma literatura nossa (ou pelo menos grosso cabedal de elementos amplamente aproveitáveis). Acabamos de ver o que a tal respeito disse numa folha portuguesa o nosso amigo L. Carqueja, e em nome de todos os brasileiros estudiosos agradeço as lisonjeiras apreciações, tanto mais por saber quão raros são os escritores portugueses que se entregam curiosamente com afano ao estudo da emulação criadora dos bons modelos, poderosos sustentáculos do gênio e dos costumes literários do português americano.

¹² TRIBUTO ÀS LETRAS. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 1, n. 1, p. 2-3.

Há anos o conselheiro Pinheiro Chagas, nos seus *Ensaios críticos*, dizia: "Apesar dos muitos talentos que avultam na nossa antiga colônia americana, não se pode dizer que o Brasil possua uma literatura. Literatura nacional é aquela em que se reflete o caráter de um povo, que dá vida às suas tradições e crenças; é a harpa fremente em cujas cordas geme como um sopro a alma de uma nação com todas as dores e júbilos que através dos séculos a foram retemperando".

Conheço muitos escritores da força de Pinheiro Chagas. Como esse há muitos que na pertinácia de escrever, pela facilidade com que empunham a pena vão dando ao papel a cópia fiel do pouco conhecimento que têm da nossa vida literária.

No Brasil lê-se quase tudo o que aparece de antigo e moderno nas vitrines das livrarias lisboetas, o que infelizmente não se dá em Portugal relativamente a nós.

É assim que em continuação o ilustrado escritor diz que não temos uma existência bastante caracterizada para que os seus incidentes, refletindo-se no espelho da literatura, possam deixar nele imagem bastante colorida e enérgica. Talvez por isso não lembra nem cita nenhum dos nossos homens de letras, ao passo que dá aos Estados Unidos do Norte e às repúblicas espanholas uma primazia nua de dados, porque lembrar o caráter apostolado do *Uncle Tom's Cabin* simplesmente não significa mais do que assinalar ou descobrir apenas uma das raízes da árvore em que floresce a literatura norte-americana.

Atualmente que a classe operária e o povo português quase em geral vive manietado, de ideias presas, sofrendo as torturas que lhe inflige a ganância de John Bull, sob a pressão e indiferença de um rei impopular, leigo de sentimentos pátrios, que desfruta pela força a ignorância de uns e o medo de outros; tinha o distinto escritor ocasião azada para como Victor Hugo, nos *Miseráveis*, traçar com a sua pena de ouro a defesa dos infelizes proletários, esses escravos da cobiça e egoísmo em que se aninha o poder da nobreza de Portugal.

As modernas gerações prestariam atenção "ao clamor de Victor Hugo e ao brado de Beecher Stowe" como ao arrojo do grande prosador Pinheiro Chagas.

Seria um estudo do presente, a glória do futuro, que serviria mais uma vez para demonstrar a existência da literatura portuguesa.

Escute a voz social de D. Angelina Vidal referindo-se aos mártires da Revolução do Porto e note que é uma mulher discípula atenta tanto de madame Stael como da grande Louize Michel.

Ao capitão Leitão, ao Dr. Paes Pinto e ao Sr. João Chagas.

"Eu não venho chorar a vossa a vossa injusta sorte Sou portuguesa e mãe e vós não tendes crimes Criminosos é quem vela a liberdade à morte, Não vós que a defendeis, ó corações sublimes."

É bastante.

As provas da existência de uma literatura nacional as encontrará o Sr. Pinheiro Chagas no *nativismo* fecundo do *Uruguai* de Basílio da Gama, nas *Timbiras* de Gonçalves Dias, no *Caramuru* de Durão, no lirismo social de Castro Alves, no *Guarani* de Alencar, nas obras de Bernardo Guimarães.

Leia-as o Sr. Pinheiro Chagas e quando se lembrar da *sua antiga colônia americana* dê expansão ao seu talento com menos maldade e mais civismo.

Repare também que a ex-colônia americana está dando exemplos edificantes à velha e decrépita Europa e desculpe-nos a ufania.

Oscar Leal

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Finalmente o *Tributo às letras* trazia a seção noticiosa, denominada "Notícias avulsas", compreendendo uma miscelânea de informes sobre os mais variados assuntos. Interessado em ampliar um possível elenco de leitores, mormente para os padrões de então, por tratar-se de uma folha literária, aparecia uma saudação à amabilidade do segmento feminino da população. Ainda era publicada uma espécie de revista dos jornais, outra das preferências de Oscar Leal, com a indicação de títulos de outros periódicos, recém criados ou recebidos. Também apareceram referências a uma publicação e uma comunidade paraense, por onde o redator já viajara. Como não poderia ser diferente, o dentista também se manifestava, enfatizando a importância da boca, tanto a simbólica, quanto a sentimental e a física, indicando estratégia

para manter a sua higiene. Em seguida apareciam algumas notas avulsas a respeito de jornais e tipografias, além de um agradecimento e, como não poderia faltar, um anúncio das atividades profissionais de Oscar Leal, em sua empreitada de odontólogo itinerante.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

NOTÍCIAS AVULSAS¹³

O *Tributo das Letras* tem o prazer de cumprimentar o gentil e belo sexo cuiabano pela sua amabilidade.

Um amigo acaba de nos fazer chegar às mãos um exemplar da *Folha do Norte*, publicada na cidade do Porto Nacional no Tocantins em Goiás. Pois senhores nunca esperei que o norte de Goiás viesse tão cedo a gozar da distinção que ora lhe cai.

A *Folha do Norte* é uma lição ao sul de Goiás, e aqui tão distante dessas remotas paragens do nosso Brasil central ergo um viva aos seus dignos fundadores – Frederico Lemos e Luiz Ribeiro.

Oh gente de Pirenópolis, Santa Luzia, Catalão, Formosa, Morrinhos, Bomfim, Rio Verde, que fazeis diante deste estupendo exemplo?

¹³ TRIBUTO ÀS LETRAS. Cuiabá, 16 out. 1891, a. 1, n. 1, p. 3-4.

Temos sobre a nossa mesa as seguintes folhas, cuja remessa agradecemos – *Publicador Goiano, Caeteense, Companheiro do Silêncio, Gazeta de Uberaba, Pequeno Jornal, Era Nova, Silva Jardim, Friburguense, República, Jaguaribe* (Aracati), *Correio do Povo, Diário Popular, Gazeta de Araxá e Garimpeiro.*

A todos mimosearemos desta vez com o Tributo às Letras.

O *Caeteense* é o título de uma interessante folha, publicada em Caeté no Pará, é habilmente redigida pelo ilustrado padre Ulisses de Albuquerque Pennafort.

Caeté como a denomina o padre Ulisses é a cidade de Bragança, o que nos faz estranhar à primeira vista se atendermos a que não consta oficialmente a mudança do nome daquele poético lugar, onde há tempos passamos alguns meses.

Todavia estamos de perfeito acordo com o padre Ulisses, sendo a sua lembrança baseada em patriótico fim, só digno de encômios e louvores.

É mais preferível usarmos de palavras da língua indígena, infalivelmente com tendências a desaparecer do que, pelo espírito de macaqueação, servirmonos de denominações por demais conhecidas e pertencentes a outros lugares ou países.

Da mesma forma no nosso fraco entender nada é mais ridículo do que usarmos de nomes de santos para o mesmo fim.

A originalidade acima de tudo, Caeté é o nome do rio que banha a cidade de Caeté, como o Cuiabá banha a cidade de Cuiabá. Isto é mais original e mais patriótico, e já que entrei nestas divagações lembro aos inovadores viciados que a par de uma boa etimologia deve-se escrever *Cuyabá* e nunca Cuiabá.

O papel que a boca desempenha na *vida de relação* é um dos mais elevados que se conhece na humana distribuição do trabalho fisiológico.

É na boca que está a *palavra*, o laço mais admirável que prende os seres humanos e ao qual se deve e sua maior parte a evolução desse tipo-animal.

No amor, a boca é o objeto das primeiras carícias. O lábio procura o lábio, como a abelha procura o cheiroso cálice das flores. Ali esconde-se o êxtase. É ali que nasce o suspiro, tão eloquente nas manifestações do sentimento.

Uma boca bonita (dá-nos a natureza), uma boca asseada (a fazemos nós) – é uma tentação.

Portanto é pouco todo o cuidado que se possa dispensar à boca, para manter-lhe a sua graça, o seu asseio, a sua frescura natural.

Tudo isso custa muito pouco.

Uma receita:

- bicarbonato de soda 5 gramas
- sacarina 5 gramas
- ácido salicílico 5 gramas

Mistura-se tudo – uma grande colherita dessa mistura em meio copo de água para enxaguar a boca às vezes que se quiser por dia.

O primeiro jornal do Brasil foi publicado em 1808.

A rua mais larga de Cuiabá é a Grande e a mais estreita o beco quente.

Tipografia. A primeira que houve no Brasil foi a que estabeleceram os holandeses em Pernambuco, pelos anos de 1634 a 1654, e que parece ter pertencido a um tal Bréc. A primeira obra que se imprimiu no Brasil foi *Brazilich Geltsak* (Bolsa de dinheiro brasileiro). Foi impressa na hoje cidade do Recife, tipografia de Bréc, ano de 1647, e contém 28 páginas não numeradas.

A primeira tipografia que houve no Rio de Janeiro foi fundada por Antônio Isidoro da Fonseca, no ano de 1750, mais ou menos. As primeiras obras que foram impressas no Rio de Janeiro foram *Exames de artilheiros e exames de bombeiros*. Tanto a tipografia como as obras foram sequestradas pelo governo português.

Atualmente existem em Mato Grosso oito jornais, sendo publicados cinco em Cuiabá, dois em Corumbá e um em Cáceres.

São estes: *O Mato Grosso, Quinze de Novembro, Gazeta, Gazeta Oficial, A Vênus, Oásis, Embrião e Cidade de Cáceres.*

São redatores chefes de *O Mato Grosso* o 1º vice-presidente do estado, coronel Generoso Ponce, do *Quinze de Novembro,* o Dr. Vital de Araújo, da *Gazeta Oficial* o Sr. José Barnabé de Mesquita.

A Vênus é uma folha microscópica que demonstra cabalmente a força de vontade e o amor às letras dos seus jovens redatores.

Cuiabá podia perfeitamente sustentar uma folha diária e é de crer que dentro em pouco o ilustrado público cuiabano preste a que por ventura aparecer o seu apoio, certo de que o jornal é o melhor transmissor do adiantamento de um povo.

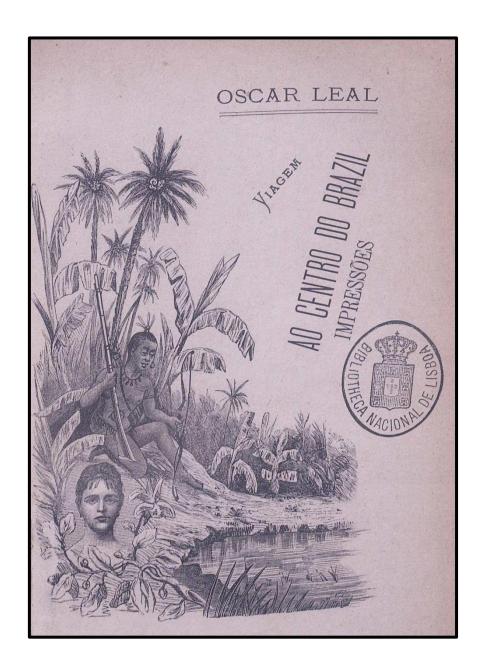
O *Tributo às Letras* agradece aos distintos e laboriosos cidadão Hermenegildo Pinto de Figueiredo, José Propício Velasco Molina, o valioso concurso que prestaram para a sua publicação.

O cirurgião dentista Oscar Leal tem o seu gabinete à Rua Bela nº 10, onde é encontrado das 8 da manhã às cinco da tarde, até o mês próximo.

"AO LEITOR": AS APRESENTAÇÕES DOS LIVROS DE VIAGEM

Em três de seus livros contendo narrativas de viagem a respeito do Brasil, que foram lançados em um período de aproximadamente uma década, quer seja, Viagem ao centro do Brasil (impressões), de 1886, Viagem às terras goianas (Brasil central), de 1892, e Viagem a um país de selvagens, de 1895, Oscar Leal manteve uma prática em comum, com a redação de uma apresentação ao público. Mesmo que dois desses volumes tivessem prefaciadores, o primeiro com Lopes Carqueija e o segundo com Pinheiro Chagas, o autor não abriu mão de uma palavra direta com o seu público leitor. Em linhas gerais, tal segmento inicial servia como um mecanismo redacional para quebrar o gelo, trazendo até mesmo algum indício de pessoalidade nas inter-relações entre o autor e seu leitor, indicando o que estava por vir e travando uma espécie de conversa, que antecipava o conteúdo expresso no livro em questão.

No primeiro livro *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*, Oscar Leal escreveu "Ao leitor", uma brevíssima nota introdutória, esclarecendo que aquelas "impressões de viagem" não passavam de um "pálido reflexo" de suas excursões pelo Brasil, em clara prática de uma falsa modéstia, tão recorrente nos escritos do autor. Na mesma linha, revelava que não chegara a ter a intenção de trazer aquele texto "à luz da publicidade", mas que a presença em Lisboa — onde ele imprimiu praticamente todos os seus livros — servira de inspiração para fazê-lo, isso sem antes explicitar que estivera em Paris, uma de suas cidades preferidas. Pedia perdão pela "monotonia descritiva" e reiterava a falsa modéstia, ao insistir nas "impressões" de viagem, destinada aos "amigos e parentes", apesar da sua "pobre obscuridade"



$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

AO LEITOR¹⁴

As presentes Impressões de viagem são um pálido reflexo de minhas viagens ao Brasil.

Não tencionava jamais dá-las à luz da publicidade, mas instado por vários amigos deliberei fazê-lo, aproveitando a minha estada em Lisboa de volta de Paris.

Ides ver, caro leitor, o que de mais importante se me oferece relatar-te desta viagem despretensiosa e ligeira, através do território brasileiro.

Perdoa-me talvez a monotonia descritiva e crê que se o fiz foi unicamente, para ofertar aos meus amigos de toda a parte e não ainda uma vez por vaidade. A modéstia foi sempre minha prudente companheira.

Não há viajante que se não julgue com direito de apontar aos seus amigos e parentes os motivos de sua viagem. A mania de escrever impressões desta ordem creio que deve ser e é na verdade inspirada pela consciência de nossa pobre obscuridade.

Oscar Leal

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

¹⁴ LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886. p. 13-14.

A apresentação de *Viagem às terras goianas (Brasil central)* aparecia sob a epígrafe "Duas palavras" e ganhava um pouco mais de fôlego em relação à anterior. Em primeiro lugar, Leal traçava uma baliza cronológica e descrevia um lance de sua vida no Rio de Janeiro, quando tivera a ideia de "ganhar e estudar", antecipando a sua atuação como dentista itinerante. Em seguida se referia à profunda atração que sentia pela exuberância natural e pela vida sertaneja, diante do que não tivera dúvidas em partir, carregado de "pungentes emoções" e "juvenis ilusões". Dizia que, a partir de então, as viagens passaram a fazer parte de sua existência, carregada de "fundas amarguras" e alguma ventura. Definia que seus livros eram "pálidos reflexos" do amor que consagrava à ciência e ao estudo.

Revelando um certo caráter de continuidade entre suas obras, Oscar Leal ressaltava que aquele livro resultara do empenho de alguém que, por uma "segunda vez" buscara "tornar conhecida uma região" que praticamente não fora abordada até então. Qualificava a obra como um "despretensioso trabalho", no qual pretendia descrever "as peripécias da viagem mais linda que tenho feito através dos sertões do Brasil", imaginando que o público leitor preferiria uma "descrição desataviada" que serviria para iluminar o espírito. Sem filiar-se a qualquer escola, dizia estar aberto para as críticas, estando ciente da "ousadia" de seu "cometimento", cuja característica essencial seria a "sinceridade". Em seguida passava a enaltecer o Estado de Goiás, como um lugar para onde iriam "convergir todos os olhares". E para finalizar, não poderia faltar a falsa modéstia, com a frase final: "Salva a intenção, relevai-me o arrojo".

VIAGEM TERRAS GOYANAS (BRAZIL CENTRAL) Membro da Sociedade de Geographia de Lisboa, da S. A. ás Lettras e de outras corporações scientificas Obra precedida de um prologo do distincto escriptor o conselheiro adornada com varias gravuras de Pastor, photo-gravuras de Reinhol e enriquecida com uma carta do Sul de Goyaz DESENHOS DO AUCTOR LISBOA TYPOGRAPHIA MINERVA CENTRAL 14, Largo do Pelourinho, 17

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

DUAS PALAVRAS¹⁵

Em 1882 tinha eu vinte anos e muito pouco dinheiro.

Cansado da vida fluminense e farto de ler o que os outros viam, pensei uma noite aproveitar a mocidade empregando melhor o tempo, com dois fins que me pareciam louváveis – ganhar e estudar.

Os bosques, os campos, os montes agrestes, os desertos e a vida sertaneja tinham para mim irresistíveis atrativos.

No dia seguinte, chegada a hora, parti sufocado pelas pungentes emoções de despedida, mas animado pelas juvenis ilusões que se me ateavam na mente, inquietas e traquinas como as borboletas azuis que esvoaçam sob os ardores do nosso sol tropical.

Desde então até hoje a minha vida tem sido por vezes cortada de fundas amarguras e todos sabem o que tenho gozado e sofrido finalmente. Muitas vezes hei visto, nos revezes que têm-me assoberbado, o castigo, pela ousadia com que alimento a execução dos meus desígnios, mas nunca tive para com todos mais do que um sorriso em paga do bem ou mal recebido.

47

¹⁵ LEAL, Oscar. *Viagem às terras goianas (Brasil central)*. Lisboa: Tipografia Minerva Central, 1892. p. ix-xi.

Para uns a estima, felizmente nunca desmentida, para outros a indiferença.

Os meus livros escritos sem pretensão são pálidos reflexos do meu ardimento, pelo amor que consagro à ciência e ao estudo.

Que o digam aqueles que compreendem melhor o indivíduo, estudandolhe antes o interior, o caráter e as inclinações, do que lhe examinando as belezas ou as fealdades fisionômicas.

A *Viagem às terras goianas* serve para atestar a todos a existência de alguém que se empenha pela segunda vez em tornar conhecida uma região sobre a qual até hoje, pouco ou nada se tem dito.

Amenizando tanto quanto estiver em minhas forças este despretensioso trabalho, relatarei as peripécias da viagem mais linda que tenho feito através dos sertões do Brasil, pois bem sei que a maioria dos leitores prefere a descrição desataviada, cujo estilo sendo fluente, deleita e ilumina o espírito simultaneamente.

Para este fim, como de costume, sem filiar-me nesta ou naquela escola, lembro que a minha pena só obedece á arte individualista, escrevendo como penso e como sinto. Todavia sei que não se pode agradar a todos e aceitarei de bom grado os golpes que desfechar-me a crítica.

Conheço a ousadia do meu cometimento, afrontando-lhe os perigos, porque os elogios tecidos ao meu modesto nome pelos trabalhos já publicados, a isso me impelem. É bem possível que nesses elogios se divise algo de

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

cavalheirismo ou rasgos de bondade por parte de seus autores, porém certo é que devem ter uma base, ainda que não seja outra senão a da sinceridade.

Goiás é um estado do Brasil para o qual devem desde já convergir todos os olhares e múltiplas são as causas que para isso concorrem. As riquezas naturais que possui, a uberdade de uma grande parte do seu solo e sobretudo o seu ameno clima, devem dentro em pouco atrair o emigrante.

É lá que se encontra o famoso planalto, onde será edificada, talvez brevemente, a futura capital federal.

Aí tendes pois caro leitor em vez de retórica hiperbólica a naturalidade descritiva. Aí tendes os complexos aspectos da vida goiana embalada por todas libações do gozo sertanejo.

Salva a intenção, relevai-me o arrojo.

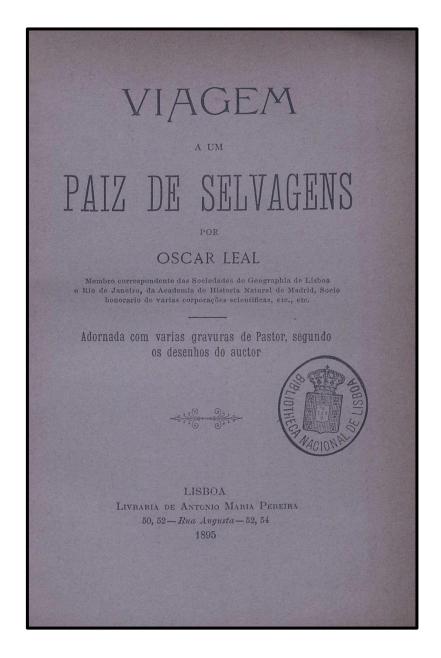
Lisboa, junho de 1892.

Oscar Leal

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

A mais completa introdução escrita por Oscar Leal em seus livros de viagem foi a intitulada "Ao Leitor", traçada em *Viagem a um país de selvagens*. Nela voltava a destacar uma de suas filosofias de vida até então, quer seja, "a reunião do útil ao agradável", em clara alusão à sua opção pela odontologia itinerante, através da qual, sem abandonar a profissão, podia levar em frente a sua vocação, voltada ao constante viajar. Ele traçava algumas definições para si próprio, considerando-se como um "excursionista comedido, semi-observador, fugaz e ligeiro", apontando que suas obras primavam pela falta de pretensão e pela sinceridade e veracidade. Sobre as idas e vindas de suas vivências, com altos e baixos, dizia que seu caminho era "sinuoso e cheio de obstáculos", mas também "sólido e seguro".

Em outro ponto, tecia considerações a respeito do Brasil referindo-se às poucas "impressões de viagem" sobre ele redigidas, culpando tal carência pela críticas consideradas como injustas e desmedidas e contra as quais se manifestou recorrentemente. No intento de demonstrar ilustração citou autores como o geógrafo e historiador brasileiro Alfredo Moreira Pinto, o naturalista francês Francis de Laporte de Castelnau, um de seus preferidos, o escritor português Ramalho Ortigão, o estudioso alemão Von Stein e o viajante, explorador e agrônomo luso Antônio Lopes Mendes. Mantendo a falsa modéstia e manifestando um fervor patriótico, pois sempre considerou, que com suas viagens e estudos, estaria prestando um serviço ao seu país, Leal encerrava: "Ufano-me apenas de ser um trabalhador e nada mais. Servir o Brasil – eis o meu fim".



$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

AO LEITOR¹⁶

Não tenho outra pretensão mais do que mostrar ao leitor que, viajando, todos os dias, todas as horas, todos os minutos são por mim aproveitados sob risonha concepção – a reunião do útil ao agradável.

Excursionista comedido, semi-observador, fugaz e ligeiro, não me abarroto em estudos profundos, nem me emociono nos meandros da paixão pela mania descritiva, a ponto de transmitir aos meus amigos pseudas informações e nem tampouco deixar-me arrastar pela influência dos floreios literários ou dos adornos de elocução. Não. As minhas observações são tão favorecidas pela despretensiosidade como primam pela sua parte sincera e verídica.

Ao correr da pena, sentindo-me afeito às lutas desta natureza, percorro o meu caminho que embora sinuoso e cheio de obstáculos, é sólido e seguro.

São páginas essas que aí vão correr mundo, talvez com já disse um distinto amigo, escritas à *la diable* – símile de ruidosa palestra de café entre boêmios, na mutação de impressões palpitantes onde o bom humor se acotovela com o cintilar das ideias...

O que é o Brasil?

¹⁶ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 11-16.

Um país vastíssimo, mal povoado pouco conhecido, cheio de riquezas inúmeras. E que se há escrito sobre ele? Nada, para não dizer muito pouco.

É raro o viajante brasileiro que se anima a publicar as impressões das suas viagens, e a causa disto está na inveja de que logo se vê cercado ao dar os primeiros passos.

Em primeiro lugar embargam-lhes a modéstia e o medo, em segundo, o receio e o temor da crítica mesquinha e cruel, que no Brasil é uma arma egoística manejada quase sempre pelos pretenciosos e invejosos de todo o gênero.

Por este motivo é que os livros escasseiam ao passo que as traduções de obras estrangeiras se contam aos milhares.

"O sistema de deprimir é muito brasileiro, disse já o ilustrado Dr. Moreira Pinto. Os críticos irrompem como cogumelos e o pobre do autor que sacrificou anos e anos de sua vida em estudar, em criar o que não existia, é vilipendiado coberto de apodos."

Nada disso temo, nem temi até hoje.

Castelnau quando visitou o Brasil queixou-se sempre da falta de livros e de livrarias por toda a parte, lamentando que os brasileiros sejam pouco dados à leitura e ao estudo.

Na sua obra sobre a América do Sul, ele escreveu mesmo o seguinte, com relação à sua estada na capital do Amazonas:

"Lá nous fûmes encore frappés du manque de livres que l'on remarque dans toutes les villes bresiliennes; sous ce rapport les pays espagnols sont beaucoup plus avancés."

Esta informação não pode triunfar. No Brasil podem existir de fato egoístas, invejosos e destruidores das obras alheias mas não faltam livros, embora as edições sejam pequenas e raramente novas.

Na nossa época de progresso, falta-nos tempo até mesmo para ler, por isso o que entendo é que o escritor deve ser desataviado mas fluente, rápido mas conciso, porque como bem disse R. Ortigão "lê-se de pé, rapidamente, procurando ler com frenesi em grandes bocados como nos restaurantes dos caminhos de ferro, ao bufê, a tempo fixo, nos dez minutos de parada que dá o trem para almoçar".

Nesta obra despretensiosa não vai o leitor encontrar primores de estilo, mas sim descrições verdadeiras a que talvez já o acostumei.

Que ninguém pense que me cega a vaidade ou que desejo ocupar um lugar saliente no grande mundo literário de nossa época.

Bastam-me as saudações e os cumprimentos encomiásticos que tenho recebido do estrangeiro e os elogios que obsequiosamente me tem sido feitos pela imprensa do Brasil e Portugal, conhecedora em maioria das minhas patrióticas intenções, para que não deponha a pena e, depois desta, continue a dar que fazer aos tipógrafos e a tentar divertir os leitores com as minhas novas e despretensiosas descrições.

Ainda há pouco foi preciso ir da Alemanha o senhor Dr. Von Stein a internar-se nos confins de Mato Grosso, para saber-se que no coração do Brasil se encontram ainda povos que ignoram a existência da civilização e vivem na idade da pedra!

Que areópago de revelações em um futuro menos remoto, não nos trarão novas explorações e novos estudos na investigação do ignoto?

Conhecemos pois o Tocantins essa imensa artéria que banha uma das mais lindas regiões do mundo.

"É na verdade preciso ter abnegação e desinteresse, como me disse em uma das suas cartas o meu saudoso amigo e audaz explorador Lopes Mendes, para naqueles cálidos climas, sem elementos materiais e sem os auxiliares indispensáveis à boa exploração científica poder realizá-la com muito trabalho e sacrifício."

E quem pode avaliar, senão um entendido, as grandes dificuldades que foi preciso superar, para coligir os dados que servem de base a trabalhos desta ordem?

Disse ainda aquele cavalheiro na sua carta:

"Muito faz v... e, portanto, mui digno é pelo relevante serviço prestado à sua pátria pelas felicitações de quem por experiência própria sabe quanto custam e difíceis são de desempenhar trabalhos de semelhante ordem,

mormente nesse abençoado país onde o espetáculo da criação apura os sentimentos varonis do homem, a alma, enrugada pelos ventos frios da sociedade, se expande, reverdece e fortifica e os ilustrados e intrépidos viajantes que têm percorrido os trilhos do sertão brasileiro se sentem muitas vezes pequenos e singularmente humilhados perante as maravilhas da natureza.

.....

É esta com franqueza a minha impressão sobre o seu último trabalho no qual v... revela aptidão e de sobra para nos dar novas obras, de gênero científico, se porventura lhe for possível consagrar mais tempo a estudos desta ordem."

Como o leitor acaba de ver isto é a expressão ou a obra póstuma de um amigo que, para me ser agradável, me dirigiu essas palavras animadoras e sinceras, mas infelizmente reconheço e confesso que são fracas as minhas forças e parcos os meus conhecimentos.

Ufano-me apenas de ser um trabalhador e nada mais.

Servir o Brasil - eis o meu fim.

Oscar Leal

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Com tais apresentações, Oscar Leal refletia sobre sua longa jornada na realização de uma literatura de viagem, demarcando os alcances e limites, as idas e vindas e os obstáculos e prazeres, em sua interação com o público leitor. Do mesmo modo que "a regularidade e a repetição suscitam o desejo do imprevisível, a monotonia gera a esperança do extraordinário e do admirável", no sentido de proporcionar a participação "da ilusão dos contrários", diante da qual "o leitor transfere a experiência pessoal do viajante para seus próprios desejos de aventura". Ocorre assim uma tendência de "se colocar à margem da mediocridade de sua própria sociedade, a apagar sua realidade imediata", para "tornar exeguível o inalcançável e compensar suas frustrações cotidianas". Nessa linha, tanto o escritor quanto o leitor poderiam sentir-se "fantasiando o ser um outro diferente", emocionando-se como protagonistas "de uma expedição incomum", com a sensação de um "desterro ficcional"¹⁷. Nessas falas de Leal aos seus leitores, observa-se que "a escrita e a relação comunicativa, além de inverter paradoxalmente a relação de implicação e dependência entre a viagem e a sua escrita", podem intensificar "a cumplicidade entre os sujeitos de escrita e leitura, com um efeito de redução da distância espaço-temporal e da diferença experimental entre ambos"18.

¹⁷ GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 87-88.

¹⁸ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 275.

DOS RINCÕES À CIVILIZAÇÃO: UM ITINERÁRIO DE RETORNO

Em geral, as narrativas de viagem têm uma grande preocupação com a descrição dos preparativos e da partida, levando em conta que o escritor encara a "viagem como um percurso realizado de um lugar conhecido para outro que não o é necessariamente", vindo a passar "por um território inexplorado pelo viajante", trazendo à cena "um processo de aquisição de conhecimento, dimensão que justifica a menor atenção que o relato dedica ao regresso do viajante". Entre a saída e a chegada, ocorre "uma progressão intelectiva radicada no contato e no convívio, na experiência, enfim", havendo uma "distância temporal entre os dois momentos", ou mesmo uma "progressão", na qual podem ser colhidas "lições que favorecem uma maior eficácia comunicativa" daí, em geral, desencadear-se uma certa preferência do narrador daquela sobre esta.

Em vários dos relatos de viagem de Oscar Leal também ocorria toda essa expectativa do aprendizado, da possibilidade de desfrutar experiência e do convívio com o novo. Entretanto, ele intentava demonstrar uma certa simetria entre a ida e a volta, traçando um itinerário com abordagens similares tanto em relação a uma quanto a outra. Não é para menos que a estrutura organizacional de seus três livros a respeito de excursões ao Brasil de cristalizava em capítulos que demarcavam a partida, a permanência e o retorno. Tal abordagem servia para manter a descrição dos lugares e das vivências durante a volta, revivendo e reforçando as experiências da primeira passagem, ou mesmo renovando-as e adquirindo outras não observadas na oportunidade original. Além disso, era na narrativa do regresso que Leal encontrava mais uma oportunidade para

¹⁹ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 261.

valorizar o deslocamento como um todo, traduzindo um aprendizado, mas também para demonstrar enfaticamente a quantidade de sacrifícios que fizera para completar a missão, correspondendo à causa que o movia, geralmente por ele articulada como a execução de um serviço em prol de sua pátria.

Os trabalhos "com a temática da viagem apresentam uma semelhança arquitetônica que lhes advém, não apenas do ciclo partida – regresso – escrita (ou conclusão)", como "também de um certo número de peripécias que constituem os incidentes e acidentes de viagem, variáveis em função do espaço e da época", tais como "tempestades, eventuais naufrágios, assaltos, encontros, permanências mais prolongadas, dificuldades diversas, perda de pessoas e de bens ou mantimentos, doenças", entre outras²⁰. Nas obras de Oscar Leal tal processo ficava plenamente evidenciado, ocorrendo marcadamente nos livros que escreveu ao longo de um decênio, com *Viagem ao centro do Brasil (impressões), Viagem às terras goianas (Brasil central)* e *Viagem a um país de selvagens*, mormente na narrativa do percurso de volta, na qual mais refletia a respeito do conjunto de obstáculos que enfrentara.

Dessas narrativas de retorno, pode-se destacar aquela que ele realizou no seu livro inaugural sobre as viagens ao Brasil, publicado em 1886, *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*, no qual, o noviço viajor, destacou enfaticamente a carga de dificuldades que amargara naquela sua primeira narrativa de empreitadas pelos sertões brasileiros. A própria estrutura do livro demarcava essa preocupação com os dois trajetos de ida e volta, tanto que a "primeira parte"

²⁰ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] - em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 281.

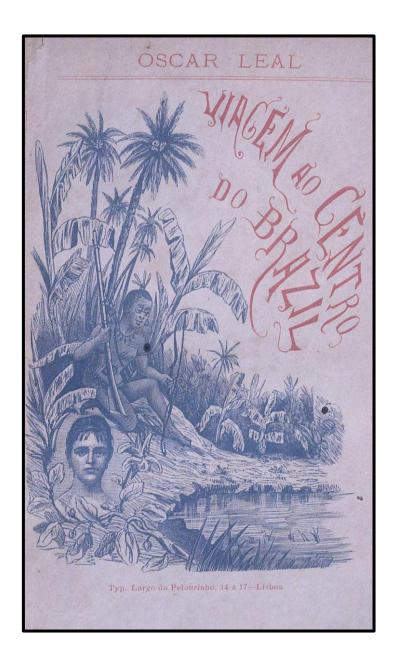
era composta de "Partida do Rio a São Paulo. Desta capital à Uberaba. Da Uberaba a Paracatu e depois à Formosa"; ao passo que a "segunda parte" trazia a permanência e o caminho inverso, compreendendo "O centro do Brasil. A Lagoa Feia. Da Formosa a Goiás. Desta capital à Vila Bela de Morrinhos. De Morrinhos a Uberaba e desta cidade à Araraquara. Pequenas voltas. De São Paulo ao Rio de Janeiro". O trecho aqui abordado refere-se exatamente à trajetória final, entre a localidade mineira de Uberaba e a capital brasileira, ou seja, exatamente no momento em que o escritor dizia ter saído dos sertões do Brasil para começar a encontrar os indícios da civilização a qual ele tanto primava.

Nesse relato de regresso, Oscar Leal deixava transparecer uma idiossincrasia inerente às suas excursões e respectivas narrativas. Ele realizava suas viagens por vontade própria, sem nenhuma força maior que o obrigasse. Com tal fim chegou a estabelecer uma prática itinerante para sua ocupação profissional, realizando o atendimento odontológico à medida que passava pelas localidades. Nesse sentido, se dizia vocacionado para as viagens, realizando-as pelo prazer do convívio com o novo e pela possibilidade de ampliação de horizontes, com os estudos que poderia realizar. Mesmo assim, ainda mais nos relatos sobre o retorno, não deixava de queixar-se dos sacrifício que, com suposta abnegação, tinha de sofrer durante seus itinerários. Isso se verifica no informe quantitativo de seus deslocamentos afixado ao final de *Viagem ao centro do Brasil*, no qual ele revelava o elevado grau de extenuação a que fora cometido, pelas enormes distâncias percorridas e pelos meios utilizados para cumpri-las.

EXTENSÃO PERCORRIDA

trajeto	distância percorrida (em léguas)
Do Rio a São Paulo	96
São Paulo a Casa Branca	50
Casa Branca a Uberaba	65
Uberaba a Paracatu	66
Paracatu a Formosa	40
Formosa a Goiás	66
Goiás a Uberaba	110
Uberaba a Ribeirão Preto	36
Ribeirão Preto a Araraquara	25
Araraquara a Jaú (por Brotas)	28
Jaú a São Paulo	70
São Paulo à Corte	96
TOTAL	748

meio de locomoção	distância percorrida (em léguas)
A cavalo	406
Estrada de ferro	306
De trole	24
A pé	9
Canoa	3
TOTAL	748



Por várias vezes, o autor retomava a temática das dificuldades da travessia e das repercussões físicas e mentais de tanto esforço. Nesse sentido, afirmava, ao chegar a Uberaba, que "já não era o mesmo que ali esteve seis meses antes", pois "vinha cansado, queimado, emagrecido por sofrimentos que só pode avaliar aquele que como eu os tem experimentado". Em outro momento, relatava uma conversa na qual relembrava "os sofrimentos porque tinha passado", enquanto seu interlocutor "pareceu compreender os males que muitas vezes perseguem um homem". Já no interior paulista, comentava que se "achava doente, e mesmo bastante mal, sem que pudesse explicar o que sentia", surgindo a recordação de que, quando por ali passara "oito meses antes ia sozinho, alegre e feliz; agora voltava como um velho, cabisbaixo, evitando distrações e imensamente torturado", sofrendo com os "indômitos motejos da sorte".

A mesma temática persistia em outra passagem na qual o escritor descrevia que recebera "um bom aposento", o que o levou a esquecer "todos os martírios desta longa e penosa viagem", uma vez que ali encontrara "uma cama tão macia e fofa, que não tinha semelhança alguma às que tive em viagem". A partir de então, recordava "de tudo, lembrei-me ter dormido, ora em rede, sobre mesas, bancos, canastras, couros, espigas de milho", e "mesmo sobre o solo exposto ao vento e à chuva, também sobre carros de bois e até mesmo uma vez num improvisado poleiro de galinhas tive o meu leito". Já em São Paulo, encantava-se com a rotina das cidades maiores, sentindo-se "reviver" e esquecendo "a vida sertaneja, os sofrimentos que tanto me mortificaram", em

relação aos quais o seu livro constituía "uma pálida recordação". Por fim, imaginava que, em "breve estaria ao lado dos meus parentes e amigos e no *gran monde* fluminense", diante do que só lhe restaria exclamar – "Quanta felicidade!".

No trajeto entre Uberaba e o Rio de Janeiro, Oscar Leal mantinha alguns dos elementos constitutivos recorrentes às suas narrativas de viagem, esmerilharando as potencialidades econômicas dos lugares visitados, ao mesmo tempo em que apontava os possíveis condicionantes daquilo que considerava como atrasos. Mantinha o seu olhar civilizatório, observando os locais por onde passava a partir de padrões comparativos embasados em modelos europeus. Como propugnador da civilização, republicano e antiescravista, detectava naquele caminho de volta aquilo que imputava como males que acometiam o Brasil monárquico, como a politicagem, o mandonismo local, o beatismo, a falta de incentivo à educação e a "gente bruta dada à intriga, uma caipirada a toda prova".

Finalmente ele chegava ao Rio de Janeiro e via distante aquele "meio de pavorosos desertos e sertões". Havia em sua manifestação um misto de alívio e saudade do que acabara de passar. Leal recuperava o seu meio de sociabilidade típico da cidade grande com todos os atrativos da vida boêmia, os tantos amigos, os *dandys* e os bons *vivants*, de modo que sentia-se "viver finalmente", lamentando quanto havia "sofrido", mas por outro lado, declarava "de coração que assim mesmo tenho saudades da vida sertaneja". De volta ao seio familiar na capital do império, contente ao encontrar os parentes, se considerava "muito

feliz, por ter conseguido visitar o coração deste belo país, sem ser naturalista, ou empregado do governo, nem tão pouco autômato, sujeito às danças políticas", e sim, "simplesmente ajudado pelo melhor de todos os cargos, isto é, a minha profissão, aqui faço ponto final".

Na concepção de Oscar Leal era possível identificar-se ao mesmo tempo com o sertão e com a metrópole, pois, naquele ele ia buscar a aventura, o exótico, o diferente, por mais custoso e doloroso que isso pudesse ser, ao passo que nesta, ele voltava para todos os confortos que a vida endinheirada poderia lhe proporcionar. Além disso, a viagem ao interior poderia permitir-lhe um cabedal de historietas a contar nas conversas com os amigos e em família e, o mais importante, transportá-las para os livros que geravam a possibilidade de renderlhe o reconhecimento intelectual que tanto almejava. Nesse sentido, "não se trata de buscar um sentido, mas analisar a relação, sempre inédita, do narrador com o seu tempo" a qual "torna possível caracterizar formas diferenciadas de percepção do mundo", trazendo à tona os "limites históricos do olhar" e "os significados do que a vista pode captar, criando ou descrevendo, recortando objetos do contexto, ou compondo novos contextos "21. Leal parecia se adaptar bem à passagem da civilização ao sertão, desde que ficasse garantido o retorno àquela, podendo assim reafirmar a quantidade de sacrifícios que fizera para chegar ao resultado final – a elaboração de suas obras e o consequente

²¹ THEODORO, Janice. Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). In: *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 74-83, junho/agosto 1996. p. 76.

aumento de sua notoriedade, tudo isso sob a roupagem do serviço prestado à sua pátria, um dos condicionantes mais marcantes de suas construções discursivas.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

VIAGEM AO CENTRO DO BRASIL – DE UBERABA À ARARAQUARA. PEQUENAS VOLTAS. DE SÃO PAULO AO RIO DE JANEIRO²²

Uma hora depois chegamos à Princesa do Sertão, Uberaba, a bela cidade do triângulo mineiro.

Estava felizmente em terra conhecida.

Já não era o mesmo que ali esteve seis meses antes. Vinha cansado, queimado, emagrecido por sofrimentos que só pode avaliar aquele que como eu os tem experimentado.

O leitor que se quiser dar ao incômodo de consultar o mapa do império conhecerá o itinerário que segui, ajuntando apenas desse ponto de partida até a volta ao mesmo ponto, a extensão de mais de trezentas léguas, percorridas e vencidas debaixo de um sol abrasador, de chuvas e trovoadas, ventos e relâmpagos, e por terrenos muitas vezes desertos, onde o viajante se sente

_

²² LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1886. p. 151-167.

exausto pelas fadigas, perigos, e toda a sorte de contrariedades que o atormentam sem cesar.

Meia hora depois da minha chegada a Uberaba, procurei e visitei alguns que me deram notícias de algumas novidades locais.

O *Waggon*, folha em que colaborei durante a minha estada ali, deixara de existir, para dar lugar ao *Filho do Poro*, do qual eram ainda redatores Paiva Teixeira e Manoel Filipe, duas bonitas cabeças e dois grandes corações.

O *Volitivo* aumentara de formato e sempre crítico e chistoso, continuava a aparecer sob a redação dos distintos e simpáticos jovens Lafaiete de Toledo e Silvério Silva.

O *Volitivo* talvez que um dia passa a chamar-se *Tiradentes*, tais são os artigos sobre liberdade que apresenta a seus leitores.

Tive desta vez o prazer de conhecer o redator-chefe do *Monitor Uberabense*, o ilustre comendador Gomes da Silva, que havia chegado da capital depois da minha partida desta cidade. Era deputado provincial.

Vi-o em casa do conhecido promotor coronel Antônio Sampaio, também redator da mesma folha.

Visitei depois a gente lá do alto, onde anteriormente tivera boas horas de fina prosa. Encontrei-me logo com o Tobias Rosa, redator e proprietário da *Gazeta de Uberaba*. Dei-lhe um abraço. Depois o Dr. Juventino Lima,

incontestavelmente uma das melhores penas que adornam a imprensa brasileira.

Se Lima abandonasse a modéstia que tanto o distingue e buscasse honrar a imprensa da corte, com a originalidade de seus escritos, ganharia sem dúvida o mais glorioso renome, que outros infelizes têm alcançado.

Faltavam dois que não vi desta vez, o Dr. Lodovice, exímio orador e deputado provincial, que, em companhia do poeta Randolfo Fabrino e do major Sena, havia chegado dias antes de minha partida para o sertão e o Dr. João Caetano, o espirituoso folhetinista e deputado geral.

Por aqui vê o leitor quão bem composta é a redação da Gazeta de Uberaba.

No estabelecimento de Casa Branca & Cia. encontrei-me com o simpático Dr. Theodoro de Carvalho, distinto advogado, residente da Bagagem. Visitei depois o simpático médico Dr. Thomaz Ulhoa e ao anoitecer voltara à casa onde estava hospedado, no fim da cidade.

A instâncias de vários amigos resolvi passar mais dois ou três dias ali e ordenei ao guia bom trato aos animais.

Era um grande peralta este morrinhense e em lugar de executar as minhas ordens, entregava-se à vadiação.

A 29 de abril, indo fazer um troco na casa de um acreditado negociante, dei uma nota de cinquenta mil réis, que mais tarde este me veio cambiar por certificar-se de que a mesma sofrera um corte, que hábil industrioso tira disso proveito, recaindo assim a causa sobre o desgraçado viajante, sujeito à culpa e até mesmo a afirmar-se ser um homem de bem, passador de moeda falsa.

Desconfio tê-la trazido de Goiás envolvida com outras boas. Já naquela capital, tendo tido em minhas mãos uma semelhante, me vira obrigado a ir trocar na tesouraria geral, o que obtive.

No dia 22 de abril parti pois de Uberaba, atravessando o Rio Grande e indo pernoitar na Vila de Santa Rita do Paraíso.

23 de abril – Às oito horas da manhã recebi uma carta escrita por não sei quem, mas assinada pelo Casa Branca (...). A carta tornou a voltar do ponto do seu destino para o de partida com a precisa e urgente resposta.

Passei o resto do dia em Santa Rita, que é um arraial sem nada de notável.

Encontrei-me de noite com um conhecido, o Antônio Moreira que ali estava também de passagem. Expus-lhe os sofrimentos porque tinha passado, e ele pareceu compreender os males que muitas vezes perseguem um homem.

Pouco depois chegou ao hotel vizinho em que estava hospedado um sujeito vindo de Paracatu, que me disse entre outras coisas, terem duas pessoas ali recebido cartas minhas, quando eu lhe afirmei serem falsas e não escritas por mim. Percebi então o caso e afiancei-lhe não serem as primeiras que aparecem nessas condições, pois que em Goiás recebi em resposta de uma carta assinada com o meu nome e enviada dali para o meu amigo Dr. Franco da Costa Pereira, residente em S. Paulo. A pilhéria fora arranjada segundo desconfio por um engraçado em Goiás.

A 24 continuávamos a viagem às nove horas da manhã, unindo a minha caravana a do Sr. Antônio Duarte, mais conhecido pelo Surdo da Bagagem, negociante de brilhantes, que seguia para a corte.

Pousamos todos essa noite no engenho de uma fazenda devoluta.

Às 5 e 10' da manhã, estávamos de pé e a caminho da Franca.

Perto do pouso denominado Mari Xica, a besta velha ficou abandonada, porque o seu estado não permitiu ir adiante.

Era a mesma que levei de Uberaba, que não queria passar o Paranaíba, a mesma que ao deixar Paracatu atirou com a carga ao chão, e a mesma finalmente que fugia a toda a hora e instantes que nos encostos, nos pastos ou estradas!

Era a pobre Caetana, que outrora se chamara Vieira, quando propriedade de Casa Branca & Cia.

Dei pois um último adeus à Caetana Vieira e continuei a viagem.

Às 4 horas da tarde chegamos à Franca e pouco depois fui até o grande hotel Gaspar, onde passei em boa prosa o resto da tarde.

26 de abril – Por conveniências resolvi falhar este dia na França.

A 27 saí da cidade, indo passar na fazenda do amigo coronel José Garcia Duarte, que pela segunda vez me recebeu com agrado e pôs tudo à minha disposição. Completava nesse dia um mês que parti da capital goiana.

A 28, logo ao amanhecer, continuei a viagem e às 4 horas da tarde chegava a Batatais.

Passei mal a noite, não conseguindo pregar olho.

Às 5 hora da manhã de 29 estava de pé, mas me achava doente, e mesmo bastante mal, sem que pudesse explicar o que sentia.

Quando por ali passei oito meses antes ia sozinho, alegre e feliz; agora voltava como um velho, cabisbaixo, evitando distrações e imensamente torturado.

Eram os indômitos motejos da sorte.

Parti novamente às 7 e 20 da manhã e às três horas da tarde atravessava o Rio Pardo.

A passagem é feita em balsas.

Duas horas depois cheguei à Vila do Ribeirão Preto onde existia a estação terminal da estrada de ferro Mogiana.

Hospedei-me no hotel Carvalho, alugando uma pequena casinha para guardar toda a minha traquitana de viagem. No dia primeiro de maio tomei o trem e parti para Casa Branca.

Uma vez nesta cidade fui ao hotel Duas Nações e lá encontrei as minhas malas intactas, como as havia deixado, e entretanto numa delas havia objetos de valor.

No trem da tarde do mesmo dia voltava ao Ribeirão Preto.

Meu irmão Ulrick Leal ali se achava vindo do Rio de Janeiro com o fim de tomar ares e temporariamente viajar comigo.

Por motivos que não vem ao caso aqui expender, resolvi partir no dia seguinte novamente para Franca.

Caprichos da sorte.

Quando no dia 2 de maio cheguei ao anoitecer a Batatais, tomei parca refeição, descansei algumas horas e à meia noite seguimos viagem eu e um valente português que me acompanhava. Quando cheguei a Franca no dia 3, eram 8 e 20 minutos da manhã.

No dia 4, às 6 horas da tarde estava de volta ao Ribeirão Preto, tendo feito portanto trinta e duas léguas a vapor. Um cavalo ficara morto em Batatais. Teve o fim que todos nós temos.

No correio não encontrei cartas de meu pai em resposta às minhas últimas.

Meu irmão dizia-me que ele estava a partir por causa de certo negócios para o interior da província do Rio, onde se demoraria um mês ou mais. Escrevilhe novamente mencionando outra direção.

No dia 20 partimos dali em direção ao S.O. de São Paulo. Pernoitamos no arraial do Sertãozinho e no dia seguinte continuamos a viagem. Às duas horas da tarde passamos em canoas o Rio Mogi-Guaçu. Os animais passaram a nado e

por isso cobraram da passagem de cada um, quinhentos réis. Uma hora depois chegamos ao arraial de Pitangueiras, onde resolvi ficar alguns dias alugando uma casa.

Estava quase a pé, porque os animais que me restavam pareciam mais esqueletos ambulantes ou defuntos-vivos, que outra coisa.

Os últimos vendi-os para evitar despesas e incômodos. A viagem de Goiás até ali foi enorme.

Além de tudo estava agora sem guia efetivo, porque o criançola que trouxe de Morrinhos dera para gatuno e malandro, e deu-me o prazer de deixar o meu serviço.

Agora um encontro nas Pitangueiras.

O leitor está certo provavelmente de um sujeito curandeiro e que ao eu sair de Cajuru em viagem para Uberaba me ensinar o caminho à direita para certa fazenda. Pois ei-lo ali, é o médico local do lugar, o Sr. Dr. Quadros.

Ele é que se me deu a conhecer. Sempre era mais fisionomista do que eu.

No dia 25 chegou a esta povoação uma malta de cinquenta ciganos que andavam em negócios *a torto e a direito*.

Estava acampada numa pequena vargem fora da povoação.

Triste sorte a destes desgraçados. A vida de um cigano tem páginas tristíssimas

Fui vê-los uma tarde na companhia de meu irmão Ulrick.

Perto de uma grande barraca, o capitão chefe da companhia achava-se sentado sobre uma caixa descascando cana com um enorme fação.

Era um homem de boa estatura, pernas tortas, semblante pálido e esbranquiçado, junto à testa, olhos desprovidos de pestanas e avermelhadas por uma blefarite crônica; os cabelos pretos saíam-lhe em mechas corridas de um chapéu desabado e esquisito. O imundo vestuário correspondia à fisionomia; havia naquele tipo o quer que seja de aniquilador e vagabundo. Um paletó cumprido em desuso, esfarrapado nos cotovelos, deixando sair das mangas umas mãos tisnadas, os dedos magros e nos quais se mostrava uma particularidade bastante singular: o polegar era mais comprido que o índice!

Perto de si achava-se a companheira deitada numa rede com as pernas à mostra, sem lhe dar cuidado quem se aproximava. Uns fusos comparados com aquelas pernas pareceriam obesos.

O todo era encimado por um rosto anguloso, em cujo centro dominava como um mastro de barco, o mais comprido e o mais agudo nariz que jamais se viu fincado em feição humana. Dois olhos oblíquos de cor indecisa, jaziam no alto daquele estranho apêndice. Junte-se a isto os modos de uma mulher entregue ao mundo, sem lhe dar cuidado o que vai nem o que vem, sem luxo e ambição, e ei-la retratada *d'aprés nature*.

Apenas abriu-me a boca para dizer-me adeus quando dali me retirei, dardejando seus olhares sobre mim.

Fora das outras barracas havia ciganos e ciganas.

As mulheres coziam, cozinhavam e embalavam os filhos; os homens, uns trabalhavam em pequenos misteres, dois ferravam um burro e um cantava acompanhado pela viola de uma rapariga.

Esta companhia tinha escravos para o serviço de cozinha e contava número regular de animais. Disseram-me que ainda ali se não achava toda ela, pois que parte estava a chegar. Reunida excederia a cem o número de ciganos.

Era a sétima vez que eu encontrava nas minhas viagens essa raça nômada.

Depois de alguns momentos de contemplação voltei ao arraial

Perto da casa em que residia havia uma taberna onde se tocava desde manhã até alta noite, uma maldita gaita de foles, e as árias antiquíssimas nos feriam os ouvidos. Uma súcia de bêbados e vagabundos ali se reuniam entregues aos mais vis folguedos.

O taberneiro, homem bastante rústico, com sentido no lucro da venda da cachaça, não tinha escrúpulos nem negava entrada ali até mesmo às prostitutas, e entretanto era casado e tinha filhas novas.

E chamavam a toda aquela algazarra, uma... soirée!

A ignorância é, na verdade, o pior de todos os males. Neste lugar havia mulheres *loureiras*, cujos maridos *coitadinhos* parece-me que sabiam da coisa, mas como a festa lhes rendia fechavam os olhos e faziam-se tolos.

Não há ali um escola, nem coisa que se assemelhe. Do ensino o atraso é completo.

Com pequenas exceções, quase toda gente é bruta e dada à intriga. Uma caipirada a toda prova pra não usar de meios termos.

No dia 14 de junho parti pois deste lugar em direção a Araraquara, ponto terminal da estrada de ferro Rio Claro.

Às quatro horas da tarde passei pela Vila do Jaboticabal, colocada em bonita colina e cercada de espessa mata virgem.

Pernoitei além dali meia légua.

15 de junho – Às oito horas partimos. Eu e Saltina íamos diante da comitiva.

Do Jaboticabal a Araraquara a distância é de onze léguas. Duas vezes por semana uma diligência conduz passageiros de um para outro ponto. O terreno é bom e vê-se ora ótimos campos nativos, ora esplêndidas e luxuriantes matas virgens.

Pousamos cinco léguas aquém do ponto de nosso destino.

No dia seguinte, após excelente viagem, cheguei às seis horas da tarde a Araraquara, hospedando-me numa chácara de onde se avistava toda a cidade. Meu irmão Ulrick Leal deixara a 17 a minha companhia e voltara ao Jaboticabal. Araraquara é uma boa localidade. Elevada à categoria de cidade, o povo ou a câmara municipal mostrou desejos que continuasse como vila e como tal é ainda a primeira da província de São Paulo.

O largo da cadeia é completamente fechado por prédios regulares. Tem algumas ruas de terceira ordem.

Os melhores edifícios particulares são realmente os do Sr. Rodrigues, negociante ali estabelecido e o do major J. Pinto Ferraz.

Toma lugar saliente na cidade, o primeiro por causa da respectiva torre, elegante e vistosa, conhecida pelo canudo do Rodrigues. Foi projetada a sua construção nas vésperas da última passagem de Vênus através do disco solar. Não sei, mas pode muito bem ser que haja ali algum discípulo de Flamarion, ou dedicado astrônomo em estudo e vigia nas horas vagas...

Em Araraquara, onde a agricultura é a principal manifestação, reparei bem que o povo é dócil e benigno.

Quantas vezes no percurso desta longa e escabrosa viagem tive ocasião de observar quão mal os municípios compreendem a sua ação civilizadora. Ainda aqui o último colégio acabava de fechar-se por falta de frequência de alunos, e nem um pequeno museu, nem um gabinete dentário! E jornais quem fala nisso!

A política, sempre a triste e vergonhosa política de borra na frente de tudo.

Papalvos endinheirados que desconhecem inteiramente os pequeninos princípios do partido a que pertencem.

Cá para mim parece-me que a política é o lenitivo dos tolos ou daqueles pobres de espírito que nela encontram o único meio de se tornar salientes.

Assim é que em geral no Brasil um sujeito tendo alguns contos de réis faz-se *manda chuva*, chefe de partido e é nomeado oficial da guarda nacional ou recebe um título qualquer de além-mar.

Quando isto acontece o Zé Povinho, que nunca deixa de lançar a sua alfinetada, usa no ridículo de uma frase, que pelo seu sentido pouco decente deixo aqui de mencionar.

Entretanto como é dever, lá começa o tipo a ser tratado por *sô coroné, Mané Chico* ou *siô comendadô, Tonico Nhonhozinho,* etc.

Esta porém não é a regra geral. Há até mesmo no sertão homens bastante ilustrados e livres pensadores.

No dia 18 procurei em sua casa o simpático médico madeirense Dr. Lino Cassiano Jardim, compatriota de meu pai, que já me conhecida de nome e a quem apresentei meus respeitos e estimei a sua amizade. O Dr. Jardim é homem de caráter distinto e como médico tem o mais invejável nome, dispondo de grande influência local, apresentou-me aos seus amigos, patenteando-me por esta forma a sua estima.

Visitei algumas fazendas importantes do município e tive dias de falha nos bairros do Monjolo, Major A. Borba, Magalhães, Caetano e Chibarro.

No dia 11 de junho parti pela estrada de ferro para São Paulo e por plausíveis motivos de saúde, Saltina preferiu ali ficar.

Voltei pois no dia 25 a Araraquara.

A 19 de julho completava vinte e três anos. À noite fui a um espetáculo público e indo de lá para o hotel com alguns rapazes, entregamo-nos até alta noite aos prazeres da gastronomia.

Esta vida é um sonho como disse Victor Hugo.

Houve saúdes, depois discursos e como se apresentasse um violão, principiaram as modinhas para complemento da orgia.

No dia 31 de julho parti de Araraquara para Brotas e depois por Dois-Córregos cheguei a Jaú.

O município de Jaú é importantíssimo. As terras são de uma fertilidade espantosa e por isso não admira que um sujeito qualquer, possuidor de escravos, à custa do suor desses desgraçados, adquira em pouco tempo uma boa fortuna.

A povoação é pequena mas bem alinhada, situada em uma colina pouco elevada e conta uma sofrível praça, onde já existe um teatro, construído por iniciativa popular. Honra pois aos habitantes de Jaú.

Não é povo beato, nem amigo de cantigas de padres. A hospitalidade constitui um dos característicos que mais o distingue. Há somente no alto da

povoação uma espelunca que tem o título de loja e bilhar, pertencentes a um intrujão conhecido por Nhonho Totonio Alves, onde, sob a presidência deste, se fomentam intrigas e se armam laços contra os habitantes de política contrária do lugar, como tive ocasião de presenciar.

No dia 27 de agosto recebi cartas do Rio, em que me noticiaram que meu tio Augusto C. Guimarães e família haviam voltado à corte, de uma viagem de recreio que fizeram a Montevidéu e Buenos Aires.

Meu pai pedia-me ainda mais uma vez que voltasse por alguns dias ao seio da família, e, resolvendo repentinamente, parti pois do Jaú para Brotas, chagando a São Paulo no dia 29 de agosto às três e meia da tarde.

As cidades de Rio Claro, Limeira, São Carlos do Pinhal, onde de passagem tenho estado, são pontos da estrada de ferro Rio Claro, formando o ramal de Brotas pelo qual fui ter à capital.

Uma vez em São Paulo, dirigi-me ao hotel de França, e aí deram-me um bom aposento, esquecendo já todos os martírios desta longa e penosa viagem. Ali encontrei uma cama tão macia e fofa, que não tinha semelhança alguma às que tive em viagem. Foi então que recordando-me de tudo, lembrei-me ter dormido, ora em rede, sobre mesas, bancos, canastras, couros, espigas de milho, ora mesmo sobre o solo exposto ao vento e à chuva, também sobre carros de bois e até mesmo uma vez num improvisado poleiro de galinhas tive o meu leito.

Depois de jantar vim a saber pelas folhas diárias que no teatro São José representava-se as *Mil e uma noites*, e como tinha um amigo que instava para ir

na sua companhia, fiz-lhe a vontade, se bem que já tivesse assistido a trinta e tantas representações dessa peça no Santana da corte.

No meio de um turbilhão de rapazes alegres que ali estava, do madamismo em luxuoso *toilete*, do reflexo brilhante de tantos lumes, eu sentiame reviver; esquecia a vida sertaneja, os sofrimentos que tanto me mortificaram, dos quais este livro é uma pálida recordação; lembrei-me que breve estaria ao lado dos meus parentes e amigos e no *gran monde* fluminense. Ouanta felicidade!

.....

Tinha terminado o último ato e, num momento em que rompia a corrente de povo no saguão do teatro, eis que um amigo e ex-colega de estudos, o Dr. Rodolfo Beltram, cerca-me com um abraço de satisfação, ao ver-me após três anos de separação.

Fomos logo ali ao café de Java e recolhemo-nos a um salão reservado, onde outro amigo nos foi fazer companhia.

Este é nada mais e nada menos do que o célebre engenheiro francês, que me apresentou como naturalista na tal fazenda além da cidade de Franca.

Já me havia ido procurar ao hotel, pois sabia da minha chegada por um jornal da tarde.

Repletos de alegria entregamo-nos a viva e animada palestra até que este amigo recordando-se do que soubera, perguntou-me qual o fim que tinha levado a minha companheira de viagem ao que lhe respondi repetindo-lhe estes versos.

Tenho saudades dos campos goianos Dessa vida linda, boa e feliz, Tenho saudades de todos de tudo Que longe deixei no teu país.

Como é bela a Formosa, terra tua Onde a infância descuidosa passaste, Que lindos esses campos solitários Que doces canções que tu cantaste.

E que sou eu, aqui onde estou? Morreste, fugiste, sozinho fiquei, Embora me vou para as terras do norte Qual ave sem ninho, eu sempre serei.

Chegou finalmente o dia do luto Dos cantos e prantos das dores e ais; Aqui um sepulcro de crepe coberto, Ali mais abaixo teus restos mortais.

– É morta! exclamou o meu ex-companheiro de viagem.

– Sim! respondi. Sucedeu-lhe o mesmo que a todas morreu sumindo-se para sempre das minhas vistas.

Quando a conheci na sua terra lá no meio de pavorosos desertos e sertões, perguntei-lhe se queria vir na minha companhia, respondeu-me que sim, que desejava ver e conhecer o mundo e com ele o progresso; fiz-lhe a vontade, sofri por ela, mas a sorte é que inicia os atos da vida.

Foi-se pra sempre, não mais tornarei a vê-la!

	Se	lhes	não	mandei	rezar	uma	missa	por	alma,	é	porque	nunca	me
envolvi em semelhante <i>patacoada</i>													
				-									

A 31 de agosto deixava a Paulicéia partindo às seis da manhã no expresso do norte.

Em todas as estações vi amigos e conhecidos.

Em Mogi o Dr. Matos, em Jacaraí o Fonseca, em Caçapava o Feliciano de Godoi, em Taubaté o Marcondes e o Magalhães, em Pindamonhangaba o José Irmão, em Guaratinguetá o comendador Guerra, meu caro amigo que ia também para a corte, em Lorena o Monte Claro e Alf Cândido Leite, em Resende o Dr. Carlos Bittencourt, na Barra Mansa o meu simpático Leopoldino de Agrela, fazendeiro em Minas, que segundo me disse aí viera tratar de negócios, e finalmente na Barra do Piraí o meu particular amigo Rolino Batifole que me esperava e que me acompanhou até a corte, onde chegamos às 7 horas da noite.

De surpresa entrei pela casa de meu pai, e fui encontrá-lo escrevendo-me uma carta que ia remeter para o Jaú, quando ali me tinha junto de si, são e salvo como um pero.

Mudei de fato, jantei, e às 9 horas da noite estava com o meu simpático primo Bento de Macedo, o grande *dandy*, o Boccaccio de bigodinho louro e fomos juntos até ao Polytheama, depois à *Maison Moderne* e enquanto caíam em viva palestra, eu devorara duas dúzias de ostras cruas e alguns sanduíches.

De vez em quando não me faltava quem me viesse interromper com abraços e parabéns pelo feliz regresso. Ali estava o Dr. Oscar Gradim, meu xará e amigo, Batifole e muitos outros *bons vivants*.

Sentia-me viver finalmente, lamento quanto hei sofrido, mas de coração declaro que assim mesmo tenho saudades da vida sertaneja.

No dia seguinte fui a casa de meus parentes abraçar a todos, e porque me considero muito feliz, por ter conseguido visitar o coração deste belo país, sem ser naturalista, ou empregado do governo, nem tão pouco autômato, sujeito às danças políticas, mas simplesmente ajudado pelo melhor de todos os cargos, isto é, a minha profissão, aqui faço ponto final.

OS SELVAGENS DE UM PAÍS

Desde o século XVI, um dos maiores interesses nos relatos de excursões eram as abordagens sobre os indígenas, não é para menos que esse passou a constituir um dos temas mais recorrentes na literatura de viagens acerca da América e do Brasil, uma vez que tal assunto tinha público garantido junto ao mercado editorial europeu. Oscar Leal bebeu dessas fontes, pois as narrativas de viajantes, expedicionários, naturalistas e aventureiros faziam parte de suas coleções pessoais e livros de cabeceira, influenciando decisivamente a escritura do autor brasileiro-lusitano. Tal conjunto de viajantes compreendeu "que era necessário concentrar-se nas coisas da terra e descobrir os valores próprios", de modo que "a atenção se voltou para os naturais do país, cujos costumes e maneiras de ser iriam construir fonte inspiradora de criação literária"²³.

A partir de tal processo surgia um "Brasil construído nas páginas da literatura de viagem", pois "as imagens do país que circularam pela Europa durante três séculos saíram quase exclusivamente das narrativas de viagem legadas por estrangeiros". Nessa linha, "as narrativas de viagem criaram, praticamente sem qualquer concorrência, um vocabulário sobre o Brasil" para as sociedades "do Velho Mundo". Tal "vocabulário apresentou poucas variações ao longo dos séculos", nutrindo-se, "em larga medida, de repetições, de dar a conhecer o conhecido, de reiterar, com pequenas variações, os mesmos temas e

²³ SCHADEN, Egon & PEREIRA, João Baptista Borges. Exploração antropológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil Monárquico (reações e transações).* 3.ed. São Paulo: DIFEL, 1976, t. 2, v. 3, p. 442.

os mesmos personagens"²⁴. Com base nesses "relatos de viagem" tornava-se possível "a experiência do estranho, do outro", trazendo também consigo "a formação de novos horizontes de pensamento e imaginação"²⁵. O viajante buscava "verificar se os códigos de conduta" dos nativos se ajustavam "ao modelo exemplar do estrangeiro", travando-se "um encontro entre duas culturas que progressivamente adquire as características de um conflito" travado entre a civilização e a selvageria²⁶.

Oscar Leal deixou transparecer em suas obras sobre viagens ao Brasil essa dicotomia entre o civilizado e o selvagem, reservando um espaço menor ou maior para a inclusão do elemento indígena. Os índios brasileiros despertaram a atenção dos europeus desde a inserção da América no mundo globalizado da modernidade e, a partir de então, tornaram-se personagens que despertavam profunda curiosidade no Velho Mundo, ávido por narrativas que trouxessem o que era visto como diferente, extravagante, pitoresco e esdrúxulo. Leal era conhecedor dessa preferência e sabia que tal presença poderia representar o acréscimo de um atrativo a mais para os seus livros. Tal perspectiva atingiu o seu ápice em 1895, com a publicação do livro *Viagem a um país de selvagens*, evocativo (e provocativo) desde o título.

²⁴ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII (antologia de textos – 1591-1808).* Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: UNESP, 2012. p. 283-284

²⁵ AUGUSTIN, Günther. *Literatura de viagem na época de Dom João VI.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. p. 20-21.

²⁶ GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 26.

Nos demais livros de Leal, os indígenas tinham um papel de coadjuvantes, mas em *Viagem a um país de selvagens* assumiam um protagonismo que ia desde a capa até o conteúdo da publicação. Oscar Leal já se aperceberá da atração desse tema com a carga de leitura que tinha em relação à literatura de viagens, trazendo também a sua bagagem de experiência na escritura de seus próprios livros, e confirmou ainda mais a popularidade do assunto na conferência que realizou junto à Sociedade de Geografia de Lisboa, quando a parte da palestra mais bem sucedida entre o público presente foi não só a descrição da tribo com a qual o autor convivera no Peru, mas também a exibição de objetos que adquirira nessa expedição e passaram a fazer parte de suas coleções, deixando a assistência extasiada. O olhar sobre o outro ainda constituía um excelente chamariz para as narrativas de excursões.

Em *Viagem a um país de selvagens*, Leal não fugiu à regra de suas obras concernentes à literatura de viagem, referindo-se à descrição de cada uma das localidades pelas quais passava, ao detalhamento da flora, da fauna e dos vigores da natureza e ao comentário quanto às potencialidades de exploração econômica que encontrava pelo caminho. Como era de seu costume, o livro aparecia estruturado com o itinerário da ida, para depois abordar o percurso da volta, mas, nesse caso, essas duas partes que constituíam a espinha dorsal de seus escritos traziam um recheio diferente, ou seja, quatro capítulos inteiros destinados a abordar os índios. Em meio a ribeirinhos, sertanejos, caboclos e moradores de pequenas localidades, os indígenas assumiam uma relevância na

narrativa. Enfim o autor chegara ao convívio com os "selvagens de um país", em um trocadilho com o título que muito pensara para utilizar em seu livro.

Na literatura de viagem, "os depoimentos dos viajantes se constituem de representações, reinvenções de realidades, produzidas a partir da visão de um sujeito". Esses testemunhos trazem consigo "imagens que se constituem em representações do real, elaboradas a partir de componentes ideológicos de pessoas dotadas de equipamentos culturais próprios", compreendendo "um patrimônio anterior que condiciona o modo de observar e entender o empírico". Tais "representações expressam o contexto em que se formaram e o imaginário social da sociedade em que seus autores viviam"²⁷. De acordo com tal perspectiva, Oscar Leal foi meticuloso ao representar no papel o seu contato com os indígenas, tomando todos os cuidados para imprimir à sua narrativa, ingredientes que na sua concepção serviriam como atrativos e caíssem no gosto dos leitores.

Na abordagem de Leal a respeito dos índios havia várias interseções entre o real e o ficcional, o concreto e o imaginário, o efetivo e o romanceado, o estudo "científico" e o inventado, em misturas não necessariamente equilibradas, mas, por vezes realizadas de forma afoita, na ânsia de cair nas graças do público leitor. O factível, o verossímil e o impossível apresentavam-se próximos entre si, com fronteiras tênues entre o viável e o inacreditável. Sua intenção

²⁷ REICHEL, Heloísa Jochims. Relatos de viagens como fonte histórica para estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio & SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura & História: perspectivas e convergências*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 59.

fundamental era uma aproximação estilística de alguns dos mais notáveis representantes das narrativas de viagens, desde as clássicas do século XVI até as mais contemporâneas, não medindo esforços para tanto, chegando a sacrificar para cumprir tal intento alguns preceitos que sempre propalou, no caso a "verdade" como marca incondicional de seus relatos e o cientificismo de seus estudos.

Ainda que a abertura do capítulo sobre os apinajés tenha mantido algumas das características inerentes à sua obra, beirando um certo tecnicismo cientificista na descrição, chegando a citar dados ou ainda mostrando admiração diante da exuberância da natureza, mas daí em diante, o estilo dava uma guinada em outra direção. Houve por parte de Oscar Leal um detalhado roteiro, traçado meticulosamente ponto a ponto, desde o acaso da avaria na embarcação que o transportava como fator motor que levou ao contato com os índios, até a primeira aparição destes que ocorreu de forma repentina, quando "a atenção foi despertada pela presença de um grupo de três índias que se banhavam próximo de uma praia e que, ao avistarem-me, pareceram inquietas, sem contudo fugirem ou tratarem de se ocultar". As inspirações poderiam ser várias, entre elas, a mais original, a descrição da Carta de Pero Vaz de Caminha, a respeito das índias que, sem nenhuma "vergonha", tinham as suas "vergonhas" à mostra, ou mesmo a aquarela de Jean-Baptiste Debret mostrando três índias que se esforçavam para esconder as suas "vergonhas" dos forasteiros.

Em seguida vinham os obstáculos à comunicação que até mesmo o guia Mandú, apesar de suas origens, teve dificuldades para superar, mais uma vez lembrando, por exemplo, Caminha e a sua Carta, com o relato sobre o primeiro contato com os índios por meio de mímicas, ficando sobremaneira atrapalhado o entendimento verbal pela questão da língua e pelo barulho do mar. Assim como à época da frota de Cabral, na qual chegou a ocorrer o entendimento, inclusive com indígenas aceitando subir a bordo, o guia acabava por garantir que as tais índias eram "mansas", tratando-se de uma tribo ainda "em estado selvagem", que havia "raramente entrado em contato com os viajantes". Mas, em seguida, a interface se aprofundava, com o surgimento de "uma fila de robustos índios, destacando-se no fundo esverdeado da paisagem", presença que gerou "mudo terror", vencido paulatinamente com o sucesso na conversação, com a qual os índios "foram perdendo o receio", o que não deixava de ser uma incongruência, pois quem estava originalmente com medo eram os brancos.

O clima de tranquilidade evoluía, à medida da descoberta que se tratava de uma "nação selvagem mas pacífica", garantindo a entrada na aldeia. Em seguida ocorria o contato com o cacique e, lembrando o velho escambo e a oferta de quinquilharias para os índios, também recorrentes na literatura de viagem, Leal resolvia "obsequiar com um metro de fumo (tabaco) e uma calça e camisa", para obter do chefe dos índios "as boas graças". Ainda que os indígenas passassem a exercer um protagonismo no conjunto do livro, o papel principal jamais saiu das mãos do próprio Oscar Leal que imprimia a si mesmo o protagonismo na narrativa. O próximo passo foi conhecer a filha do cacique,

surgindo então a parceira do tal protagonista. Desde cedo ficava demarcado um ar de mistério em torno dessa personagem feminina, pois ela era descrita como uma "jovem índia muito clara cuja presença me deixou assombrado", havendo ainda um complemento na descrição: "era na verdade uma rapariga selvagem como as outras que ali se achavam, mas eu nunca pudera antever como em uma mulher desta classe pudessem existir tantos atrativos e tantas graças". Em síntese, não poderia existir uma indígena com atributos de beleza, demarcandose um evidente preconceito de fundo racial, tão em voga na época e que foi repetido por Leal em diversas oportunidades.

A "bela selvagem" chamava-se Aygara e sua relevância na narrativa era tão significativa que ela chegaria a ocupar um dos lugares mais especiais do livro, a capa do volume. Ela teria aproximadamente quinze anos, entretanto, "o seu físico tivesse chegado a elevado grau de desenvolvimento". Está certo que para os padrões da época, em tal idade muitas mulheres já estavam casando, mas o olhar de Oscar Leal se revelou cobiçoso desde o primeiro momento, em relação a uma menina ainda jovem. Em seguida ele declarava que tinha um "desejo imenso", mas que, supostamente, não seria carnal, pois estaria a desejar apenas "poder compreendê-la, de conhecer a sua língua, para ouvir a sua história", em clara suavização de qualquer possível tensão sexual que se pudesse estar criando. O próprio autor se perguntava sobre a razão de tamanho interesse, o qual se tratava apenas de uma estratégia narrativa para a continuidade do desenrolar do enredo.

Os encantos com Aygara permaneciam, sendo ela descrita como portadora de um "olhar doce de selvagem". O encontro com os indígenas foi encarado pelo escritor com júbilo, dizendo-se "imensamente feliz com o acolhimento que os índios nos haviam feito, e desejoso de permanecer entre eles, para conhecer algo da vida selvagem". Parecia que o espírito do estudioso e naturalista voltaria a predominar, ao buscar extrair da experiência conhecimentos de ordem etnológica e antropológica. Um novo personagem que teria alguma relevância na trata surgia, era Yauay, irmão de Aygara. Em uma nova possibilidade de travar contato com o cacique, Oscar não teve dúvidas, preparando-lhe um novo presente composto de duas garrafas de aguardente — os estereótipos permaneciam.

A partir daí a expectativa de um meticuloso estudo dos hábitos, usos e costumes dos índios caía por terra. Oscar Leal optava de vez pela versão romanesca, beirando a fantasiosa. Sugeria o autor que o cacique insistia que ele escolhesse uma "esposa" entre as índias, chegando a haver uma espécie de "concurso de beleza" com as possíveis candidatas, em uma escolha que não poderia recair sobre outra que não fosse Aygara. A próxima cena detalhava o que poderia ser um ritual apinajé para celebrar o casório, o qual uma vez concluído, não houve qualquer referência a algum tipo de intercurso carnal, em clara prática de uma autocensura de parte do autor. Afinal ele poderia estar desviando-se dos caminhos do estudioso naturalista, apelando para uma versão romanceada, mas não deixaria o enredo descambar, ao menos abertamente, para o que poderia ser considerado como pornografia.

Do "casamento" em diante, o protagonista parecia ter perdido a atração pela "esposa", mas mantinha o interesse pelas suas origens. Algumas outras incongruências se reforçavam na questão da necessidade do guia-tradutor, às vezes presente, às vezes não, na realização das conversas. Além disso, os diálogos travados com Aygara eram traçados com uma linguagem vernácula, sem um cuidado mínimo para representar possíveis dificuldades de comunicação e, fundamentalmente a forma de falar da índia que teria de estar longe da formalidade expressa. Ainda assim, Leal descobriria o segredo de Aygara, em verdade ela fora adotada pelo cacique, pois era filha de uma mulher branca e o pai poderia ser um membro de respeitável família goiana. Estava resolvido o segredo que compunha a trama, bem como ficava garantido que o protagonista não se casara com uma índia, ao menos do ponto de vista racial.

O desinteresse pela "esposa" tornava-se crescente até chegar à ojeriza, com a descoberta de que ela tinha predileção por comer gafanhotos, em um momento de alívio cômico do enredo. De bom coração, Leal lembraria que outros povos tinham gostos alimentares estranhos e duvidosos para os seus padrões, de modo que resolveria "perdoar" aquele desvio comportamental, encarado apenas como uma questão de paladar. A trama romanceada persistiria com o surgimento de nova índia, Cararay, sobre a qual Leal lançou um olhar cheio de cupidez, apesar de garantir que seu interesse era meramente platônico. O triângulo amoroso só foi evitado porque Aygara passou a vigiá-lo constantemente. O "casamento" parecia desgastar-se cada vez mais, chegando Oscar a salientar a companhia da "índia-esposa" como inconveniente, embora

ela se acalmasse com o espelho que lhe presenteara. Em outras palavras, conforme vinha se repetindo recorrentemente, os índios ainda gostavam de receber espelhinhos, como parte das quinquilharias recebidas.

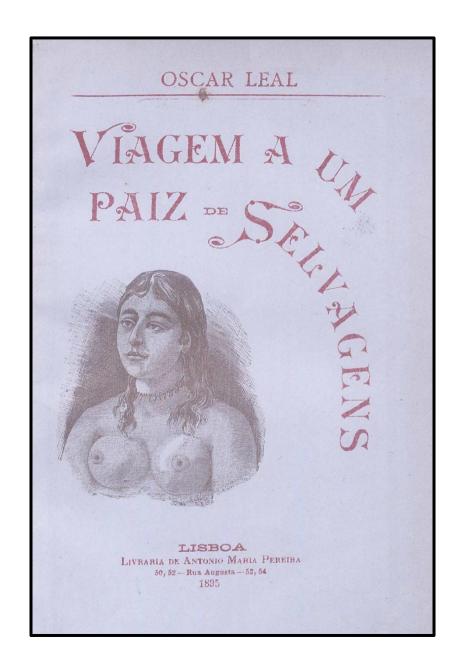
Ainda que fizesse questão de dizer que não se coadunava com a "velha escola", como denominava o romantismo, Oscar Leal não deixava de incorrer em algumas das práticas de tal tendência literária. Uma delas estava articulada com um olhar para o passado, na tentativa de vivificar heróis, no caso dos europeus, os cavaleiros andantes, e, no Brasil, na falta de um medievo, a figura idealizada do índio. Na narrativa de Leal isso vai se dar com o personagem de Yauay, que encarnava a imagem de um corajoso e imbatível caçador, com habilidades extraordinárias para a caça e o enfrentamento de animais perigosos, tudo isso pouco compatível com a tenra idade do menino, ainda uma criança. A trama continuava carregada de aventuras, com caçadas, explorações, bebedeiras e Aygara sempre perseguindo Oscar, chamando-o de "meu amor". Mas a historieta precisava ter um fim e, com o conserto do barco, Leal e seus companheiros de viagem teria de ir embora, sem antes deixar mais alguns presentes de pouco valor para seus hospedeiros e contando com uma despedida emocionada de Aygara e do cacique, além de outra, mais discreta, de Cararay.

Oscar Leal que tanto se queixava dos sacrifícios que fazia para empreender suas viagens, mais uma vez se internou em meio às florestas, com todas as dificuldades que isso representava, mas perdeu uma excelente oportunidade de realizar um estudo apurado sobre uma sociedade indígena. Não chegaria a ser o caso da realização de um tratado antropológico sobre os

apinajés, até porque ele não tinha tal intento, mas uma descrição menos ou mais detalhada sobre o que vira, não deixava de ser possível. Ao invés da aplicação de algum pressuposto de cientificidade, como era de seu gosto e ele viria a fazer no capítulo imediatamente seguinte à narrativa sobre os apinajés, quando tratou da origem dos índios na América, esforçando-se para defender a tese da autoctonia, Leal optou por um caminho radicalmente diferente.

Ainda que tenha denominado um de seus capítulos de "Vida selvagem", os esforços de Leal para manter uma versão minimamente científica não aconteceram. Ao invés disso ele optou por uma narrativa romanceada, assumindo um protagonismo e designando lugares para os demais personagens no enredo que tecia. Diante disso, ao menos nessa parte sobre os indígenas, seu livro perdia a feição de literatura de viagem erudita²⁸, que ele muitas vezes intentou sustentar, para adquirir um aspecto fantasioso, colocando em dúvida até mesmo o tal encontro com os apinajés, afinal se os indícios nos detalhes pareciam rondar o ficcional, também o todo do conteúdo poderia estar aquém do real. Oscar Leal adotava a versão do bom selvagem, a qual foi defendida por vários estudiosos, mas ao invés de estudá-lo sobre tal prisma, preferiu escrever uma peça romanesca e folhetinesca. O afã de cair no gosto do público leitor falou mais alto e o naturalista cedeu lugar ao romancista.

²⁸ CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias*. Coimbra: Almedina; Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 2002. p. 48.



$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

VIAGEM A UM PAÍS DE SELVAGENS²⁹

OS APINAJÉS

Da foz do Araguaia até Alcobaça há uma seção verdadeiramente impraticável por causa das grandes cachoeiras de Tocumaduba, Vita Eterna, Itaboca e Guaribas. Nas alturas da ilha do Leal há um belo remanso e a passagem, procurando-se as margens, é franca para os barcos e canoas, apesar do redemoinho que se encontra.

A navegação a vapor nesta seção, que se estende da Praia da Rainha até Alcobaça, é impossível para vapores e é justamente entre estes dois pontos que se planeia a construção de uma estrada de ferro marginal.

O leito do rio neste estirão é mais ou menos pétreo e durante o tempo de vazante ou seca, numerosos são os cachopos e penedos a descoberto, formando perigosos redemoinhos e travessões. Tais são as informações colhidas e que julgo podem interessar a alguns leitores.

O Dr. José Feliciano, engenheiro incumbido pela Companhia Viação Férrea e Fluvial do Araguaia e Tocantins de verificar os estudos do Dr. Lago

²⁹ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 104-150.

feitos creio de 1872 a 1876, partiu ultimamente em 24 de maio de 1893 do Rio de Janeiro, chegou a Belém no dia 7 de junho, seguiu Tocantins acima a 15, chegou a Alcobaça a 18 e depois de dois meses de estudo regressou ao Rio, sendo o seu relatório publicado e outubro no *Diário Oficial* de onde passo a extrair os seguintes tópicos:

Logo no começo do seu trabalho, diz o mesmo engenheiro que a estrada de ferro, que deve contornar as cachoeiras, pode ter o seu ponto terminal 10 quilômetros abaixo da praia da Rainha porquanto as cotas de sondagens do meio do canal variam ali entre 28 e 20^m, de profundidade, margem esquerda 5 a 9^m, margem direita 3 a 4^m. Velocidade da água 0^m, 266 por segundo.

Descrevendo os travessões do Seco Grande, Tauirizinho e Mãe Maria declara que os primeiros não impedem a navegação de lanchas a vapor porquanto têm canais de 30 a 60 metros de largura, profundidade não menos de 2^m, 10 e que a maior velocidade da água na superfície de um deles é de 1^m, 312 por segundo.

O último travessão exige melhoramentos. Toda a seção do rio é obstruída de margem a margem por bancos de pedras. A questão reduz-se a eliminação das pedras que obstruem o canal.

Ao desembarcar uma tarde, fizemos pouso na margem esquerda do rio, na foz de um pequeno braço ou afluente cujas margens eram cobertas de lindíssimos castanhais – *Bertholetia excelsa* da família das Lecitidáceas. Algumas árvores tinham seguramente mais de cem pés de altura.

Apanhamos ao acaso algumas nozes, cujo tamanho é idêntico ao do coco da Bahia. Conheço outra espécie da mesma família, a Sapucaieira — *Lecythis grandiflora* — cujo fruto apenas sazonado deixa a casca abrir-se, espalhando-se no solo as suas sementes.

Parecia-me estar já bastante fatigado da viagem e sentia vontade de regressar.

A foz do Araguaia devia estar a pequena distância. Não tínhamos, porém, quem nos ministrasse informações. Nenhuma ubá havíamos encontrado neste percurso, dessas que costumam descer da cidade da Palma ou da Boa Vista em Goiás.

A viagem até Palma, segundo me informaram vários viajantes, é muito dificultosa e demorada.

Levam geralmente um ano para fazê-la, ida e volta até o Pará.

Receava que nos viessem a faltar víveres e o nosso barco, tendo sofrido alguns choques na véspera, estava fendido, sendo forçoso de vez em quando calafetá-lo, o que não impedia a água de penetrar novamente e ser alijada fora.

Ao anoitecer desse dia, fomos surpreendidos pelos rugidos de onças, que vagavam nas proximidades do nosso pouso, ocultas pelos matos em um sítio elevado. Passamos a noite à la belle etoile.

Cardumes de botos desciam ou subiam o rio, ferindo de instante a instante o lume da água e deixando-nos contemplar de relance parte dos seus corpos.

A noite estava belíssima e na transparência deste céu tropical, as estrelas amontoavam-se, brilhando intensamente.

Como de costume, entreguei-me à pesca até tarde. Os melhores e mais saborosos peixes haviam caído nos nossos anzóis e antes de dormir assamos alguns curimatãs, armando-se depois as redes de forma a passarmos a noite livres da visita das onças.

Decididamente esta vida agradava-me e sentia prazer toda a vez que provava um fruto desconhecido, um peixe que ainda não caíra antes na minha rede ou no meu anzol.

Se uma ou outra fruta, uma ou outra caça não agradava ao paladar, provava no entanto o que não vira noutra parte e sobre o que não podia dizer – conheço melhor ou pior.

Com os produtos nativos desta zona não podia estabelecer comparação de espécie alguma. O que podia asseverar é que o curimatã bem preparado é tão saboroso como o salmonete do mediterrâneo, o *mapará* tão apreciável como o chicharro da Madeira, os moluscos tão apetecíveis como as ostras de Cancalle ou de Marennes.

Ao anoitecer do dia imediato, Mandú veio pesarosamente avisar-me de que o barco estava cheio de água e que seria uma imprudência continuarmos a viajar nele subindo o rio, sem primeiro serem deveras reparadas as avarias.

Tínhamos à nossa disposição apenas uma igarité, canoa de um só pau, que mal podia conter duas pessoas e que trazíamos a reboque, para pescarias. A nossa situação era grave; mas, felizmente, no fundo do barco havia uma caixa de ferramentas e, portanto, o necessário para nos sairmos bem de tal eventualidade.

Postas em terra as cargas que havia, por descuido, ficado no barco, começaram logo a faina do conserto, ficando eu certo de que só dali a três dias poderíamos regressar ou continuar a nossa viagem em demanda da foz do Araguaia.

Enquanto, pois, os dois remeiros tratavam de cuidar do conserto do barco, meti-me no igarité, ordenando ao Mandú que trouxesse também as suas armas e partimos pelo tal braço ou afluente do Tocantins em cuja embocadura havíamos pernoitado.

Apenas tínhamos vencido umas duas léguas rio acima, eis que novas e surpreendentes belezas se nos deparam. Ora mais largo, ora mais estreito, o rio apresenta as suas margens cobertas de verdejante vegetação e às vezes pequenas campinas se estendem ao longe, bordadas por lindíssimos palmares.

O sossego, que muitas vezes sentíamos envolver as margens do Tocantins, era agora quebrado pelo canto contínuo de numerosas aves, que esvoaçavam tontamente sobre nossas cabeças. As praias cobriam-se de bandos de aves aquáticas e de pequenos jacarés estendidos sobre a areia.

Repentinamente, a nossa atenção foi despertada pela presença de um grupo de três índias que se banhavam próximo de uma praia e que, ao avistarem-me, pareceram inquietas, sem contudo fugirem ou tratarem de se ocultar. Imediatamente Mandú aproximando-se com a igarité dirigiu-se-lhes participando que andávamos caçando *u iucá che miara*, e que tínhamos deixado os companheiros na barra do grande rio e elas responderam logo distintamente... *natai kini*, demonstrando assim que estavam possuídas de alegria e fazendo um sinal que esperássemos, sumiram-se a correr pelo bosque a dentro.

- São provavelmente mansas essas índias, disse Mandú, sendo ele de opinião que se tratava com certeza de uma tribo aldeada a pequena distância daquele ponto e cujos indivíduos, conquanto em estado selvagem, têm raramente entrado em contato com os viajantes que sobem e descem o Tocantins.

Sem mais demora encalhamos a nossa igarité na areia fofa da praia e saltamos em terra. Galgando uma pequena elevação, divisamos um longo charco coberto de plantas aquáticas, que parecia por sua vez comunicar-se com o rio por um estreito canal, fechado por uma arcada verdejante e florida.

Certos quase de que não havia perigo em nos afastarmos daquele sítio, descemos a pequena elevação e penetramos na floresta à nossa esquerda.

Poucos passos tínhamos dado, quando subitamente vimos erguer-se do solo e detrás das árvores uma fila de robustos índios, destacando-se no fundo esverdeado da paisagem.

Naquele momento, senti-me apossado de mudo terror, e ouvi Mandú sem perda de tempo gritar³⁰:

Teen curi penhê se quihi chima yané monha nem maã penhê arama.

Isto é: que não tivessem medo, porque não lhe íamos fazer mal.

Imediatamente, um índio novo e corpulento se destacou do grupo e dissenos, batendo com as mãos nos peitos e demonstrando nada haver compreendido:

- Apinajé cramatú.

E logo todos se foram acercando principalmente de mim, curiosamente.

Apenas quatro dos mais idosos estavam armados de arcos e flechas.

Pouco a pouco, foram perdendo o receio de que pareciam possuídos e chegando-se a mim, empregavam toda a sua atenção no meu *pince-nez* e examinavam a bolsa em que conduzia munições.

Mandú, se bem que compreendesse bem a língua geral e os diferentes dialetos, parecia lutar com dificuldades, e só depois de os ouvir trocar várias explicações, durante as quais o índio de há pouco pronunciava mal uma ou

_

³⁰ O autor escreve como melhor lhe parece ter ouvido pronunciar as palavras, desviando-se o mais possível das alterações produzidas pela fonética do português americano.

outra palavra em português, vim a saber que este era o filho do *Pai* (chefe) dos apinajés, cujas malocas estavam situadas atrás de uma pequena montanha, que tínhamos quase à vista.

Estranhei isso, porque tinha então bem na memória que a nação dos apinajés fora, a título de catequização, aldeada anos antes em um dos pontos para tal fim destinados no alto Tocantins e Araguaia.

Soube, porém, depois que se tratava apenas de um grupo de cem a duzentos índios de lá escapos, antes ou depois de aldeados, e que constituíram ali uma nova aldeia, que então prosperava como nação selvagem mas pacífica.

Satisfazendo o desejo que os índios manifestaram de me ver levar à presença do *Pai*, cacique ou *tuxaua*, contornamos o morro e, dentro em pouco tempo, entrávamos na pequena aldeia. O terreno nessa direção elevava-se suavemente, formando pequenas colinas.

Já havia notado que o filho do *tuxaua* tinha uma cor bronzeada, muito mais clara que a dos outros, por isso grande admiração me causou quando, ao ver seu pai, notei que a sua cor era tal e qual a dos outros índios.

Era um velho ainda forte apesar da idade. Nos seus robustos músculos e formas atléticas, descobria-se um homem que pouco havia perdido da sua juventude.

Tinha um ar grave e doce, que inspirava respeito e confiança.

Recebeu-me o *Pai* ou cacique sem grandes honras em sua palhoça, e por intermédio de Mandú fiquei ciente de que desejava ele saber o que pretendia nas suas terras.

Servia também de intermediário na conversa, um outro índio que mais me pareceu pelo seu aspecto ser um prisioneiro de guerra ou aliás pertencente a outro tribo que um puro apinajé. Demais, Mandú parecia entender-se melhor com ele, que com os mais.

Confuso e comovido com o que se passava ao redor de mim, voltei-me para Mandú e fi-lo informar ao cacique do que nos havia sucedido e que andávamos a matar o tempo caçando.

Logrou bom êxito a resposta.

O cacique estava tão nu como todos os seus e apenas à cintura trazia um pedaço de pano mal tecido e à cabeça um boné de soldado com o nº 20, perfeitamente conservado e que reconheci ter pertencido a uma praça do 20º batalhão de infantaria estacionado em Goiás.

Desejoso de o obsequiar com um metro de fumo (tabaco) e uma calça e camisa, para dele obter as boas graças, fiz-lhe ver que necessitava regressar ao ponto onde estavam os outros dois camaradas ocupados no conserto do barco.

Ia-me pois despedir quando vi aproximar-se de nós uma jovem índia muito clara cuja presença me deixou assombrado. Era na verdade uma rapariga selvagem como as outras que ali se achavam, mas eu nunca pudera antever como em uma mulher desta classe pudessem existir tantos atrativos e tantas graças, pelo que desde logo me foi dado conhecer.

– É minha filha, disse-me o cacique.

Ao que ela logo contestou.

- Sim de papá.

E compreendia a minha língua?!

Aygara, tal era o seu nome, representava contar as suas quinze primaveras se bem que o seu físico tivesse chegado a elevado grau de desenvolvimento.

Aygara, aproximando-se mais, estendeu-me as mãos sorrindo-se como se uma satisfação enorme a abalasse profundamente.

Eu sentia então um desejo imenso de poder compreendê-la, de conhecer a sua língua, para ouvir a sua história que na realidade devia ser interessante se é que mal entendia o português.

Quem seria sua mãe? Onde estaria ela? (porquê tal interesse...?)

Se existia porque se não achava ali?

Se era uma mulher quase branca ou mestiça como pelo menos se tornava forçoso crer, porque forma teria vindo parar entre os apinajés?

Ora esta ânsia me dilacerava e um desejo intenso de tudo conhecer me impelia para o lado de Aygara.

Mandú olhava-me surpreendendo a minha admiração, e sorria-se maliciosamente.

Depois de alguns instantes resolvi voltar ao acampamento.

Despedi-me do cacique e de Aygara e parti para a praia acompanhado de Mandú e de um grupo de índios.

Aygara ficava triste ao lado de seu velho pai, sentada sobre um tronco de *najá* e seguindo-nos com um olhar doce de selvagem que parece ter recebido vagas noções de uma vida bem diferente da que fruía.

Durante o tempo de minha curta permanência ali pareceu-me ter compreendido alguma coisa do respeito que todos os índios lhe tributavam.

Chegados à praia, Yauay, o irmão de Aygara, mostrou desejos de nos acompanhar, ao que logo acedi, apesar de temer um excesso de peso na frágil embarcação.

Acomodados o melhor possível, partimos dali para o acampamento, onde chegamos sem novidade por volta das duas horas da tarde.

Os companheiros, pouco ou nada haviam feito no conserto do barco, e apenas lhe tinham calafetado de novo e provisoriamente o fundo.

Em todo o caso, foi de grande vantagem esta lembrança, porque imediatamente tratei de mandá-lo encher as nossas cargas, afim de seguirmos em direção à aldeia dos apinajés.

Estava resolvido a demorar-me ali alguns dias, enquanto se fazia um conserto perfeito, de maneira que o barco nos oferecesse segurança durante o nosso regresso a Cametá ou ao Pará.

Demais, eu julgava-me imensamente feliz com o acolhimento que os índios nos haviam feito, e desejoso de permanecer entre eles, para conhecer algo da vida selvagem.

Dentro em pouco, após ligeira refeição, partimos todos na direção desejada.

Mandú continuava a lutar com dificuldade, para se fazer compreender dos apinajés, por causa da notável diferenças de dialetos.

AYGARA A FILHA DO CACIQUE

O irmão de Aygara mostrava-se muito simpatizado comigo, e de vez em quando lançava uns olhares desconfiados sobre a minha bela espingarda, que jamais abandonava. Sucedeu que, ao subir o rio, avistamos um veado que atravessava a nado, de uma margem para outra.

Erguendo-me, apontei e fiz fogo, tão feliz na pontaria, que o animal, ferido gravemente, mal podia conservar-se à superfície até que aproximando-nos o prendemos pelas pontas. Yauay ficara encantado trocando algumas palavras com Mandú por intermédio de quem soube o que me desejava dizer.

- A tua arma é muito boa, porém, as nossas têm a vantagem de não espantar a caça evitando-se a detonação.
 - E onde tens as tuas armas? Perguntei.
- Em minha *cricam*. Eu te as mostrarei. Não há *robocrori* e *hocreyuti* que escape à *crúa* de meu arco. A mais veloz *agoraty* cai quando quero da maior altura que a que tem o *burity*.

Seguíamos nós assim rio acima em admiração recíproca, quando, ao chegarmos próximos do porto dos apinajés, um dos remeiros deu aviso de alerta, por causa do barco que parecia cada vez fender-se mais, pois a água entrava nele com fartura.

Uma vez na praia, reconhecemos que a embarcação estava imprestável e isto causou-me grande aflição, mitigada aliás pela satisfação do desejo que sentia de poder passar alguns dias em companhia dos índios.

Era necessário fazer-se um conserto em ordem, perfeito, seguro, de forma a tornar a embarcação capaz de sustentar todo o peso sem perigo de novas refregas.

Os índios mostravam-se satisfeitos com a nossa presença e compreenderam o perigo a que nos expúnhamos, se continuássemos a viagem sem que fosse seriamente reconstruído o casco da embarcação.

Yauay levou-me novamente para a taba e indicou-me uma *cricam* para habitar, ficando os meus camaradas nas palhoças ou ranchos que deveriam construir em poucas horas.

Fazendo recolher as cargas e mais utensílios de viagem, estendi a minha rede de dormir e breve encontrei-me em atitude de descanso.

Dentro em pouco, veio um índio prevenir-me por intermédio de Mandú de que o cacique viria ver-me e saber o que desejava.

Já eu o havia mandado presentear com um metro de fumo e outros objetos, pedindo para repartir com os seus o conteúdo de duas garrafas de aguardente.

Assim não foi para admirar que o visse chegar ao meu casebre meio cambaleante, porque já experimentara o precioso líquido e que, sentando-se a meu lado lhe ouvisse dizer:

– Irmão, sei que tens de viver conosco o tempo preciso para consertares a tua embarcação, portanto é preciso que tu e a tua gente escolham mulheres.

O caso era deveras interessante; mas o mais interessante foi quando percebi que o patife do Mandú já havia escolhido a sua, tanto que a tinha a seu lado e impelia-me a fazer outro tanto, a fim de cairmos nas boas graças do cacique e dos seus.

É que os índios entendem que o homem não pode viver sem companheira, e isto era uma prova de franca amizade para conosco.

- Mas n\u00e3o temos n\u00f3s porventura, ponderei, de regressarmos \u00e0s nossas terras?
- E que importa, voltou o cacique. Porventura lá não tinhas tu a tua ou tuas mulheres? És acaso virgem?
 - Pois bem, caro cacique. Não vês que ao partir teremos de as deixar?
- Parte quando quiseres. Tua mulher será de outro que a queira. Enquanto for tua é só tua. Tenho a minha filha, posso dar-te-á da melhor vontade, mas quero que tu mesmo escolhas a que mais te agrade.

Neste momento eu senti alguma satisfação, porque uma curiosidade infinda me impelia para Aygara.

O cacique parecia ter certas noções da língua portuguesa; embora mal, pronunciava algumas palavras, o que me deixava perceber que já havia convivido entre gente nossa.

- Pois bem, grande cacique, disse afinal, manda vir à minha presença todas as donzelas da tua tribo. Quero escolher a que mais me agrade.
- Sim, tornou ele, mas antes quero que me digas de onde vens, se das bordas do grande rio ou das terras além dos grandes mares.

Que desejava o cacique dizer com isto?

Com certeza referia-se ao oceano.

Acaso algum europeu havia já convivido entre eles? Como deveria eu responder a fim de ser pelo chefe dos apinajés bem aceita a minha resposta.

– Não, respondi, eu não sou de além dos grandes mares. Sou destas mesmas terras que habitas e que se chamam americanas, separadas apenas pelos grandes rios.

Um sorriso de contentamento assomou na face do cacique. E erguendo-se, disse-me que esperasse, que ia satisfazer a minha vontade.

Original tudo isto, pensei comigo.

Quando havia de julgar que aos vinte e cinco anos de idade, na flor da vida, cheio de esperanças, em plena mocidade, teria de escolher noiva entre os selvagens.

Eu casar-me!

Que de milhares de apreensões principiaram então torturar-me o cérebro. Quem me havia de afirmar que depois a mulher me quisesse seguir, abandonar os seus, contra os usos da tribo e meter-me em grosa alhada, fazendo-me pagar com uma traição o carinho do agasalho e da hospitalidade recebida?!

Mas enfim, eu havia de encontrar saída para tudo. A minha boa estrela não me havia de abandonar.

Demais, tratava-se como diziam os índios de ter a sua mulher.

O que mais temia era o patife do Mandú, meu guia de confiança, se metesse em largas aventuras e abandonasse o meu serviço. Verdade é que ele contentara-se bem a gosto com uma mulher de cabelo solto o que quer dizer que não era de primeira mão.

Dentro em poucos momentos à frente do meu *quiosque*, como desde logo denominei a minha habitação, era invadida por um grupo de trinta índias novas e algumas belas, todas de cor bronzeada, destacando-se o vulto airoso e simpático da filha do cacique.

Que situação!

Isto estava-me custando, mas afinal, decidi-me a passar no grupo uma minuciosa revista tomando a coisa por mero passatempo, porém, ao acercar-me delas, agradando-lhes com uma mímica especial, fui surpreendido com o barulho que fizeram em volta de mim, buscando todas quererem examinar o meu *pince-nez* e uma por uma não descansava enquanto o não sentava cada uma no seu nariz sem poder perceber qual o proveito a tirar do seu uso.

Aygara estava de todas a mais inquieta e não cessava de me fustigar para preferi-la.

Decididamente acabei por gostar da brincadeira e julgava tratar de um torneio de beleza, diante daquelas formas plásticas expostas a meus olhos e livres das bárbaras confecções das mais afamadas modistas do mundo.

Finalmente, para terminar com a exposição, pedi que se retirassem, que depois eu me entenderia com o cacique sobre a *eleita do meu coração*.

– Ora esta, disse a sós comigo. Querem que escolha companheira, que me case. Pois caso-me. É um fato muito natural.

E como ia achando até certa graça em tudo isto disse ainda:

– Caso-me até com dez mulheres se quiserem. Tenho coração para muito mais.

.....

Apenas restavam do sol enfraquecidos raios, que vinham cobrir as formosas copas floridas das *tapys*, quando o cacique sendo sabedor da minha participação de que preferira a mão de sua filha, me mandou convidar para ir até à sua grande *cricam*.

Chegado ali, convidou-me Aygara a assentar-me num jirau, cujas estacas estavam cravadas no solo e sobre o qual estava estendida uma pele de onça pintada. Era este o seu leito.

Então Mandú, que não me abandonava um momento a fim de me orientar do que ouvia, disse-me que desejavam que eu bebesse *cauim*, bebida fermentada feita de mandioca.

Absolutamente resolvido a seguir à risca os conselhos de Mandú, respondi que sim, aceitando um *cuité* que levei à boca cheio da tal bebida.

Infelizmente uma ânsia de vomitar fez-me devolver o presente e desejando lavar a boca com outro líquido corri ao quiosque que estava guardado

por um dos camaradas, e tirei de um garrafão alguns goles de aguardente de cana com que lavei a boca.

Nesta ocasião, notei que o garrafão tinha já sido visitado por alguém e repreendendo o vigia, pu-lo de sobreaviso para outra.

Era preciso todo o cuidado, não só com os índios, como com a minha gente; pois embriagando-se podiam cometer excessos de que deveriam resultar funestas consequências.

Quando ia voltar à casa do cacique, notei que um grupo de índios se dirigia para as proximidades do quiosque, onde fizeram arder uma fogueira que dentro em pouco iluminava com seus clarões todos os ângulos da pequena *taba*.

Aygara, seguida do *Pai* e de Yauay vinha também ao meu encontro e algumas índias, formando roda, nos colocaram ao centro gritando e movendo-se sem que eu pudesse perceber o que diziam.

Um índio de aspecto grave e idoso, trazendo o corpo pintado de encarnado e preto, que até então não vira, acabava de surgir e diante do grupo desenvolvia a sua mímica para mim incompreensível. Ora deitava-se de bruços, ora perfilava-se de pé erguendo os braços, apontando para a lua que acabava de surgir resplandecente no espaço.

Este indivíduo era o *pajé* dos apinajés, isto é aquele que exercia as funções de médico e talvez de sacerdote.

As índias que formavam a roda sempre em movimento executavam vários requebros e esgares, ora avançando ora retrocedendo ao som de um *corimbo*, tambor de madeira oca, em forma de canudo, sendo o diapasão e o compasso marcados pela tal bebida (*cauim*) ou outra qualquer o que parecia originar a excitação dos convivas.

Mandú, para provar a sua afeição aos índios, recordava-se talvez do tempo em que vivera com eles nos bosques e abandonando as vestes, com minha permissão entrou na festança, trazendo à cintura uma tanga feita com um pedaço de coberta encarnada cuja cor despertava a atenção de todos.

Uma das índias que mais alegremente parecia acompanhar a festança, desprendendo-se da roda pôs-se a bater os cotovelos um no outro sem dificuldade e cantou por duas vezes estes versos que Mandú me forneceu em língua geral:

Cimirá miri pénima Pacará miri popé Tomara cepenima Y cheporang inéiaué.

Eis mais ou menos o que significa

Passarinho meu pintado Que está preso *pelos pés* Quem me dera ser pintado E ser lindo como és.

A festa continuou ainda por algum tempo até que repentinamente vi mudar de aspecto tão singular espetáculo. A lua descobria-se brilhante sobre nossas cabeças e os seus raios enchiam de luz todos os recantos da quieta aldeia. Índias e índios formando duas cerradas fileiras avançavam e retrocediam em nossa frente tendo cada um em seus braços uma criança de tenra idade que ofereciam ao astro da noite.

Este movimento cerimonioso era seguido de cantos e coros repetidos, sobressaindo o ruído produzido por uma cabaça (*macará*) cheia de pedras e sementes e que um deles sucessivamente agitava.

Nesta ocasião, notei que se muitos eram aqueles que tinham as orelhas deformadas com os lóbulos cortados em tenra idade, outros, no entanto, pareciam ter abolido tal uso ou distintivo de tribo.

Fatigado de permanecer de pé ali no meio daquele gente bárbara, julgueime feliz quando Aygara me convidou a assentar sobre a grama verde que cobria o solo no centro da praça. Daí, passamos para um grande rancho, espécie de casa de reunião, onde, sobre uma esteira de taquara, estavam dispostos apetitosos manjares, sem dúvida mais bem adequados ao paladar indiano. Tigelas e pratos de diversas formas, adornados de toscas figuras de flores, frutos e animais continham diferentes iguarias compostas de peixe, bananas verdes, maduras e assadas, ovos de tartaruga, mandioca, milho verde e carne de cotia e veado, tudo colocado simetricamente.

Aygara tratou de servir os melhores petiscos, demonstrando desde logo o seu carinho com um cuidado e uma modéstia que não podia absolutamente ter que esperar de si. Yauay parecia sentir prazer em acompanhar sua irmã nos

cuidados que lhe inspirava. Infelizmente eu entregava-me apenas ao sacrifício de uma prova no que acreditava demonstrar a minha gratidão.

Afinal, achando por demais prolongada a festança, resolvi terminar a função presenteando os convivas com um pouco de aguardente.

Ao surgir com o garrafão, quis o cacique incumbir-se da distribuição, mas quase sempre cada vez que o fazia provava o famoso líquido de modo que ao terminar vi-o levantar-se cambaleante, sendo preciso que dois índios o levassem aos ombros para a sua habitação.

As outras índias conduziram então Aygara para o *cu-pipi* (esteira) estendida debaixo da minha maca, onde já me achava em atitude de descanso, retirando-se todas em seguida e deixando-nos em paz. Estávamos casados (segundo o uso índio bem entendido).

VIDA SELVAGEM

Quando despertei na manhã seguinte, rompia a aurora com todo o seu cortejo de esplendores.

O sono havia restabelecido minhas forças e o generoso acolhimento dos apinajés tinha infundido em mim certa disposição para a alegria e não pensava senão em último caso disfrutar tão galharda hospitalidade.

Passadas, porém, as primeiras horas do dia, senti-me mais ou menos incomodado. Doíam-me as articulações, custando-me a fazer quaisquer movimentos.

Aygara percebeu isso e avisou-me de que iria buscar o *pajé* para que me curasse. Preveni-a de que não o fizesse, e abrindo uma mala, tirei dela a minha ambulância, engolindo logo alguns grânulos de quinina como preservativo.

Mandú acabava de chegar neste momento, trazendo-me café de que a meiga índia bebeu, achando deliciosa tal bebida.

Mostrava-se ela muito admirada dos nossos usos, mas dando a perceber que o seu espírito estava mais ou menos preparado para as impressões de todo o gênero, e muitas vezes fazia esforços por se recordar de uma ou outra palavra em português, a fim de que melhor compreendesse as suas intenções.

Nessa ocasião julguei acertado interrogá-la, pois, desejava conhecer a sua história, e sobretudo, do fim que levara sua mãe.

Fazendo um movimento com a cabeça que traduzi por um suspiro, Aygara inclinou-se relatando-me assim o que sabia, não, sem ter primeiramente verificado que ninguém a ouviria além de mim.

– Houve um tempo, segundo é tradição entre nós, em que foram felizes os apinajés, porque não conheciam as necessidades, senão aquelas que podiam satisfazer sem distinção; porém, esse tempo passou e os frades chamando-os à civilização, como diziam, os obrigaram a crer em um Deus, para eles antes estranho, oferecendo-lhes doutrinas que não compreendiam, frivolidades que

desconheciam, cultivando-lhes o gosto para elas. De despretensiosos e sãos que eram, passaram a ser invejosos e maus, perdendo muitos, pouco a pouco, a sua antiga inocência e boa fé.

Os apinajés, que a princípio se julgaram felizes, acolhendo hospitaleiramente os tais frades missionários, filhos das terras além dos grandes mares, tarde reconheceram o erro em que caíram, e choraram de arrependimento por não terem imitado os xavantes e xerentes, que os repeliram por mais de uma vez, defendendo a sua independência e expulsando-os de suas terras.

O cacique foi sempre por eles maltratado em virtude de ter como mulher uma rapariga branca e bela, que prendeu em uma longa excursão feita com alguns companheiros até as cercanias da capital de Goiás.

Como minha mãe era ainda nova e bonita, um dos frades, julgando os apinajés completamente subjugados, requestou-a, fazendo-a abandonar a mim e a meu irmão, o que ela fez, certamente forçada e enganada, pois eu já era crescida e lembra-me bem de que vivia satisfeita com a sua sorte e nos dava provas de abnegação e de amor.

Por mais de uma vez os apinajés se haviam intimamente revoltado em vista dos abusos e más práticas a que os tais frades se entregavam. As mulheres temiam o seu poder e sofriam grandes martírios. Os meninos fugiam deles sempre queixosos e desconfiando da sua aparente santidade, quando lhes

conheciam suas perversas e baixas intenções³¹. Assim abriam pouco a pouco o caminho de vícios antes desconhecido.

Depois houve afinal uma grande revolta na aldeia e temendo novos acontecimentos, meu pai combinou com uns cem companheiros, entre homens e mulheres, a fuga, e partiu de lá trazendo a sua Aygara e Yauay e estabelecendo após longa viagem esta nova aldeia onde todos nós temos vivido alegres e satisfeitos. Trocando de novo a malfadada civilização pela quieta e tranquila vida nos bosques, os apinajés hoje só temem um novo encontro com esses malditos filhos das terras além dos grandes mares.

Aqui não há pobres nem ricos, todos são iguais e a necessidade de prover a subsistência faz que procuremos os meios para não morrermos de fome.

Resta-me dizer-te que meu pai foi escolhido para chefe, por ser de todos o mais valente e o mais prudente, e até hoje juro-te que só um tem podido provar entre tantos bravos ser igual a si – meu irmão. Tu próprio hás se te convencer.

³¹ Outros viajantes que têm convivido, não só com apinajés mas com os carajás, e outros índios, tiveram que noticiar tais exemplos. Basta ver o que a tal respeito nos informa o Dr. Paulo Ehrenreich.

[&]quot;Já reparamos que por nenhum dinheiro se desprendem dos filhos, nem mesmo para entregálos a missionários. Em regra, ao aproximarmo-nos de qualquer aldeia, originava-se grande pânico. O Dr. Baggi, que trazia longo guarda-pó branco, era tido por padre, principalmente entre os índios que encontramos abaixo da Leopoldina, e de padre receavam eles, e com razão, atentados contra os meninos. Como rastilho divulgava-se logo a notícia e não nos custava pouco trabalho conseguir que os velhos nos trouxessem outra vez os meninos que tinham ido esconder às pressas nas canoas."

Excursões Fluviais – *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro de 31-1-94.

Apesar de mais moço do que eu, é já um homem e sobretudo um valente e destemido apinajé.

Terminando, Aygara tornou a sair para verificar que mais ninguém escutava, volveu para junto de mim e disse-me quase em segredo e a meia voz:

- Eu não sou filha do cacique.

Esta declaração perturbou-me, e um calafrio profundo percorreu-me o corpo.

- Que dizes tu, Aygara minha, tu não és filha do cacique?
- Não.
- Ah, eu bem adivinhava. Esta tua cor, estes cabelos, estes olhos... Tu és branca Aygara, eu bem o vejo e a palidez que se distingue em ti tem sido adquirida na vida dos bosques, efeito do clima, nada mais. Yauay a quem chamas de irmão sim é mestiço. É filho do cacique. E foi tua mãe quem te ensinou o pouco que sabes da língua que nós outros falamos?
- Sim, foi ela, respondeu-me Aygara, porém, quase tudo tenho esquecido, e se ainda conservo algumas palavras na memória é porque quando quero falar com meu irmão em particular a ele me dirijo neste idioma, que mais ninguém aqui compreende.
 - Mas o cacique então julga que és realmente sua filha?
- Não, mas ele não quer que se diga o contrário, e ama-me como sua própria filha.

- Então, tua mãe...
- ... minha mãe pouco antes de ser por ele roubada como já te disse, havia sido amante de um homem em Goiás. Estava grávida e nunca vivera segundo me disse na companhia do meu pai, que até mesmo deve ignorar a minha existência.

Os suores frios aumentavam e não me julgava seguro na posição em que estava.

Aygara olhava-me admirada do interesse que eu estava ligando à sua história, e pondo as mãos nos meus joelhos, percebi que um raio de luz acabava de iluminar-lhe o semblante.

E antes que eu a interrogasse, baixou os olhos, suspirou e disse-me em voz baixa e pausada:

- Talvez conheças meu pai.

E sem dar-lhe tempo a conjecturas:

- Tua mãe nunca te disse o nome dele?
- Disse-me sim, e eu nunca, nunca o esqueci.
- Diz-me pois como se chama teu pai?
- Antônio Caiado.
- Antônio Caiado! Tu és filha de... Não sei bem... mas parece-me conhecer pelo menos esse sobrenome.

Ao imenso pavor que esta revelação me causou, só me lembra que me ergui febrilmente e cingindo-a em um amplexo depois de a ter bruscamente repelido, exclamei:

- Mundus mundus quam variabilises!

Aygara	pareceu-me	arrependida	de	ter-me	sido	tão	franca	е	temeu	por	um
momento obter o desprezo de seu pai adotivo.											

Enquanto eu me entregava a ligeiras reflexões, Aygara foi e voltou trazendo-me um cabaço cheio de mel de *Mandory*. Agradeci a lembrança e, continuando a sentir-me incomodado, tornei a lançar mão da ambulância e tomei três pílulas açucaradas de Bristol.

Tal desejo sentiu o cacique de provar também uma das pílulas, que não pude deixar de o satisfazer afim de lhe ser agradável.

Todavia, sucedeu que, por descuido, ficasse o vidro fora da caixa respectiva de medicamentos.

O cacique, meio guloso, achando bom paladar na pílula e tomando aquilo por ovinhos de qualquer animalejo, engoliu todo o conteúdo do precioso frasquinho, sem que tivesse podido prever a sua leviandade.

As consequências foram como é de prever, funestas e nem o *pajé* nem ninguém lhe pode acudir a fim de o aliviar, e felizmente devi ao fato de ser *marido* de Aygara, não se revoltar toda a tribo contra mim.

Foi pois este dia, de cruel ansiedade e prestando toda a atenção ao que se passava, sem largar Mandú por um momento, ordenava-lhe sempre que explicasse o acontecimento que não pode ser evitado.

Tão desconfiados são os índios que não quiseram mais aproximar-se do *quiosque* e muito menos tocar em nada do que me pertencia.

Com a graça de Deus no dia imediato, o cacique, embora muito fraco, amanheceu melhor e até me mandou convidar a ir à sua presença.

Não podia ele compreender como sendo as tais pílulas um remédio lhe haviam feito tanto mal, apesar de lhe explicar repetidas vezes o abuso em que caíra.

Ayagara, feita meu anjo da guarda, tratava sempre de me sossegar e às vezes fazia-me rir, quando, sem me compreender repetia, mal uma ou outra palavra que eu pronunciara.

Assim é que tendo eu nessa manhã querido por chalaça demonstrar a simpatia que lhe dedicava exclamei:

- Meu amor!

Agora a tudo me respondia:

Meu amor.

Nunca mais essa palavra lhe fugiu da memória.

Se lhe pedia água – ela dizia.

– Meu amor, se a mandava chamar Mandú, tornava a dizer – meu amor, e assim tudo o mais, dia e noite.

Voltando ao quiosque, depois de sossegar o cacique sobre as suas melhoras, tratei de tirar uma navalha e espelho do estojo para fazer a barba.

Durante a tarefa, Aygara levou todo o tempo a mirar-me e, Yauay que se havia colocado ao lado dela, não tirava os olhos de mim e sobretudo dos utensílios de que me servia. Assim, mal havia terminado a operação, notei que Aygara, segurando o velho espelho numa das mãos, movia-o repetidamente, examinando admirada, suas belas faces e os seus inquietos olhos, na reflexão daquele vidro coberto de aço.

Até aquele dia ela só havia visto o seu rosto nas águas do rio ou de algum lago no meio dos bosques.

Estava encantada e pareceu-me compreender que, ao ver-se ao espelho, sentia ímpetos de orgulho selvagem avassalarem-lhe a imaginação, jugando-se muito superior a todas as companheiras da tribo. Só então é que tal reconhecia, apesar de perceber em Yauay os mesmo traços quase a mesma cor com que a dotou a natureza.

Mirando-se sem descanso, nunca parecia estar satisfeita de o fazer e foi vivamente emocionada, que recebeu a grata notícia que lhe dei de que a presenteava com o espelho, pois possuía um segundo para meu uso no nosso regresso. Ofereci-lhe também um pente que ela conservou desde logo entre os seus cabelos negros como adorno.

De vez em quando, voltava-se para mim e pronunciava mais uma vez as palavras – meu amor, quase sempre fora de propósito, o que me fazia rir.

Farta de ver-se ao espelho, que ela chamava *ankibobuita*, encontrava ela outra distração pouco agradável para mim, atento à falta que poderíamos sofrer quando tivéssemos de regressar.

Descobrindo um pacote de caixas de fósforos, entendeu que devia estar a acendê-los repetidamente e chamando assim a atenção das outras índias que não tardavam em rodear-nos para assistirem à brincadeira. Felizmente acudi a tempo de evitar a continuação do brinquedo, ofertando-lhe uma caixinha que depressa consumiu.

À noite, porém, instado por ela, não pude deixar de satisfazê-la, oferecendo-lhe uma outra, mas avisando-a de que seria a última o que não obstou de continuar a acendê-los para na sua luz mirar-se ao espelho exclamando – *Aygára ayê echagé*, isto é, que se estava vendo a si própria.

Costumavam os índios usar de uma candeias de barro endurecido onde ardia um pavio de paina ou algodão silvestre embebido em gordura de onça e de outros animais. Ayagara, porém, preferia a luz do fósforo, embora fosse de pouca duração.

Uma tarde convidou-me Yauay para uma pescaria num lago a pequena distância da aldeia. Tínhamos que atravessar um descampado sobre o qual esvoaçavam inúmeras *agoratys* (grandes aves).

Ayagara teimara em acompanhar-nos e sempre gritando – Meu amor! Meu amor! Quando lhe fazia o mais insignificante sinal.

Depois de alguns minutos de marcha, chegamos à margem de um riacho, cuja água era constantemente cortada em uma descida pelas rochas depositadas em seu leito.

Próximo daquele sítio havia uma elevação penhascosa, onde vi assentada uma índia nova e bonita e que já chamara minha atenção na aldeia, pela sua atitude sempre triste e melancólica.

Aproximando-me, quis-me parecer que entoava uma canção indígena tendo os olhos fitos no levante e pouco se importando com a nossa aproximação.

Compreendendo a minha curiosidade, explicou-me Aygara que aquela índia, conquanto de outra tribo, era mulher de um apinajé e ralada de saudades pela ausência do marido que havia partido há três luas com alguns companheiros, dirigia-se a *Perudá* deus do amor, na direção em que julgava ele estaria. cantando assim:

Perudá, rudá
Euacá pinaie
Amainé sacú
Euacá pinaié.
Aiueté cuiam
Puxiquera che aicó, etc.

– Também, me disse Aygara, terei de chorar quando partires e quem sabe nunca mais voltarás. Bem vês que os meus não me deixarão partir contigo.

Era este um assunto que bem pouco me alegrava, porque temia sempre não viesse a ser vítima de alguma traição por parte dos índios, destruindo-me os meios de regressar ao Pará.

Assim consolando-a, fazia-lhe mil promessas de nova visita à aldeia e de novos presentes para si e para todos os de sua tribo.

Chegados à borda de um *caapuam*, notei repentinamente que Aygara dava repetidos saltos sobre a grama, abaixando-se e fazendo uns movimentos ligeiros, como se andasse no encalço de qualquer coisa que lhe fugia das mãos.

A princípio supus serem frutas que colhia, mas logo percebi que a maldita *esposa* apanhava gafanhotos, guardando-os em seguida a fim de assar e comer de volta à aldeia.

Senti então vivos ímpetos de repugnância e franzindo o rosto ouvi-a uma vez pronunciar as palavras – meu amor!

- Que te leve o demônio! disse eu.

Mandú, percebendo o meu vexame, disfarçou um sorriso e fez-lhe ver que não me agradavam por forma alguma os seus usos, mas Aygara dissimulando o desejo que sentia de satisfazer a sua vontade, continuava pelas minhas costas a caçar gafanhotos com as mãos e a recolhê-los a uma pequena rede de palha trançada, repetindo sempre as palavras – meu amor.

Afinal de contas, se os espanhóis comem rãs, e outros até lesmas, não era para admirar que os apinajés gostassem de gafanhotos. Questão de paladar.

OS CONVITES DE YAUAY

Logo que chegamos à beira de um $imp\hat{o}$ (lago), cujas águas eram claras, e formado apenas pela depressão do terreno, paramos, e a pedido de Aygara assentei sobre uma $k\acute{e}n\acute{e}$, pedra para melhor assistir à pescaria.

Continuava a minha curiosidade a ser despertada pela ausência dos instrumentos de pesca, de que não iam providos e apenas Yauay conduzia consigo um feixe de cascas de árvore e uma pequenas varas com folhas.

Nem anzóis, nem linhas, nem redes e nem mesmo os artefatos indígenas usados em geral para tal fim.

- Mas como vão pescar por tal forma?
- Como verás, e Aygara não o deve dizer, para assim melhor conheceres com teus próprios olhos.

E saltando na borda da lagoa, começou Yauay a bater a superfície das águas com as varas, cujas folhas se desprendiam em fragmentos, desfazendo-se logo.

Contaminado o precioso líquido com as substâncias e o suco daqueles vegetais, notei que as suas propriedades narcóticas se principiavam a fazer sentir.

Numerosos peixes e até serpentes foram surgindo adormecidos sobre a água.

Ayagara acabava de encher um *samburá* com magníficos peixes, deixando ainda uma grande quantidade abandonada na água sem ligar a isso a menor importância.

– Assim, me disse ela, se *okelein-techira* pesca entre nós. Não perdemos tempo, nem passamos trabalhos para apanhar esses espertos. Quanto àqueles, continuou ela apontando para os restantes, logo que despertem voltarão ao fundo, onde viverão até os prendermos também em outra visita.

Eu estava maravilhado, e mais alegre fiquei, quando Aygara me ensinou a distinguir a famosa planta (*Timbó*).

Durante esta excursão, aumentei as minhas coleções com alguns insetos da espécie de *Megacephala* verde.

Em caminho, quis Yauay mostrar-me a força e certeza de pontaria de que usava, semeando flechas nos ares e matando algumas aves que passavam a boa altura sobre nossas cabeças, com admirável presteza.

Para satisfazer o desejo de Aygara atirei com a minha espingarda, matando alguns patos que mariscavam num charco, mas ela, do segundo tiro em diante conservou as mãos nos ouvidos, para não escutar o estampido e logo depois exclamava – meu amor! meu amor!

Como era um pouco tarde, partimos dali em direção à aldeia, quando nas suas proximidades vi assentada à oriental, junto à nascente dos Buritis, uma índia bastante nova, cujas formas divinais me chamaram a atenção.

Movido pela curiosidade ordenei a Mandú que lhe perguntasse como era seu nome e por ele soube que se chamava a formosa mulher – Cararay.

Esta palavra significava astúcia, segundo me explicou logo Aygara, prevenindo-me de que Cararay era pouco estimada das suas companheiras por ser mais esperta do que elas.

Mostrei desejos de ir até o sítio onde se achava e para isso fui tomando a devida direção, mas Aygara não me permitiu de forma alguma.

Sucedeu que, na manhã seguinte, ao dar o meu passeio matutino, aproximei-me da nascente e lá novamente a fui encontrar, como se tal encontro fosse de antemão combinado.

Cararay soçobrava um púcaro de argila que ia encher.

Era na verdade um esplêndido tipo de mulher e eu não pude resistir ao desejo de ajudá-la a encher o cântaro com as cristalinas águas daquela poética e silenciosa fonte, rodeada de pequenas e copadas palmeiras, cujas copas ainda se apresentavam cobertas de reluzentes gotas de orvalho.

Com estávamos sós, tive de recorrer à mímica para que me compreendesse.

As minhas intenções diante daquele corpo esbelto e selvático eram todas puramente de admiração platônica.

Admirador em extremo das belezas indígenas, julgava-me fascinado por uns olhos como os de Cararay, sombreados de espessas pestanas negras a reluzirem num fundo bronzeado.

Encontrava nesta ocasião mais grandiosidade nas cenas dos bosques entre o pipitar das aves e os encantos desta vegetação tropical, do que se me achasse nos grandes salões, onde quase tudo sempre reluz o que é falso e mentiroso, fruto das sociedades corrompidas.

Cararay ria-se expressivamente ao contemplá-la e passava sobre as minhas as suas mãos bronzeadas com uma meiguice puramente selvagem mas enternecedora.

Não querendo mais demorar-me ali, levei à boca um cabaço cheio de água fresca da fonte e bebi, bebi até fartar... -

Ao erguer-me avistei Aygara, que corria em minha procura e que furiosa se mostrou por ver-me a sós com Cararay, a quem lançou uns olhares de ódio e de despeito.

Regressando à aldeia, seguido de Aygara, que prometia não mais deixarme afastar de si, durante os poucos dias da nossa permanência entre os seus, tratei de preparar-me para uma grande caçada de onças que devia realizar-se nessa tarde e para o que me havia convidado Yauay, que fora avisado e terem sido vistas nas vésperas em um descampado próximo.

Uma vez servido o nosso *timbiú*, constante de carnes secas e farofas, verifiquei que os garrafões de aguardente estavam vazios, porém, não haviam sido os índios que neles tocaram

Era a minha própria gente que caíra em falta.

Usando de prudência e como nenhum excesso fora praticado, achei melhor fechar os olhos a tudo e calar-me.

O conserto do barco estava adiantado e esperava dentro em poucos dias pôr-me ao largo, debaixo de paz e tranquilidade. A fim de melhorar me abrigar dos raios solares, ordenara também a construção de um novo toldo de *bossú* para cobrir a popa da embarcação.

Reunidos seis bons índios flecheiros, incluindo Yauay, partimos em direção ao tal descampado seguido de Aygara, que no seu fiel propósito não parecia mais querer-se desligar de mim.

Pediu-me Yauay que não fizéssemos uso das nossas armas de fogo senão em último caso, para não espantarmos a caça que se ocultava nas imediações do sítio de nosso destino.

Para se aproveitar o tempo, os índios entravam a todo o momento nos bosques, voltando cada qual logo depois a incorporar-se à nossa coluna, trazendo numerosas peças de caça escolhida; entre as quais se destacavam veados, pacas, cotias e outros pequenos animais mortos unicamente à flecha.

Nesta ocasião Aygara sentia prazer em me ensinar a atirar com flecha.

O cacique oferecera-me um dos seus arcos (*cutay*) e era com ele que eu me exercitava, tendo entregue a Mandú a minha espingarda, que de nada me servia.

Quando nos avizinhamos do tal descampado, ouvimos logo o rugido de uma onça que parecia estar bem próxima de nós. Ao sinal de sentido caminhamos vagarosamente, e logo avistamos um enorme *robucrori* na borda de uma pequena lagoa, tendo perto de si o corpo semidevorado de um cervo.

Talvez que outros companheiros da fera estivessem ocultos ali a pequena distância.

Yauay, como mais valente, adiantou-se de rastos mansamente seguido de vários flecheiros, enquanto nós outros, nos empoleirávamos no galho de uma copada árvore bem na borda mata.

Neste momento, uma corça seguida de uma cria passou sob nossas vistas e percebida pela onça, viu-se perseguida por esta que lhe pretendeu arrebatar o filho na ocasião em que Yauay esticando o seu arco lhe atravessou o corpo com uma flecha.

O feroz animal ferido principiou a dar enormes saltos, soltando estrondosos rugidos, até que novamente ferido por uma segunda flecha caiu morto na ocasião em que se atirava medonhamente contra os seus agressores.

Descemos então do nosso esconderijo sobre a árvore, e marchamos para o lado de Yauay a quem não cessava de elogiar e louvar a coragem com que o dotara a natureza.

- Com esta, me disse ele, completo o número de setenta que hei morto.

Extraída a pele da fera assim como outras partes aproveitáveis, partimos dali para a taba onde chegamos ao anoitecer.

Nessa ocasião vi a mesma índia que avistamos no alto de um rochedo, sentada agora sobre um tronco de *sumaúma* fitando o horizonte a descoberto em sua frente e fazendo uma invocação à lua, cuja letra era esta:

Catiti, catiti Jamara, notia Notia tamara Epejú... etc.

Catiti significa em português lua nova, assim como cairé – lua cheia e Jacy – lua (Ja – vegetal, cy – mãe).

A lua é a deusa criadora dos vegetais e o sol, *Guaracy*, é o deus que preside os destinos do homem.

Cararay ao anoitecer passou pela frente do quiosque, e riu-se quando a saudei

Aygara essa noite deu para me recriminar e parecia inquieta por minha causa.

Ela dormia sobre uma esteira, estendida debaixo da minha rede.

Antes de se deitar, nessa noite buscou ver-se ao espelho, à luz da candeia de argila e virando-se para mim disse-me:

- Acaso não sou a mais linda índia desta aldeia?
- E que te diz o contrário? lhe perguntei.
- É que a tua Aygara pensa que tu não gostas dela por causa de Cararay.
- Não penses nisso. Não te lembras que fostes a preferida?
- Sim, Aygara sabe que tu a amas, mas teme que a deixes de amar.
- Ora não penses nisso Aygara minha. Tu és a mais formosa de todas as mulheres desta tribo, de todas a mais sedutora. A ti, e só a ti é que eu amo e hei de voltar pelo grande rio para novamente te ver e amar.
 - Pois bem, Aygara crê em ti e não estará mais triste (*ismaniganca*).

Tranquilizando-a, adormeci para descansar das fadigas do dia, mas ainda bem não conciliava o sono segunda e terceira vez, quando era despertado por Aygara, que muito levemente me apalpava para se certificar se eu ali estava bem por cima do seu leito.

Velava a pobre índia a noite inteira como se quisesse demonstrar o seus carinhos e cuidados por mim.

De vez em quando, também despertava flagelado pelas dores produzidas por picadas do *pium*, um mosquito mui pequeno que só morde de dia. Este mosquito alimenta-se de *assacú*, pelo que é venenoso e chega a produzir chaga a sua picada.

Depois de um último sono mais prolongado, despertei e pus-me de pé.

Centenas de vagalumes cruzavam os ares como estrelas cadentes, quando as primeiras colorações anunciaram o romper da aurora no horizonte.

As manhãs eram sempre frescas e o ar impregnado de mil perfumes e aromas exalados pelas flores nos bosques vizinhos.

Aygara ocupava-se no preparo do *tarubá*, coando esta magnífica bebida com que tencionava mimosear-me neste dia.

O *tarubá* é uma bebida feita de mandioca ralada, de que fazem enormes beijus polvilhados com o pó das folhas do *curumin*, guardados durante alguns dias, no fim dos quais são dissolvidos na água. Bebem-na depois de coada.

Aygara parecia cada vez mais triste ao aproximar-se o dia da minha partida.

Nessa manhã dirigi-me para o rio, a fim de verificar se as minhas ordens estavam sendo cumpridas.

Na verdade, sucedia justamente o que menos eu esperava.

Mandú e seus companheiros trabalhavam com afinco e denodo na reconstrução do barco que devia ficar totalmente pronto em poucos dias.

Admirado desta presteza, tratei de averiguar a causa, e então soube que a falta de aguardente lhes fazia nascer a vontade de regressar. As bebidas alcoólicas eram-lhes de imensa falta e por um quartilho de aguardente — daria qualquer deles tudo quanto possuísse, incluindo as próprias mulheres, que ali haviam facilmente conquistado.

Quem não gostava disto era Aygara, que parecia cada vez mais inconsolável

– Aygara te espera, me disse ela, o mais tarde até a lua de fogo (mês de julho).

Durante os últimos dias de minha estada entre os apinajés, não faltaram distrações para o que Yauay me convidava constantemente.

Entre os presentes que o irmão de Aygara me havia feito, havia duas setas de *paxiuba* ervada (*huamiri*).

Antes de partir, presentei-o com os garrafões e algumas garrafas vazias, um canivete-punhal, duas facas, com o que ficou contentíssimo, assim como Aygara que, além de toda a minha roupa de cama, tais como lençóis, colchas, etc., recebeu um anel de ouro, dos que levava comigo e que dificilmente veio a servir num dos seus mínimos.

O *Pai* ou cacique, querendo também retribuir-me as finezas de que o tornei alvo, brindou-me com o seu mais antigo *ru-crauati*, instrumento de guerra de que se servira com vantagem durante os combates que em sua mocidade travou com as tribos inimigas.

.....

Havia já muitos dias que eu vivia entre estes bons índios, e sentia chegar o momento de os deixar. Compartilhava de seus trabalhos, de seus prazeres, de seus sofrimentos. O cacique considerava-me como um filho e Yauay como irmão.

Ao amanhecer de um esplendido dia, anunciava Mandú a nossa partida na aldeia e seguido da inconsolável Aygara e de toda a tribo parti para o porto de embarque, onde se achavam os camaradas à espera com o barco carregado e pronto a cortar as águas tranquilas do grande rio.

Despedi-me então de todos. Dos braços hercúleos do cacique passei aos de Yauay e destes aos da pobre e inconsolável Aygara e tomando-lhe uma das mãos a levei a meu peito e depois aos lábios, deixando-a lentamente com uma lágrima, que não pude deixar neste momento de verter. Depois... afetando um sorriso deixei a praia e entrei no barco.

Os remadores ergueram os remos e com eles fenderam as águas. O barco deixou vagarosamente o porto dos apinajés.

Estendi então, minha vista para terra, e notei Aygara que até então havia tentado resignar-se, ceder ao peso da imensa dor. E o velho cacique, compreendendo talvez que com palavras não se acalmam as grandes emoções, longe de tratar de consolar a sua filha adotiva, se pôs a chorar com ela, abraçados um ao outro. Depois... vi-a ainda estender-me os braços, corresponder ao meu último adeus e cair aos pés do velho chefe como possuída de tétrico desespero, enquanto todos os seus a contemplavam absortos e presos na mesma dor.

O barco seguindo os ziguezagues da corrente descia, mansamente impelido pela ajuda dos remos.

Quando perdemos de vista o porto notei, ao aproximar-me de uma pequena elevação, sobre a margem esquerda, um vulto de índia que agitava os braços, desejosa de ser vista e como despedindo-se de um de nós.

Estava colocada no cume da pequena elevação formada por uma aluvião de rochas sobrepostas, e em cuja base se destacava uma pequena gruta invadida pelas águas na parte em que o seu nível tal permitia.

Depois de fixar bem a minha atenção, verifiquei que aquela índia era a bela Cararay, que também viera despedir-se de mim nesse sítio para evitar que Aygara a percebesse.

Acenei para ela algumas vezes até que ao dobrarmos uma curva do rio a perdi de vista.

Dentro em poucas horas estávamos nós ao largo, navegando desassombradamente em pleno Tocantins.

.....

Impelida pela corrente a nossa embarcação cortava as águas com grande velocidade, formando brilhante esteira que seguia com o olhar, tendo o pensamento unido às recordações que conservava dos habitantes das nossas florestas e em cujo seio acabava de permanecer durante pouco tempo.

Haviam-me eles inspirado o estudo da sua raça e da sua origem, que se perde nas trevas da noite infinita para muitos, e cuja história se apresenta com tanta obscuridade como a de todos os povos do mundo antigo.

IDEALIZAÇÕES IMAGÉTICAS

Ao longo do século XIX, a literatura de viagem trazia consigo também a tendência de "comunicar as experiências e as aventuras vividas", de modo que "aqueles que viajavam tinham algo a dizer" e "os registros destes viajantes, naturalistas, artistas, comerciantes, religiosos, estudantes, aventureiros, dentre outros, apresentaram aspectos dos costumes e das peculiaridades naturais do espaço físico" e ainda "muitos aspectos que abrangem o viajar e os condicionantes que envolviam os deslocamentos. Em muitos casos, ao retornarem para as suas terras, alguns viajantes publicavam as suas anotações sobre a viagem e as terras brasileiras", de modo que "cada um deles, com seu filtro e com os mais diversos interesses, captou momentos da vida e do processo de desenvolvimento dos locais que visitaram", vindo a tecer "comentários breves ou detalhados sobre o que viam e ouviam". Eles "registraram de forma lapidar cenas e cenários urbanos e do interior do Brasil", proporcionando "fragmentos que revelam uma leitura detalhista e instigante de um país que pouco a pouco crescia e constituía a sua identidade", como "uma nação que estava sendo erguida e que por sua extensão exigia ou permitia grandes deslocamentos". Um conjunto de "terras tropicais, ricas na diversidade natural e climática, que atraíam visitantes"32.

Em muitos casos, os escritores que trilharam os caminhos da literatura de viagem lançaram mão da iconografia com um caráter complementar à

³² ASSUNÇÃO, Paulo de. Literatura de viagem: experiência e comunicação de novas ideias. In: QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita & SANTOS, Isabel Dâmaso (orgs.). *Turistas, viajantes e lugares literários*. Faro: Universidade do Algarve 2016. p. 165-166.

construção textual, ou ainda com um papel essencial na edificação das informações/opiniões expressas. A imagem poderia trazer consigo uma óptica mais ampla, uma espécie de "observação aérea muito distanciada, que microscopiza, planifica e imobiliza o visível" deixando-se "substituir por uma outra que se move em direção a esse lugar, restringindo o campo visual ao mesmo tempo que o amplifica, volumetriza e dinamiza (ou *territorializa*)³³. A imagem também ganhava relevância nos relatos de viagem pelo motivo que esse tipo de descrição era "bastante sensorial", ainda mais por ser "produzido por pessoas que se entregam largamente ao jogo dos olhos, ao jogo do sentido, daqueles que gostam de ver longamente, que sentem os cheiros, que tocam a vegetação, as areias finas, que sentem o calor ou o frescor do ambiente"³⁴. Além disso, o uso da iconografia servia como um atrativo extra na conquista dos leitores, um vez que o viajante-escritor pensava "em venda, propaganda, criação de entusiasmos, manipulação social das imagens, curiosidade pelo desconhecido, desejo de aventura"³⁵.

Algumas representações imagéticas se estabelecem no sentido da configuração de "uma leitura 'natural' da imagem", ao menos "da imagem figurativa", levando em conta "a rapidez da percepção visual e a "simultaneidade aparente do reconhecimento do seu conteúdo e da sua

³³ RITA, Annabela. *No fundo dos espelhos [II] – em visita*. Porto: Caixotim Edições, 2007. p. 278.

³⁴ SEVCENKO, Nicolau. O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura. In: Revista USP, São Paulo, n. 30, p. 108-119, junho/agosto 1996. p. 110.

³⁵ GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 88.

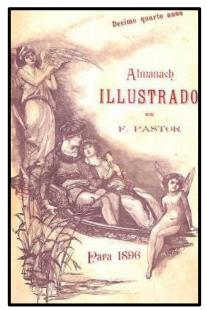
interpretação". Podem então ficar demarcados "esquemas mentais e representativos universais, arquétipos ligados à experiência comum" em meio às sociedades. A interpretação de uma imagem pode ultrapassar a ela mesma, desencadeando "palavras, uma ideia ou um discurso interior, partindo da imagem que é o seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada". Nesse caso se encontram "as imagens simbólicas e convencionais que procuram exprimir noções abstratas", as quais "recorrem ao símbolo e, consequentemente, à boa vontade interpretativa do leitor³6.

Oscar Leal também lançou mão desse recurso colocando gravuras para demarcar cada uma das partes do livro *Viagem ao centro do Brasil* e distribuindo várias figuras nas edições de *Viagem às terras goianas* e *Viagem a um país de selvagens*. Tais imagens surgiam em sua maioria da parceria entre o autor e o ilustrador Pastor, embora Leal sempre fizesse questão de enfatizar que ele era o idealizador iconográfico de tais imagens, como ressaltou na folha de rosto de *Viagem a um país de selvagens* com o aviso "adornada com várias gravuras de Pastor, segundo os desenhos do autor". As construções imagéticas também estiveram presentes nas capas de seus livros a respeito do Brasil, incluindo, além dos três citados, *O Amazonas*.

O parceiro de Leal era F. Pastor, um ilustrador que tinha seu atelier em Lisboa, onde confeccionou gravuras para vários livros e editou o *Almanaque Ilustrado*, desde o início dos anos 1880 até pelo menos a primeira década do século XX. Apresentado pela redação de *A Madrugada* como "notável gravador e

³⁶ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 41-42 e 123-124

editor de magníficos trabalhos ilustrados, que, em 1895, mantinha um projeto "de publicar um dicionário, modelado por o de Larousse, ilustrado com cerca de três mil gravuras, entre as quais os retratos em ponto pequeno dos homens mais notáveis de todos os países e especialmente do Brasil", contando também com "dados biográficos" sobre os mesmos. F. Pastor ainda acompanhou Oscar Leal na elaboração dos gravuras, em geral retratos, apresentados na folha literária e ilustrada *A Madrugada*, por este dirigida³⁷.





- exemplares do Almanaque Ilustrado de F. Pastor -

³⁷ A MADRUGADA. Lisboa, 28 out. 1894, a. 1, série 1, n. 1, p. 4; 27 dez. 1894, a. 1, n. 3, p. 3.; e out. 1895, a. 2, série 3, p. 3.





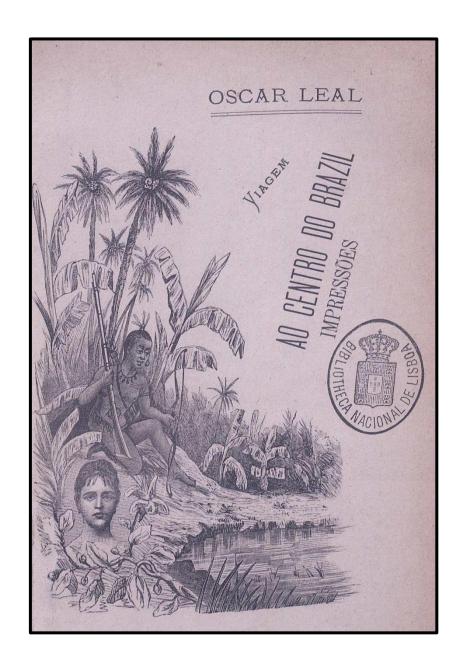


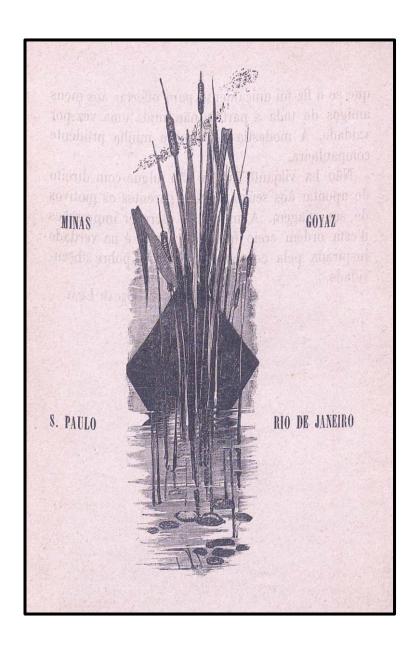


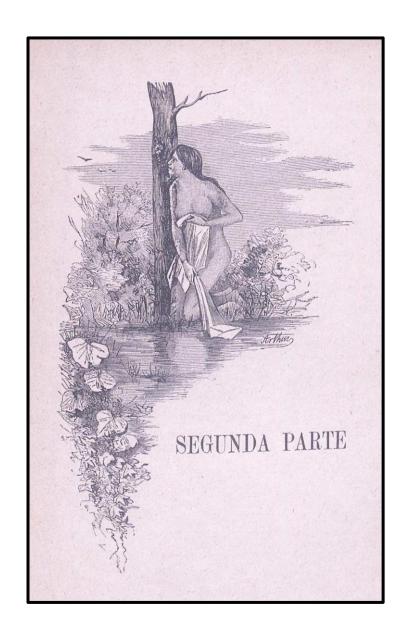
- retratos desenhados por F. Pastor nas páginas de *A Madrugada*

No livro inicial escrito por Oscar Leal a respeito das excursões às terras brasileiras, *Viagem ao centro do Brasil*, Pastor assinava o retrato do autor, ao passo que a gravura da capa, idêntica à da folha de rosto e a primeira figura interna não apresentavam créditos. Somente a segunda figura interna era apresentada como não sendo de Pastor, aparecendo assinada por Arthur, a qual constituiria a única exceção na parceria Pastor — Leal, no que tange às publicações deste sobre o Brasil. Na figura da capa da folha de rosto deste livro, em meio à exuberância vegetal, aparecia a imagem de um índio, com o tradicional arco-e-flecha, mas estranhamente com uma arma de fogo à mão direita. Poderia ser um indígena "civilizado", como se denominava então os aculturados, ou um "selvagem" que havia roubado a espingarda. Logo abaixo era estampada a efígie de uma mulher branca, como se fosse uma alegoria do encontro entre a civilização e a selvageria.

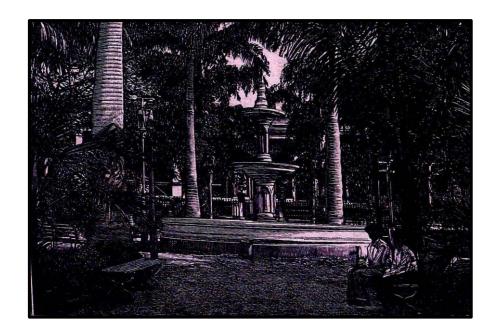
O desenho interno que servia para abrir a primeira parte da publicação era bastante minimalista, mas carregado de sentido, pois trazia um curso de água com uma vegetação e, ao fundo, aparecia o casco de uma embarcação, enquanto que, aos lados, vinham identificadas as quatro províncias que Leal atravessara para empreender sua viagem — Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Já a abertura da segunda parte trazia a imagem de uma figura indígena feminina seminua, tentando esconder-se atrás de um tronco e cobrir o que podia do corpo com um pedaço de pano, aparecendo à margem de um curso de água, com exuberante vegetação em seu entorno. Esse foi um dos vários desenhos utilizados por Leal em seus livros contendo índias com os seios à mostra.

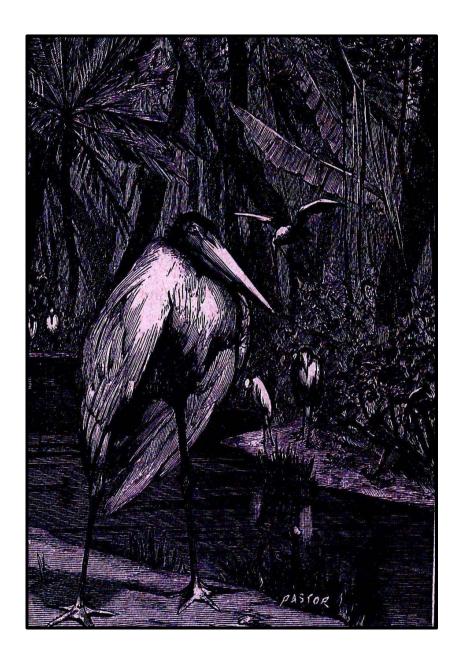


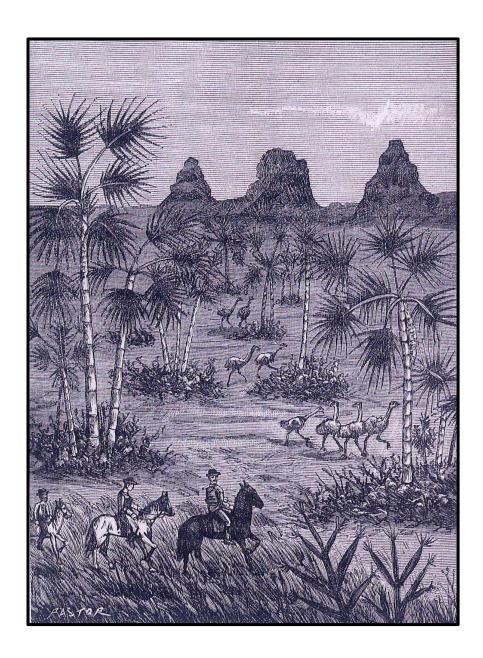


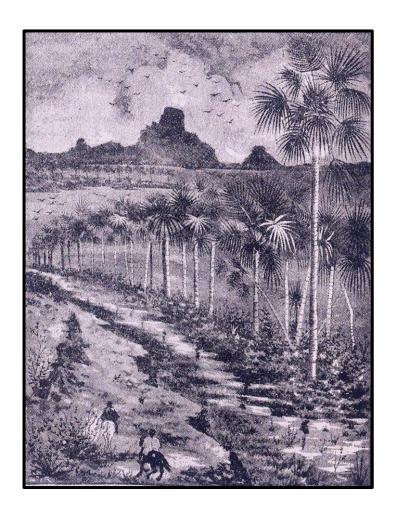


Em *Viagem às terras goianas*, os desenhos idealizados por Oscar Leal e executados por F. Pastor mostravam a representação de cenas urbanas, com o "Jardim público de Cuiabá", apresentando um espaço de sociabilidade, com pessoas conversando, sentadas no banco da praça, em frente ao chafariz. Também apareciam imagens do ambiente natural, na gravura "Os tuiuiús", na qual eram estampadas aves em primeiro plano, ao passo que uma esplendorosa floresta servia de pano de fundo. Leal exercia um protagonismo na maior parte das ilustrações, como ao chefiar grupos montados, em meio às montanhas, à flora e à fauna, caso de "A caminho dos Pirineus goianos" — a qual servia também para ilustrar a capa — e "Na Serra de Caiapó".





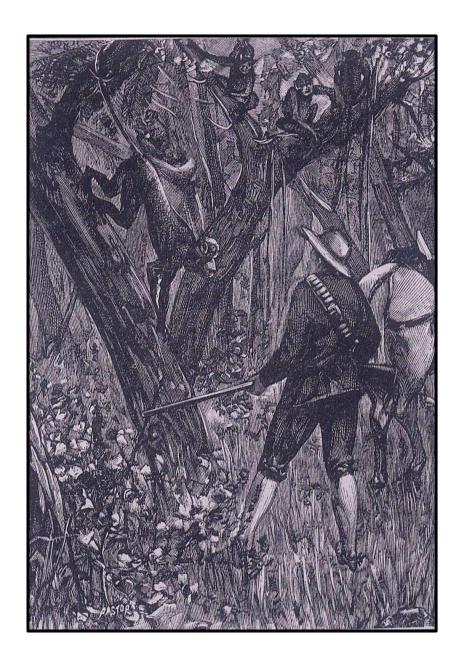


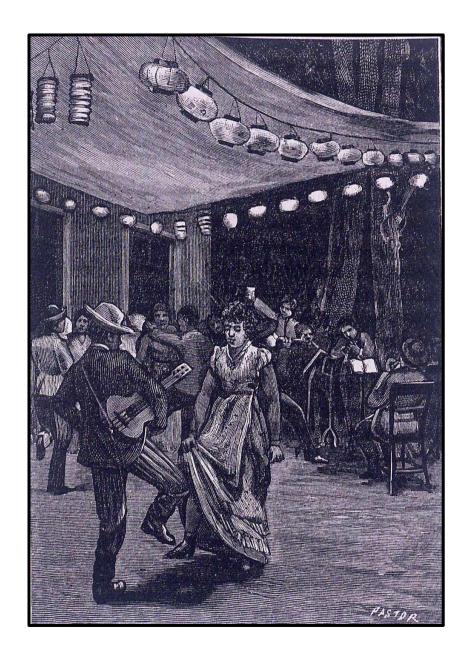


A valentia do viajante, tantas vezes propalada por Leal, foi testada constantemente, segundo a sua narrativa em intensas caçadas, escaladas, pescarias e trajetos por áreas desertas. Ele não deixaria de retratar isso também nas ilustrações, como foi o caso de "Na gruta – É onça! É onça!", na qual ele

aparecia tal e qual um autêntico explorador, com sua bolsa de utilidades a tiracolo, o seu inseparável *pince-nez*, ao rosto, para manter o ar de intelectual, mas de revólver e tocha às mãos, em meio à escuridão de uma caverna, enfrentando feroz felino, enquanto seus companheiros fugiam apavorados. Como se fosse um caçador, em frente a uma floresta fechada e com a espingarda que "jamais abandonava", se surpreendia com o tamanho de um símio em "Ao ver aquele enorme macaco". O boêmio das noites lisbonenses e cariocas não se apertava pelos sertões brasileiros, encontrando também festas e damas para dançar, em pleno folguedo, com música e bebida e o detalhe da viola embaixo do braço, na gravura de sugestivo título – "Um cancã no Barro Preto".



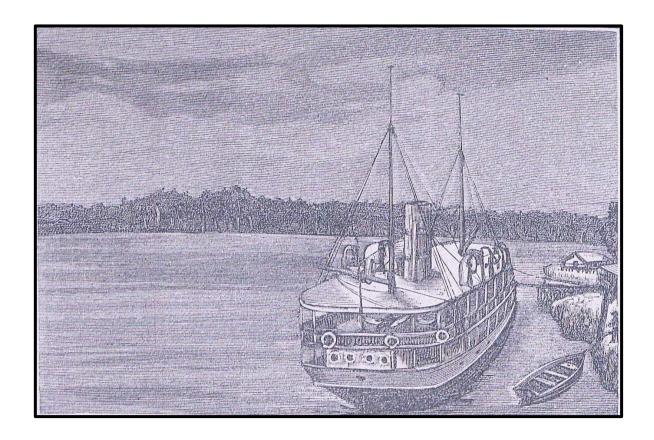




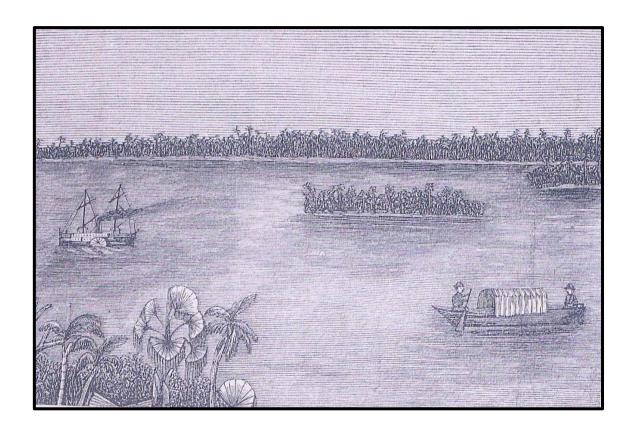
As ilustrações de Pastor dos desenhos idealizados por Oscar Leal voltaram em *Viagem a um país de selvagens*, aparecendo inclusive nas matérias publicitárias sobre o livro, caso do anúncio publicado em *A Madrugada*, no qual as gravuras eram alocadas em torno do retrato do autor, também elaborado pelo lápis de F. Pastor.



A chegada à região que representava o fulcro da viagem às florestas brasileiras era apresentada em "O vapor continuava a tocar em vários portos", com a imagem do barco ancorado, enquanto, à linha da água, aparecia uma ampla floresta, contrastando com o horizonte, e a constatação da demora na excursão advinda de diversas paradas.



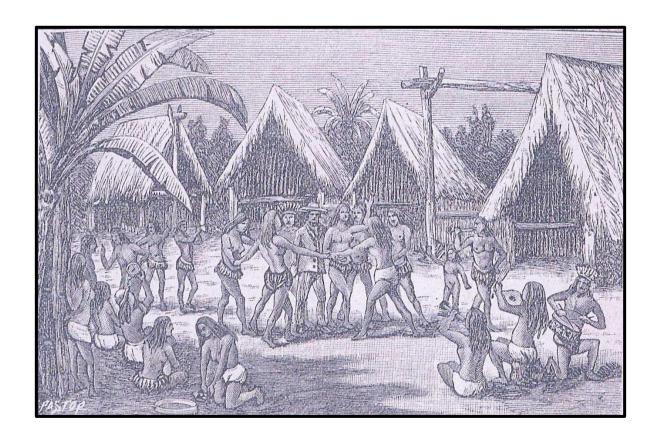
A continuação da jornada, com a saída da localidade de Cametá, surgia em "Rio acima", mostrando em primeiro plano uma pequena embarcação, ao passo que o barco da expedição de Leal, seguia ao longe, diante da imensidão do rio cercada por vastíssima vegetação. A perspectiva da gravura dava a ideia da solidão dos viajantes, diante da imensidão da natureza. A utilização do diminuto barco serviria para a realização de uma grande pescaria conhecida como "lanceada".



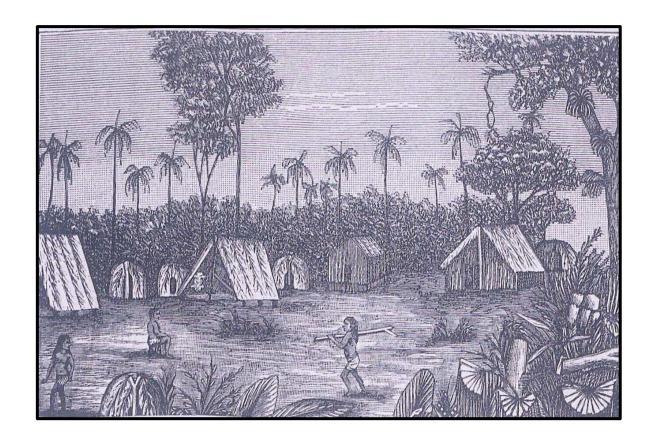
A retirada da Vila do Baião era apresentada em um quadro de pleno domínio da floresta equatorial, onde até o curso de água parecia mínimo, diante do esplendor vegetal. A gravura trazia uma das formações que mais despertou o interesse de Leal, "O igarapé", ao qual chegou a dedicar um capitulo a parte.



A interação com a tribo indígena dos apinajés aparecia em "Algumas índias formando roda nos colocaram ao centro", atividade que teria feito parte do ritual de "casamento" de Oscar Leal com a filha do cacique. Nos detalhes havia música, dança, com a presença de instrumentos musicais, e as indígenas apareciam com os seios desnudos. Também eram apresentadas as habitações dos índios e sua interação com a natureza.



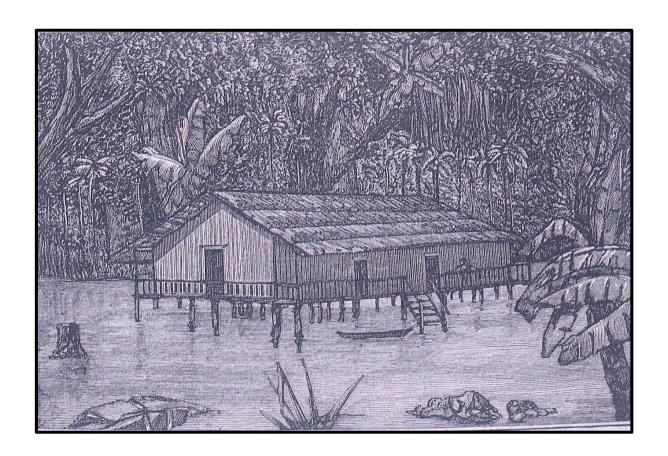
"Aldeia dos apinajés" deveria representar um dia rotineiro da tribo indígena, mas era extremamente pobre em detalhes, aparecendo apenas três índios. Eram demonstradas também as diferenças entre as habitações dos ditos selvagens, as quais se mostravam minúsculas, diante da imensidão florestal.



Oscar Leal que gostava de apresentar-se como bravo, forte e cheio de êxito em suas aventuras, permitiu aparecer em postura bem menos grandiloquente, aparecendo abandonado, sobre uma árvore a abanar sua camisa, no desenho intitulado "Acenei durante alguns minutos". A gravura tratava do naufrágio sofrido pelo barco de sua equipe, quando ele ficou sozinho à espera do socorro. A possibilidade de tal registro advinha da intenção do autor em demonstrar as agruras pelas quais passara.

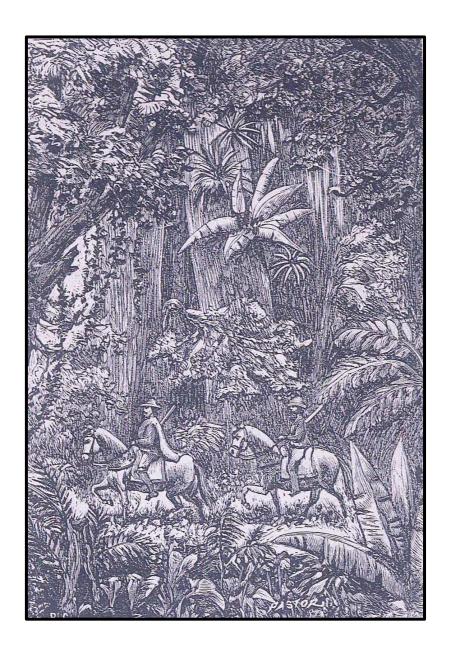


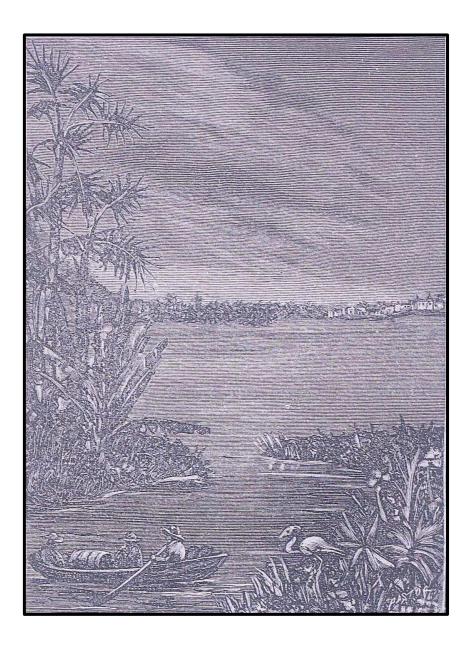
Não foram só os indígenas os descritos em *Viagem a um país de selvagens*, sendo também retratadas as populações ribeirinhas, cujas palafitas chamaram a atenção de Leal, que as registrou em "Casas sobre estacas". Mais uma vez ficava evidenciada a integração entre a ocupação humana e a natureza. O autor chegou a estabelecer um brevíssimo estudo dessas estruturas, levando em conta fundamentos históricos e geográficos.

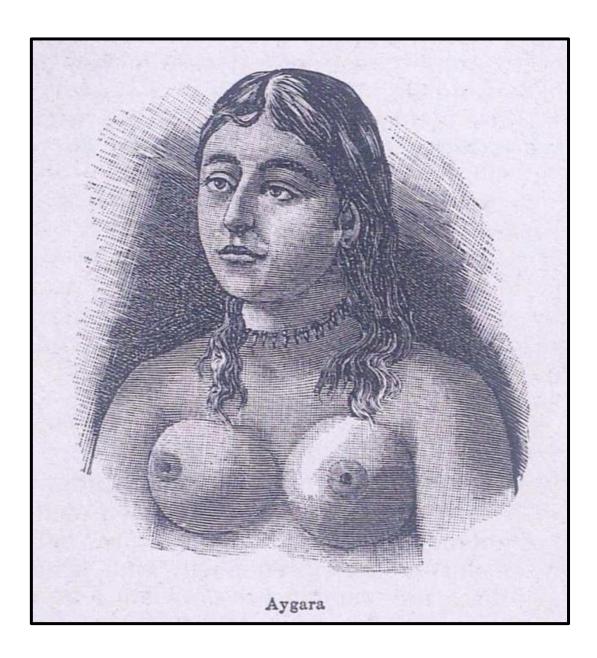


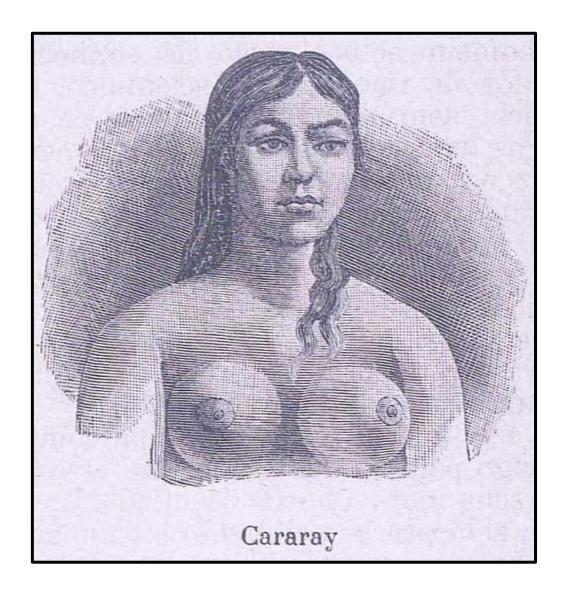
A grandeza da floresta também aparecia em "Estudo rápido", gravura na qual Oscar Leal, em figura equestre, mais uma vez chefiava a expedição, efetivamente sem abandonar a espingarda, pendurada ao seu ombro direito. O título da ilustração se referia a uma análise que o autor fizera sobre a erosão e a perda de fertilidade do solo. Em tal estudo não deixava de falar sobre outros assuntos como a aclimatação das frutas em diferentes regiões, os hábitos de consumo de cerveja em diferentes locais do Brasil e, uma de suas preferências, as potencialidades econômicas da zona abordada. Já "Avistando Cametá" trazia novamente a desproporção entre a pequenez humana e a imensidão florestal, mostrando Leal e dois de seus companheiros em um pequeno barco, atravessando uma enseada. Ao fundo aparecia um vislumbre da localidade indicada no título, demonstrando uma etapa final do itinerário, anunciando-se o retorno próximo.

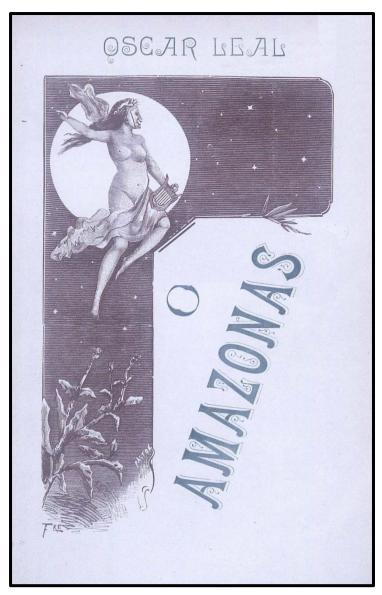
Finalmente "Aygara" e "Cararay" mereceram seus próprios registros, com direito a retratos individuais. Elas eram duas das índias que faziam parte da aldeia dos apinagés, a primeira era a filha do cacique, com a qual Oscar Leal teria se casado e a segunda, foi outra jovem que muito lhe chamou a atenção, formando-se uma espécie de triângulo amoroso nas selvas, para ciúme da "esposa indígena". Mais uma vez acontecia um destaque quase desmesurado para os seios desnudos, que apareciam até na capa, com o retrato de Aygara também sendo ali estampado. Selvagens poderiam constituir um atrativo aos leitores, de modo que talvez índias seminuas representassem um acréscimo de popularidade.





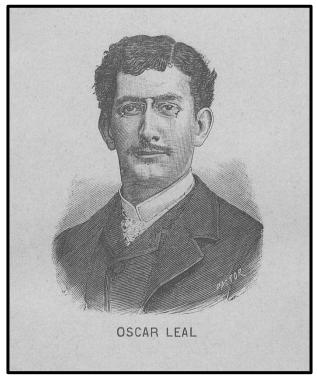






Também a capa do livro O Amazonas, iqualmente ilustrada por Pastor, que se referia a uma conferência ministrada por Oscar Leal na Sociedade de Geografia de Lisboa trazia uma índia praticamente nua, representando região a retratada. Ela pairava sobre a vegetação, contando com o luar ao fundo e portando a máscara da dramaturgia e a lira poética, em referência aos pendores literários, além dos científicos do autor.

A estratégia imagética empregada por Oscar Leal, com o auxílio de F. Pastor parece ter dado resultados efetivos, tanto que várias das referências feitas junto à imprensa periódica ressaltavam a presença e a qualidade das gravuras. Mas a imagem também servia à propaganda pessoal do escritor com o costume de incluir seus retratos nas edições dos livros de sua lavra, também realizados com o traço de Pastor

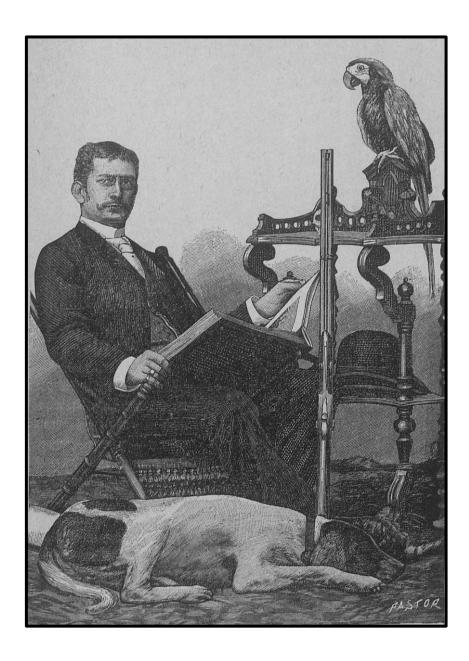


- retrato de Oscar Leal assinado por Pastor no livro *Viagem ao centro do Brasil -*



- retrato de Oscar Leal assinado por Pastor no livro *Viagem a um país de selvagens -*

Um desses retratos, entretanto, estampado nas primeiras páginas de Viagem às terras goianas, fugia ao tradicional formato da efígie, constituindo por si só uma narcisista representação alegórica. A ilustração era mais uma vez de F. Pastor e, com certeza a idealização era de Oscar Leal, pois a gravura encerrava em si muitas das ações que o escritor pretendia desempenhar. Nela o escritor parecia ter posado para o registro, pensando minuciosamente nos detalhes e idealizando a imagem do explorador, tão em voga na época, mormente em se tratando das expedições vinculadas ao imperialismo europeu. Na representação, Leal demonstrava o encontro da civilização com os sertões selváticos que visitara. Ele aparecia sentado em uma cadeira de campanha, provavelmente nos moldes das utilizadas em suas excursões e, logo à frente, aparecia um móvel em entalhe rebuscado e tradicional. Nas mãos trazia o livro, como simbologia da sabedoria, em alusão ao homem de letras e ao cientista/naturalista, que tratava de temáticas variadas, como geografia, zoologia, botânica e mineralogia. Fazia parte do quadro o chapéu típico dos exploradores da época, colocado em prateleira do móvel, e sua indefectível espingarda, confirmando o que ele dizia quanto a jamais abandoná-la e que usou em tantas das aventuras que viveu ou imaginou. A imagem era complementada com a presença de Melão, seu inseparável cão que o acompanhara em vários dos itinerários e encontrava-se deitado aos seus pés; e pela arara azul, tantas vezes citada, que ele adquirira para suas coleções durante os percursos pelo Brasil central, a qual aparecia empoleirada no móvel. O terno alinhado, o rosto sério e com o sempre presente pince-nez, completava o ar de intelectual.



Antônio Salles, escritor cearense, que teceu várias críticas ao trabalho de Leal, chegando a haver controversas querelas entre eles, não perdeu a oportunidade para estender o olhar crítico para a pose estabelecida no retrato estampado em *Viagem às terras goianas*. Segundo Salles, na gravura, "o Sr. Oscar Leal está fantasiado de explorador: sentado, um livro de ilustrações aberto sobre os joelhos, um grande cão aos seus pés, uma carabina encostada num móvel sobre o qual está empoleirada uma arara". E completava com uma minúcia pouco perceptível, afirmando que existia no desenho um "detalhe indispensável", ou seja, "o Sr. Oscar colocou a mão direita de maneira a exibir os dois grande anéis que lhe ornam o mínimo e o anular"³⁸.

Apesar dessa crítica pontual, as ilustrações tiveram um efeito positivo para as obras de Oscar Leal, tanto que nas notas e nas matérias de recepção e/ou apreciação de seus livros muitas vezes eram citadas as gravuras do autor, com desenhos de Pastor e até mesmo os seus retratos eram referenciados. Ao projeto de Leal de ampla divulgação de seu nome, passava a somar-se o de grande difusão de sua imagem, fosse através dos retratos, fosse por meio das figuras nas quais ele também protagoniza, travestindo-se de explorador, naturalista, estudioso e aventureiro, embora afirmasse não gostar dessa denominação, mas que a assumia plenamente, mostrando-se a enfrentar as intempéries e os perigos que se antepunham. A busca pelo reconhecimento adquiria uma nova estratégia promovida por meio da representação iconográfica.

³⁸ A REPÚBLICA. Fortaleza, 26 jan. 1894, a. 2, n. 21, p. 2.

AS POLÊMICAS EM TORNO DE LOPES CARQUEJA

O convívio dos denominados homens de letras, no século XIX, poderia ser imaginado como um ambiente formado por indivíduos esclarecidos que dedicavam seu tempo apenas à criação artística, entretanto nesse meio também proliferaram diversos conflitos sustentados em sua maioria nas páginas da imprensa periódica. Assim, também no campo literário e jornalístico estabeleceu-se um conflito discursivo, o qual ocorre na existência de "dois contextos discursivos antagônicos", em que "os interlocutores se constituem como dois lugares sociais com igual poder de palavra, mas adversários", de maneira que esses dois contextos se "remetem a discursos em algum sentido em conflito e, nessas circunstâncias, a relação enunciativa se desenvolve como uma luta pela hegemonia de um deles"³⁹. Nesse confronto surgem as figuras do proponente e do oponente que "designam os dois papéis fundamentais da troca argumentativa dialética", em um quadro pelo qual o proponente "produz a intervenção inicial" e o oponente "tem como tarefa característica a refutação"⁴⁰.

Em tais enfrentamentos se constitui uma contradição, a qual designa "um conceito que cobre uma série de atividades linguageiras reativas, orais ou escritas, expressas por inúmeros verbos", como "contestar, contradizer, desqualificar, desmentir, desacreditar, (de) negar, objetar, refutar, rejeitar, replicar, retorquir, opor-se", entre outros. Diante disso, se constitui um "conjunto de atividades, marcado pelo uso da negação sob todas as formas sintáticas e

³⁹ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-181.

⁴⁰ PLANTIN, Christian. Proponente. In: CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 406.

lexicais" que "caracteriza a abertura e o desenvolvimento de uma situação de argumentação dialógica" ⁴¹. Desses conflitos e contradições pode se desencadear também uma polêmica, em geral demarcada por "uma sucessão mais ou menos longa de textos que se opõem sobre uma 'questão', um tema de debate ou uma rede de questões conexas" ⁴².

Oscar Leal teve o seu quinhão de embates, sustentando ditos e contraditos, em acaloradas polêmicas com outros escritores. Um dos mais ferrenhos conflitos ocorreu com o literato cearense Antônio Ferreira Sales (1868-1940), escritor e jornalista, autor de romances, poesias e novelas, cuja carreira literária desenvolveu-se na virada do século XIX ao XX, tendo publicado obras como *Versos diversos, Trovas do Norte, Poesias, Minha terra* e *Aves de arribação*. Junto de outros jovens, Sales fundou em Fortaleza a Padaria Espiritual, agremiação literária que congregava setores da intelectualidade local, mantendo um tom irônico, satírico e irreverente em suas manifestações, chegando a editar um periódico denominado *O Pão*, dirigido pelo próprio Antônio Salles.

O início da querela ocorreu em janeiro de 1894, quando Antônio Salles publicou três artigos denominados "Notas para todos – dois livros", no periódico *A República*, da capital cearense, nos quais teceu profundas críticas a dois livros

⁴¹ PLANTIN, Christian. Contradição. In: CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 129.

⁴² MAINGUENEAU, Dominique. Polêmica. In: CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 379.

de Leal, *Viagem às terras goianas* e *Contos do meu tempo*. O crítico desceu às minúcias ao analisar segmentos das duas obras, mantendo sua apreciação entre o estrutural e o formal, mas mesclando-a com um olhar sarcástico, jocoso e satírico. Não poupou os contos, os poemas e nem mesmo as narrativas de viagem, acabando por ridicularizar o conjunto da obra de Oscar Leal. Por fim, Sales dava o golpe fatal, dizendo ter descoberto a profissão do autor em análise e, nas entrelinhas, com chiste e ironia, sugeria que Leal deveria permanecer na odontologia, deixando de lado as letras.

Na época, Oscar Leal estava iniciando um processo de transição, abandonando a itinerância profissional que o levara a conhecer grande parte do Brasil, para fixar-se na capital de Pernambuco, onde montou gabinete dentário e casou-se. Ainda em 1894, o escritor voltaria a dar nova guinada na vida, desistindo da residência no Brasil e mudando-se para Lisboa onde passou a morar definitivamente. Leal, entretanto, não conseguiu digerir bem as críticas ácidas de Sales e outras que recebeu por meio de jornais brasileiros e permaneceu ruminando-as. Esse constante remoer das mágoas, levou Oscar Leal a manifestar-se com veemência, atacando seus críticos, fosse por meio do periódico que dirigia na capital portuguesa, *A Madrugada*, ou nos seus novos livros.

Nesse sentido, Leal vociferava contra seus algozes, referindo-se a "pretenciosos rapazolas, arvorados em críticos anônimos", que "formigam covarde e traiçoeiramente, tentando destruir" as obras alheias; chamando-os também de "bandidos da imprensa vil e corrupta" que exerciam uma "crítica que

tem por base o despeito, a inveja, o ódio pessoal", considerando-a "como uma messalina podre e lazarenta". Ele se referia também aos críticos anônimos que só sabiam "ridicularizar de um modo banal como lhes dita a estupidez da sua mente obcecada"⁴³. Oscar Leal chegava a ser mais incisivo e direto quanto ao seu alvo, com a demarcação do local onde estariam "os críticos anônimos" que atuavam "no norte do Brasil"⁴⁴. No mesmo sentido, voltava a bradar contra a "crítica mesquinha e cruel, que no Brasil é uma arma egoística manejada quase sempre pelos pretenciosos e invejosos de todo o gênero"⁴⁵.

O sistema de réplicas e tréplicas, típico dos conflitos discursivos e polêmicas mantidas no campo literário, não deixaria de se fazer sentir e o periódico *O Pão da Padaria Espiritual*, sob a direção de Antônio Salles voltaria a desancar Oscar Leal. Só que dessa vez um outro personagem aparecia na querela, Lopes Carqueja, que organizara um "Juízo crítico da imprensa portuguesa sobre a nova obra do Sr. Oscar Leal – *Viagem a um país de selvagens*" e foi ao autor deste levantamento que *O Pão* endereçou a sua coluna, questionando a validade daquelas apreciações. Nessa linha, a folha cearense dizia que "o Sr. Carqueja" deveria perdoá-lo, "mas o folheto em questão é um atestado da falta de critério que geralmente preside à manifestação de pensamento da imprensa". E daí em diante, o periódico de Fortaleza não poupava adjetivos de conteúdo pejorativo para Oscar Leal, afirmando que ele era

⁴³ A MADRUGADA. Lisboa, 13 fev. 1895, a. 2, série 1, n. 4, p. 1-2.; e 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 1.

⁴⁴ LEAL, Oscar. *Do Tejo à Paris*. Lisboa: Tipografia Minerva Central, 1894. p. 19.

⁴⁵ LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagens*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1895. p. 12.

"um mistificador, um espertalhão, sem a mais leve sombra de merecimento intelectual", além de "crassamente ignorante, ridículo e falto de senso comum". Finalmente *O Pão* arrematava, determinando que aquelas linhas deveriam servir como um "protesto contra a campanha encomiástica que se tem levantado em Portugal ao redor do nome do Sr. Oscar Leal, quando aqui este indivíduo apenas serve de troça ao rapazio que faz literatura". E voltava a tocar na ferida da questão profissional, sentenciado: "Largue a pena o Sr. Oscar e empunhe o boticão, como hábil dentista que dizem ser"⁴⁶.

Mas afinal quem poderia ser aquele Lopes Carqueja que surgia no embate entre Sales e Leal? A relação entre Oscar Leal e Carqueja, no campo do impresso, iniciara em 1886, quando este redigiu um breve prefácio para o livro *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*, de autoria daquele. Poderia causar alguma estranheza o convite para prefaciador ter recaído sobre um nome tão somente desconhecido, tanto que, em referência apenas aos títulos sobre excursões ao Brasil, para *Viagem às terras goianas*, tal papel recaiu sobre o escritor português Manuel Pinheiro Chagas, o que acabou por conferir créditos extras ao livro. Já no caso de *Viagem a um país de selvagens*, o livro não chegou a ter um prefaciador, mas nas páginas de abertura aparecia um nota dedicada ao "amigo O. Leal", assinada pelo escritor francês Jules Verne; uma epígrafe do naturalista também francês Francis de Laporte de Castelnau; e, no segmento "Ao leitor" era citada uma carta endereçada a Leal da lavra do explorador e agrônomo português Antônio Lopes Mendes.

⁴⁶ O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 15 jun. 1895, a. 2, n. 18, p. 3.

Em síntese, Oscar Leal passara a optar por nomes de maior notoriedade e, porque não, mais famosos para credenciar seus livros. Renova-se então a dúvida do motivo da escolha de Carqueija para prefaciar *Viagem ao centro do Brasil.* Sim, Carqueija com um "i" a mais em relação ao nome que voltaria a aparecer nos anos 1890, identificado como Lopes Carqueja. O prefácio redigido por Carqueija era carregado de elogios para Oscar Leal e mantinha um estilo bastante semelhante a outras apresentações que apareceram em livros futuros do autor. Comentava sobre o "moço" que constituía "um nome já por demais conhecido em quase todo o Brasil", realizador de constantes viagens executadas como *"touriste"*, destacando ainda seus sacríficos e sua preferência pelas "impressões" acerca dos sertões brasileiros e não de outros centros "civilizados" que também visitara.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

(SEM TÍTULO)⁴⁷

Oscar Leal é um nome já por demais conhecido em quase todo o Brasil.

O amante do belo, o realista, o poeta das *Flores de abril*, o autor da *Filha do miserável*, é além de tudo um artista e como tal é o que o leitor o deve apreciar.

⁴⁷ LEAL, Oscar. *Viagem ao centro do Brasil (impressões)*. Lisboa: Tipografia Largo do Pelourinho, 1890. p. 11-12.

Vivendo quase sempre longe dos seus, tem unicamente por guia a sua inteligência; além de tudo orna-se de caráter franco e possui um grande coração.

Agora que volta a Lisboa, depois de ter percorrido e visitado Paris, Londres e Bruxelas, nada mais fácil lhe seria do que escrever as suas impressões de *touriste*, impressões através das grandes vias civilizadoras do velho mundo.

Mas ele não o quer, prefere a publicação destas importantes impressões, que não são as do prazer e do belo mas sim da luta perante a natureza.

Se a África necessita de homens como Capello e Ivens, o centro do Brasil necessita também quem o estude e o torne conhecido.

Como bom pensador e pouco afeito ao idealismo, Oscar Leal nada deixa a desejar.

A sua vida embora moço, tem sido uma série de lutas e sofrimentos e sem nunca esmorecer vive por amor do belo, do majestoso e sublime.

Une o útil ao agradável e é tudo quanto se pode desejar de um mancebo modesto e inteligente. *A viagem ao centro do Brasil* é o fiel testemunho da verdade.

A. Lopes Carqueija

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Já na década de 1890, Lopes Carqueja (já sem o "i") voltava a ter seu nome relacionado ao de Oscar Leal. Por duas vezes ele executou o trabalho de arrolar e condensar as apreciações de periódicos portugueses sobre dois novos títulos de Leal, realizando uma revista bibliográfica, reunindo-as no formato de um folheto e distribuindo-as pelas redações dos jornais, inclusive brasileiros. Surgiam assim os "juízos críticos", em 1892, de *Viagem às terras goianas (Brasil Central)* e, em 1895, de *Viagem a um país de selvagens* (exatamente esta última que chegara às mãos de Antônio Salles). Tais "juízos" constituíam uma seleção das recepções favoráveis, ou mais precisamente de trechos dessas apreciações da imprensa portuguesa, com pareceres positivos para os livros de Leal.

Em maio de 1895, nas páginas do *Diário de Pernambuco*, Lopes Carqueja assinava um longo artigo tecendo profundas loas a Oscar Leal, descrevendo a vida do viageiro, noticiando suas novas publicações e, como não poderia faltar, divulgando um arrolamento de comentários elogiosos elaborados na imprensa periódica acerca do livro de Leal *Contos do meu tempo*. Também não deixava de lançar um ataque aos críticos que haviam rejeitado o trabalho de Leal, chamando-os de "uns pretensos literatos cor de café com leite, que lá tem a estulta mania de se quererem elevar à custa do crédito alheio; ressaltando que tal crítica seria "mantida pelo *anonimato* ou assinada irrisoriamente (para inglês ver) por nomes completamente desconhecidos". Em outras palavras, as feridas ainda estavam abertas, de modo que não bastava exaltar a obra de Oscar Leal, era preciso atacar seus adversários.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

OSCAR LEAL⁴⁸

Ainda há pouco algumas folhas de Lisboa noticiavam que o ilustre escritor brasileiro Dr. Oscar Leal recusara nobremente o título de Barão de Menezacre que com instância lhe foi oferecido, para não perder os seus direitos de cidadão brasileiro. Fez bem o ilustre homem de ciências em preferir usar o seu nome que tantos louros já lhe tem granjeado no grande campo da literatura e que ainda agora acaba de contar mais uma vitória com a publicação do seu último livro *Viagem a um país de selvagens*.

A imprensa portuguesa unanimemente acaba de elogiar este último trabalho literário do nosso amigo Dr. Oscar Leal: *Viagem a um país de selvagens*. E com justiça, assim era de esperar, porque Oscar Leal além de ser um grande escritor, tem-nos acostumado ao seu gênero e os seus livros hão de ser sempre procurados e estimados.

É de esperar que no Brasil esta obra desperte grande entusiasmo entre aqueles que se interessam pelas coisas pátrias e sabem ver em Oscar Leal uma glória nacional.

A imprensa brasileira, que até aqui tem não só animado o ilustre escritor, como também elogiado os seus trabalhos literários há de forçosamente reconhecer que ele tem prestado bem bons serviços ao seu país, que não devem, nem poderão ser esquecidos.

⁴⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 4 maio 1895, a. 71, n. 101, p. 3.

Oscar Leal tem publicado já muitas obras de viagem e tem-se-nos revelado um hábil e brilhante *conteur*.

Em 1893 publicou em Pernambuco um volume intitulado *Contos do meu tempo* que, no norte do Brasil ou principalmente no Recife, despertou grande celeuma entre os zoilos da terra e uns pretensos literatos cor de café com leite, que lá tem a estulta mania de se quererem elevar à custa do crédito alheio. Todavia é bom lembrar que essa crítica é mantida pelo *anonimato* ou assinada irrisoriamente (para inglês ver) por nomes completamente desconhecidos.

Nessa obra Oscar Leal dá sobejas provas da superioridade do seu espírito, e deixa-nos de boca aberta, admirados do seu *sans façon*, da sua maneira de dizer e sobretudo prova-nos à evidência que não está filiado a escola alguma e que a sua pena somente obedece a arte individualista, escrevendo como pensa e como sente. E nisso está o grande valor do seu trabalho, o que para muitos parece absurdo.

Conheço pessoalmente o autor e sei de quanto é capaz o seu atilado espírito. Oscar Leal tem levado uma vida aventurosa, irrequieta, cortada de dissabores muitas vezes e outras de prazeres. Quem lhe conhecesse a fundo a sua história poderia dizer que leu o mais intrincado romance de que pode haver notícia. De tudo, porém, resultará uma coisa, é que Oscar Leal nunca se deixou prender pelo desânimo em emergência alguma, é homem que tem sempre esta frase entre dentes: "Tudo tem seu tempo" e deixemo-lo seguir a sua rota porque quando julgarmos casualmente que rimos dele, temos forçosamente de saber que está a rir-se de nós!

É um homem de ação e que sabe tirar o máximo partido dos seus atos às vezes irrefletidos. Em certas ocasiões parece-nos um ingênuo, mas o certo é que se alguém experimentar com maldade a sua bondosa ingenuidade, pode contar que se meteu em má cama e piores lençóis.

É sujeito de poucos amigos porque só sabe ser amigo verdadeiro e como tal só quer quem lhe paque na mesma moeda. É encontrado em toda a parte, dentro e fora de horas. No S. Carlos, na Avenida, em Lisboa, nos sertões de Goiás ou Mato Grosso, entre selvagens e povos rústicos; de casaca e luva branca, como o mais gentil e cavalheiroso habitante do Chiado ou do Boulevard; em mangas de camisa e chapéu de carnaúba com abas largas, a remar em canoa Amazonas acima; tomando café no Fornos em Madri, ceando no Rice em Paris, ou a flanar à porta da Mônaco; nos bailes campestres, dando o braço à modesta costureirinha ou levando gentil senhora em vertiginosa valsa nos vastos e suntuosos salões da Marquesa de Ambriz. Em Lisboa se não o encontrarem no Martinho a ler rapidamente o Correio da Noite – hão de encontrá-lo em alguma espelunca da Mouraria! Mas porque e para que? Dirá o leitor. Será vicioso? Ama o jogo? O vinho? As bebidas? Nada disto. Oscar Leal vota a mais profunda aversão ao jogo e às bebidas. O que ele quer, o que gosta, a sua paixão favorita, afinal de contas, é tudo ver, tudo avassalar, tudo experimentar e realmente era capaz de jurar que o meu amigo, se relativamente pouco tem visto, de tudo tem aliás experimentado.

Às vezes invejo-o e sinto vontade de acompanhá-lo nas suas excursões, de segui-lo pressuroso e este desejo cada vez mais se aviva e cresce quando leio

e releio as suas interessantes descrições que recomendam àqueles que sabem apreciar trabalhos deste gênero, cuja leitura diverte e ilustra.

Falei nos *Contos do meu tempo* e disse que esta obra é de grande valor, mas não sou só eu que o digo, disse-o a imprensa portuguesa e brasileira, senão vejamos:

O Século de Lisboa de 7 - 4 - 94, assim se expressou referindo-se aos Contos do meu tempo:

"Escrito em linguagem amena e despretensiosa, este livro cativa agradavelmente a atenção do leitor pela variedade de assuntos que nele encontra."

Do *Diário de Notícias* de Lisboa de 26 – 3 – 94:

"O talentoso escritor e poeta brasileiro Oscar Leal publicou um novo livro no Recife, sob o título *Contos do meu tempo*. É uma série de contos em parte humorísticos, uma série de poesias com dedicatórias a diversos amigos, recordações da boa camaradagem e por último trechos de excursões, etc.

Sendo presente esta obra à Academia de Ciências, o respectivo presidente ordenou ao secretário da mesma, Pinheiro Chagas, a fim de transmitir ao autor os seus cumprimentos, etc."

O Século e o Diário de Notícias são as principais folhas diárias de Lisboa.

Vamos agora ao Brasil. O *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, de 1 – 12 – 93, diz:

"Os *Contos do meu tempo* de Oscar Leal oferecem algumas horas de curioso passatempo."

O Artista, folha diária do Rio Grande:

"Se o Dr. Oscar Leal não fosse assaz conhecido na república das letras pelo seu espírito cultivado e abalizados dotes de publicista, o livro *Contos do meu tempo* seria o suficiente para consolidar-lhe a reputação como escritor emérito".

Agora *O Amazonas* de 27 - 12 - 93:

"Os Contos do meu tempo compreendem três partes: a primeira é uma coleção de quinze mimosos contos, em estilo despretensioso e ameno, que deixam o espírito agradavelmente impressionado; a segunda "Flores de maio", série de poesias diversas em que a elegância, a neutralidade e a correção da forma correspondente à inspiração do pensamento; a terceira "Excursões" contém cinco descrições de viagem que encantam pelo modo porque lhes são transmitidas as impressões e as ideias que a contemplação da natureza sugere a um homem culto, etc...".

Do *Goiano* de Goiás:

"Os *Contos...* são descritos com a 'verve' que caracteriza o autor e que já o fez conhecido da imprensa brasileira e estrangeira...".

Do Comercial do Pará:

Os *Contos* é uma obra digna de uma estante de literatura como são todas as obras que saem do másculo talento do nosso distinto compatriota o Dr. Oscar Leal..."

Do *Clarim* de Cuiabá;

"Pelos capítulos que lemos, ficamos fazendo bom juízo de todo o livro...".

Agora o Diário de Pernambuco.

"O Dr. Leal mostra-se um *conteur* muito estimável, pois diz com espírito o que quer referir e por vezes cativa inteiramente o leitor."

O Comércio de Pernambuco.

"Compreende esta obra contos, versos e excursões que revelam muita habilidade no autor, incontestavelmente inteligente."

O Correio de Notícias.

"A parte poética que pode desagradar aos amantes do ideal lirismo é pelo contrário admirável e curiosa, porque pertence à arte individualista a que sempre se filiou o Dr. Oscar."

Basta sem dúvida de transcrições.

O leitor acaba de ler a opinião da imprensa brasileira, do Amazonas ao Prata. Não há pois a menor dúvida de que o autor tenha perdido com esta publicação, como pretenderam alguns anônimos do Recife.

Agora vamos à conferência que o meu amigo Oscar Leal realizou na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 9 de novembro último e de que se ocupou com elogios unânimes toda a imprensa portuguesa. Esta conferência, que revela em seu autor um espírito superior, representa um estudo profundo e detalhado do grande rio americano. Vou transcrever apenas o que disse *O Século* de Lisboa de 21 – 11 – 94, depois de ter no seu número de 10 do mesmo mês apresentado longa notícia acerca da mesma conferência:

"O nosso ilustre amigo Oscar Leal fez publicar em volume a sua interessantíssima conferência sobre o "Amazonas", conferência que há dias fez na Sociedade de Geografia de Lisboa, perante numeroso auditório e que tantos aplausos lhe conquistou", etc...

Eis ainda o final de uma notícia do *Diário de Notícias* de Lisboa de 10 – 11 – 94:

"O numeroso auditório que teve ocasião de conhecer essa peça literária apreciou-a com bastante simpatia, manifestada em vivos aplausos quando o Sr. Oscar Leal terminou a sua conferência."

Como o leitor tem visto, o meu desejo é tornar conhecida a opinião da imprensa séria sobre as últimas publicações do meu amigo Oscar Leal e neste intuito o maior prazer que sinto é mostrar que tanto lá como cá há críticos sensatos e de primeira ordem, que o sabem apreciar devidamente e tecem-lhe merecidos elogios. Felizmente Oscar Leal é um espírito superior e por isso ri-se

sempre, saindo triunfante em todas as lutas e estimulando os invejosos a imitálo em benefício da pátria.

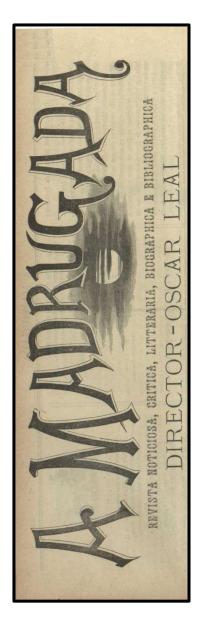
Oscar Leal publicou também recentemente um formoso livro intitulado *Do Tejo a Paris*, publicação esta que foi muito bem recebida pela imprensa portuguesa e brasileira e tem em via de publicação outros livros de viagens e um romance, *O Parteiro*, que será mais tarde publicado, quando for oportuno o seu aparecimento.

Lisboa, 1895.

Lopes Carqueja

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Lopes Carqueja agia então como um soldado de Oscar Leal, pronto a assumir as batalhas jornalísticas em nome de seu "amigo". Retomando o ponto de interseção entre Antônio Salles e Carqueja se dera no artigo em *O Pão da Padaria Espiritual*, de junho de 1895, no qual aquele manifestara sua discordância quanto às apreciações elogiosas de Carqueja no "juízo crítico" sobre *Viagem a um país de selvagens*, sem deixar de provocar e hostilizar mais uma vez a Leal. Diante disso, Carqueja voltava ao papel de defensor contumaz de Oscar Leal, apresentando sua primeira e única colaboração à revista lisbonense *A Madruga*, dirigida pelo próprio Leal, para promover a tréplica contra Antônio Salles, com o artigo "O *Pão* do Ceará", publicado em agosto de 1895.



A MADRUGADA

Honrou-nos com a sua valiosa collaboração o nos-so sympathico amigo e distincto poeta Julio Brandão, redactor da *Revista d'Toje* que se publica no Porto. D'elle é um explendido soneto que hoje publica-

Como um solemus protesto aos manejos jestificos, aos quaes se attribuio o centenario automán realisantes a 20 de jumbo pessado uma granda manifestação anti-jesuita junto do tumblo da infelix Sarah de Mattos, esse encantidora joven victimada no convento das Trinas.

Foram n'esse dia ao cemiterio des Prazeres, para mais de doze mil pessoss em sympathica romaria. As flóres abstraram-se sobre seis covaes occupando um espaço de 18 metros quadrados.

Os senhares Louis Hermanny e C.*, estabelecidos no Rio do Janeiro á rua dos Ourriess HI, em 20 de agosto de 1807, registraram son nº 28.518 F. e re-metteram para Mansius so director d'esta folha um pacoto e contendo objectos cirurgicos no coto de cento e tantos mil rela.

cote contendo objectos cirurgicos no valor de cento e tantos mil res nermo mez o destinatario livesse.

Como n'esse mermo mez o destinatario livesse quo partir di openda cided, dirigira-se sa siministrador do correio alli e pedidi-lle para pele na sua reparticio toda a correspondenta da esquindo stato. Perindo del accompanyo del control del pedidi-lle a venesa da correspondenta na sua reparticio toda o deposito de haver dirigido para Minsion duns cartas registradas so dito administrador, passidos tres mezes apor a sua chegada squi e fedias varias reclamações por meio de amigos, é que d'alti receltu alguns jorases e tritar de tantes cartas, quasi todas, com evidentes siguases de terem sido molinada, abertas o fecidada de novo. O reclamador remeteu so dito administrador a quastria de cinco mil reis para caso de l'acer qualquer poise a pigur, e apeara de montre de la companyo de la considera de considera

due correire de 116 de Juneires, no quel dirigieme tem-lem a nossa iguata reclamação.

Xão queremes offender o cidadão de quem acima Bilamos e ou çavalheirismo, bondade e bac fé de-vem ter dado lugar a que ilquem na sua repartição deses motivos às nossas quentes e ás de outros, se-gundo de la mesmo nos informam.

O visconde de Tauray publicou ha pouco no Rio de Jareiro um novo livro com o título—Como me tornei Queinquista.

A obra de Carlos Laet—, Em Minas foi muito Isem recebida péla imprensa fluminense,

No Ceará appareceram as Promettidas, poesias de Francisco Barreto.

Reproduziremos no provino numero uma producção da intelligente contista Francisca Clotilde, distincta col-laboradora da Republica do Cestá, folha de que é principal redector o nosso illustrado collega J. Eduardo Torres Camara,

A Medropodo continua a ser cacontrada a venda em Manias na iteraria de Silva A Gonese, no Paria, na de Secua Nova & C.*, no Maranhio, na de Bamoré Almeida & C.*, no Carri, na de Joaquím nest e Oliverra; no Río de Janefro, na de Lopes da Cantina, Quitandia, 28; no llio Grande de Eul, na de Carlos Pinto de C.*, etc. ×

BIBLIOGRAPHIA

na India.

Almanach dos paleas salas, com o reirai da actriz Emilia Eduarda. Collos, cançon las monologos, scenas comicas, versos, etc.

Bevista de Eduarda e Ensino.—Director Ferreira Deutsdade, com um magnifico trabalho do sembor Ani-

Sardos Mindos.

Cariciars — Viageus pelo paiz da ternurra, Botanias amoreas, Garcia Resiondo, Rio de Jameiro. Estito Domingos de Magalhies.

18 fullamos dado motica d'esta obra, O procente evcupira des Garcias, des censaldares Garcias de la companda de Caricias, des censaldares Garcias de la companda del la companda de la companda del la companda de la companda de

E' uma obra que devo ser hía por todos aquelles que se interesson pela literatura brazilera.

O elogio que lhe quedemos tecer acha-se exarado niestas palavas bastania significativas e que facanes nosas, proferdas pelo minto nadavel escriptor a nosa o migo sur Abbeto Phimach de poiss que de um folego termino na lettura—— que hello livera!

O Hord. Nevie-Explendiar revigal interartura de la compara de la comparación de la comparación de la comparación del la comparación de la comparación de la comparación del la comparación de la comparación de la comparación del la comparación de la comparación del la compara

Pampeiros — Poesias por Hygino Rodrigues. O auctor è um joven de rija tempera, fogoso e ar-rojado. Nada lhe falta pois para ter dianfe de si um brilhanfe futuro. Auguramos-lhe com toda a certeza

brillante futuro. Auguramos-lbe com toda a corteza e loa vontade bellosi disa de glaria.

Estare as producoves porticas condidas ne este volume de 12º poptinas, la algumas bestante minosas e singelas que merceum a altenção dos entendidos. Parabensas ao seu autor;

Vistrormo-nos alem das folhas do contime mais as equintes 1. de Girilando Papidor—Director "Manor Ferreira, Gasta do Manha e O Pararra, en Francelos Comercos, habes melantes casas dos de Control.

neel Ferreira, Garata do Minho e O Pavers, de Evam-liclo, Coerro do Parto, Riedatoras Suel de Azrocelo e Jayme Fare, Porto, A Voa do Saldo, Reductor Leo-poldo Mera. O Avendera, de Higmane, Galainet de Repotera, Reductor F. B. de Miranda, Likedo. Do Drazil Continumona a receber primeria vede porte de la companio de Saldo, de Carlo de Saldo. Le conservado de Saldo, de Carlo de Saldo, de Carlo de centrolo, tendo-nos visidado ultimamento pela primeira vez os seguintes: O Reporter, Director Lipida Games, Ildeirio Preto, Tribana do Nove, Director de Ameri-

ver os seguintes: O Beperter, Director Elipido Gomes, Nikelirio Preto, Tribuno do Novel, Director da Ancicco Seria, Pindamoulagaba, O Bepublicano, Redactores, Losquin, Siña, es lodio da Handrida, Sorreciala, Generala de Santa Bita, Bedactores Arthur de Andriade e Manuel Volti, Pesse-Quinto, Gonzáleia, Birector Antonio Carbis, Guaratin puedi, Gazeta de Brotza, Gazeta de Denota, Gazeta de Benota, Gazeta de Benota Carbis, etc., Popurino, Redactor Carbos, Sevien, Oliosta a Parlacio, Benota Francisco, Aspendi, Antonio Carbis, Porto Alegre e Clafas niere, Porto Alegre Lonterne, Cidade do Ilo Grande: Compercio, Director Entresto, Cidade do Ilo Grande: Compercio, Director Entresto Adolfo, Ingié. Meconte, Director A. Nerve, Restelor Silva Alegre, (Rio Giande do Sairl, O Errey, Restelor Silva Oliveira: Giánde de Jaingupar, Rahia. O Camponer, Caxias, Director Extratég do Carrino. Gazeta Cazena, Maranhio, A Verdalel, Ogiao espirala, Cayada, Qhatto Grosso. A Unión, Directo de Porto de Propositio, Porto Grosso. A Unión, Directo de Porto de Porto.

O «PÃO» DO CEARÁ

ole. — On Republic Court 4—5—50.

Et des os arrepords a liberier rechergie da Republica perque la composition de la republica perque de la composition de la republica de la composition del la composition del la composition de la composition de la composition del la compositio

Lisbon, 1895.

Editor - ANTONIO J. ALVES

No artigo, Lopes Carqueja não poupou esforços para atacar Sales, tomando as dores pelo "amigo" Leal, que dizia estar ausente. Mas alegava que também se sentira ofendido e ressaltava que possuía certa notoriedade, ao afirmar que "a ofensa foi a nós dirigida, mas não nos atingiu, porque somos bastante conhecidos para que ninguém ponha em dúvida as nossas afirmativas". As pejorações a Antônio Sales foram diversas, acusando-o de lançar "insultos e impropérios, só usados por gente da sua laia". Além disso, chamava o desafeto de "crítico anônimo do Pão"; "pretensioso sem origem"; "um desses zoilos do norte do Brasil a quem devemos desprezar"; e "covarde agressor que assim se ocultava". Havia também ameaças contra o antagonista, a respeito da existência de "duas longas cartas" que diziam "cobras e lagartos do tal senhor Sales", mas que ainda não haviam sido divulgadas pela "indulgência de poupar-lhe a vida, deixando-o se esqueirar entre os sicômoros (sic) do cisco em que vive e se arrasta debilmente". As ofensas destinavam-se também à falta de títulos ou profissão do "ex-menino bonito", só tendo servido para ser "criado do governo estadual" e padeiro-mor lá da padaria Espiritual", não tendo capacidade para desempenhar qualquer outra profissão, muito menos a de dentista.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

O PÃO DO CEARÁ49

"Lá da terra da fome Vem-nos pão que parece fel."

⁴⁹ A MADRUGADA. Lisboa, 4 ago. 1895, a. 2, série 2, p. 4.

Há pouco tempo lemos no Patriota a notícia de que "o inteligente mulato cearense Antônio Sales publicara um segundo folheto de versos subordinado ao título Trovas do norte, no qual havia muitas produções detestáveis, meia dúzia sofríveis e outras que revelavam a astúcia do autor, chamando afinal para elas a atenção de dois poetas notáveis da América Central residentes na Colômbia e um outro no Peru". Agora, porém, chegam-nos às mãos alguns exemplares de um jornalzinho intitulado *O Pão* no qual o mesmo senhor Antônio de Souza ou Antônio Sales busca defender-se da crítica que fez ao seu folheto o Sr. Alves de Faria na República de Campos e, mais adiante, recebe com insultos e impropérios, só usados por gente da sua laia, o folheto que tivemos a má lembrança de enviar à redação do Pão, onde aliás têm colaborado rapazes de talento e brio segundo vemos agora. O folheto em questão é o "Juízo crítico" da imprensa portuguesa sobre a nova obra do meu amigo Oscar Leal, juízo que foi depois aplaudido e confirmado pelos principais jornais do Brasil sobre a Viagem a um país de selvagens. O Sr. Sales, que não é outro o crítico anônimo do Pão, confessa não conhecer ainda esse senhor, no entanto, unicamente por maldade, pôs em dúvida os elogios merecidos que eu, assim como os principais literatos portugueses e brasileiros tecemos ao autor, escritor que mais serviços tem como tal prestado ao seu país, já fazenda conferências, já escrevendo e dando-nos a conhecer as suas belezas e as suas riquezas.

Oscar Leal, que se acha ausente e cujo caráter nós conhecemos, não daria a menor importância aos estultos conceitos do tal pretensioso sem origem, pelo

contrário, soltaria a risada do costume própria dos grandes talentos. Nós é que não estamos por tal, porque a ofensa foi a nós dirigida, mas não nos atingiu, porque somos bastante conhecidos para que ninguém ponha em dúvida as nossas afirmativas.

Nesta redação existem duas longas cartas em que de lá nos mandaram dizer há tempos cobras e lagartos do tal senhor Sales. Nós, porém, não tivemos e não temos ainda motivo para dá-las à publicidade. Da mesma forma que enxotamos para longe o réptil que nos tenta morder, temos também a indulgência de poupar-lhe a vida, deixando-o se esgueirar entre os sicômoros do cisco em que vive e se arrasta debilmente.

Antes, porém, devemos pôr de aviso os nossos confrades de além-mar acerca dos manejos e intenções do senhor Sales, para os informar de que este senhor não merece a menor atenção da parte deles. Antônio Sales é um desses zoilos do norte do Brasil a quem devemos desprezar.

Usando de vários pseudônimos, este indivíduo tem tentado ridicularizar não só as obras de um, mas de muitos escritores e poetas brasileiros, alguns dos quais chegaram a tecer-lhe elogios, sem saberem que já por ele haviam sido vergastados sob a vil capa do anonimato.

Quais os títulos que possui o ex-menino bonito Sales? Qual a sua profissão?

Nenhum, nenhuma.

Nenhuma sim porque ser criado do governo estadual, ter um emprego público enfim, nada significa. Título ao que nos conste só o de padeiro-mor lá da padaria *Espiritual*. Para dentista não serve que é nervoso, para médico o curso é de seis anos, muito longo e faltam-lhe até os preparatórios... olhe estude obstetrícia, vá ser parteiro que é o melhor. Se quiser podemos favorecer-lhe uma recomendação para o Melo Gomes em Pernambuco, que é especialista e que não lhe levará nada pelas lições no gabinete reservado. Hume escreveu a sua História da Inglaterra aos 40 anos, depois de ter sido soldado.

Estude e confie.

E muito seriamente, agora para terminarmos, aconselhamos ao tal pretensioso a distinguir-se de forma mais honrosa para si e não à custa do crédito alheio, tratando por tu Arthur de Azevedo e a outros literatos sérios que bajula, enquanto tenta enxovalhar homens também notáveis que não conhece se não de nome e que não desejam ter relações consigo nem mesmo aos sopapos. Já que tem dado prova de andar sugestionando tome tento e cuidado para não ouvir coisa mais sérias, evitando a tempo uma queda literária.

Há tempos o senhor Sales, como colaborador da *República* do Ceará e sob a falsa assinatura de *Ibrahim*, publicou três longos artigos contra a *Viagem às terras goianas* de Oscar Leal e contra outros seus trabalhos literários.

Que resposta lhe deu o autor? Nenhuma. Este apenas tratou de descobrir particularmente quem era o covarde agressor que assim se ocultava.

A redação da *República*, porém, não era da opinião do senhor Sales, senão vejamos o que depois disse esse jornal sobre novas publicações do autor:

"A Madrugada publicada em Lisboa sob a redação do nosso ilustrado compatriota Dr. Oscar Leal... é um jornal bem feito e muito moderno..." (Da República Ceará 6-12-94).

"... o Dr. Oscar Leal tem enriquecido a nossa literatura com produções de seu fecundo talento" (Da *República* Ceará 11-6-95).

Veja mais – "... de leitura amena e fácil, as produções do Sr. Dr. Oscar Leal têm sem contestação merecimento literário, etc." (Da *República* Ceará 8-5-95).

E não se arrependa a ilustre redação da *República* porque a principiar pelo *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (de 9-5-95) quase toda a imprensa brasileira diz que "as obras de Oscar Leal são lidas sempre com satisfação".

Eis aí o verdadeiro triunfo que causa tanta inveja aos maus e pretensiosos. E até que o Sr. A. Sales, ex-Ibrahim e hoje Moacir Jurema, viu o seu nome estampado na *Madrugada!*...

Lisboa, 1895.

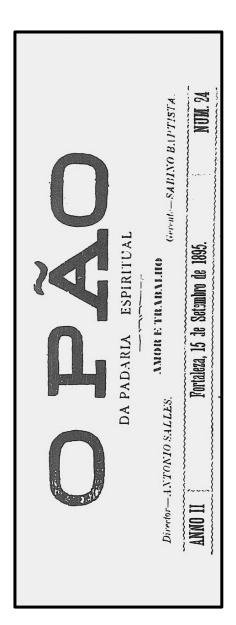
Lopes Carqueja.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Mas a contenda não se encerrava, e Antônio Sales voltava a usar as páginas de *O Pão da Padaria Espiritual*, como arma de combate no conflito contra Leal, com o artigo "A galope!", publicado em setembro de 1895. Mantendo o tom chistoso e satírico, só que dessa vez ainda mais colérico, Sales também não deixou de mimosear Leal com todos os desqualificativos que lhe vinham à lembrança, como "tão ruim defunto"; autor de "um livro pulha, como todos os que saem do boticão... quero dizer, da pena de Oscar Leal"; portador de uma "bazófia de capadócio ladino e audacioso"; "crassamente ignorante, ridículo e falto de senso comum"; escritor de obras que trazem "um inesgotável cabedal para fazer pilhéria"; "intelectualmente é um demente com a bossa da filáucia e da esperteza"; "crítico literário que nem ao menos conhece as regras" ortográficas; "pessoa de espírito obtuso"; realizador de "serviços de diabo-coxo, e que não têm efeitos somente negativos, mas também perniciosos"; seus livros eram "documentos de psicologia mórbida"; "sofre do mal de *escrever* e do mal de *fazer figura*"50.

Antônio Salles também defendia-se também das acusações recebidas quanto ao cunho racial; à apreciação de suas obras; à prática do anonimato; à existência de cartas com conteúdo contrário si; e ao fato de ter sido funcionário público. A respeito desse último perguntava com provocação: "O que é profissão decente é somente arrancar dentes podres, fazer dentaduras e obturar cáries, paspalhão?". Também não deixava de prometer que permaneceria no combate.

⁵⁰ O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 15 set. 1895, a. 2, n. 24, p. 2-3.



o Plo

Seguidilha

DE THEOPHILO GAUTIES

(No album de C. Brunetto)

Saia aportada nas ancess. Sa trança um ponte sem fins, vihos de fogo, mãos brancas S umas pornas de marfim! O pé de oreança, um zero!...

Alsa / Solero / ...
Eis a hespanhola.

Que adore o quero.

Ciestos llvres, diner louco,
Nai e pimenta a quem quer;
Nenhuns cuidados e pouco
Pensar grave de mulher:
Amor caprichoso e fero!...
Aisa! Salero!...
Bis a heepanhola.
Que adoro e quero.

Dansar, ao tom estalado
Das castanholas cantar,
E de charuto plantado
No lablo em fogo, a clamar
As destresas de um forero...
Alsa ! Salero /...
Els a hespanhola.
Que adoro e quero.

A galope!

(COM VISTAS AND EXIMIO DENTINTA E LIT TERATO DR. OSCAR LEAL) Estre as innumeras descomposti Batre as innuneras descompostu-ras com que tenho sido mimoscado deade que encetoi a minha vida litte-ratia, vom ligurar agora a que me pes-pegou Lopes Carqueja, na Madraga-da, hebdomadarro que se publica em Lisbóa, sob a direcção do famigerado Oscar Leal, dos Contos do men tempo (tá delle) e de outras obrinhas de

iguni jaez. Den causa à descomponenda o se

Lopes Carusa a doscomponenda o seLopes Carusais, que arquejo e umlean oracja, reunus em um fulheto as
opinices externadas por diversos jurnaes sobre um dos livros de OscarLeut, folheto de que mandou, um
exemplar à Padaria Espiritual.
Accusando o sur recibimonir, en
Accusando o sur recibimonir, en
desse ao trabalho insuno de gastarsua cera com tão raim defunto colleccionando opiniões, ás vezes insiguideantes, sobreum livro pulha, como
todos os que sabrem do botirão. queredesse ao trabalho insuno de gastarsua cera com tão raim defunto colleccionando opiniões, ás vezes insiguideantes, sobreum livro pulha, como
todos os que sabrem do botirão. queredesse que partir de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio de

queja inflammou-se, bufou, criçou as tongas orelhas e desandon-me os pies, tongas orelhas e desandones de anti-de an

del-o.
Não la tal : referindo-me a Osear
Leal na noticia que doi do folhe o en
questão, cu disso apenas que S. S.
nos sous livros se revela « crassamente igaorante, ridiculo o falto de senso

operatio, en dissa openas que S. S. anos sous livros se recisa excassamente ignorante, ridiculo o falto de senso che grande de la diversa vezo-te commun».

Mas isto som intenção de oficudor e inovido aômente pelos sentimentos da mais absoluira sunceridade.

To de culpa tenho en de deixar S. S. de fabricar dentadoras para fabricar livros?

Que culpa tenho de que a imprensa portugueza e a brasilerra não sejam bostanto e artidosas para discer-licavoradede, poupando-o ao desfracte de perior livros irrisorios.

Por estado sava, aprecien as sus Visigos do pecudonymo de largidir a esto o pseudonymo de larg

Mas sem intenção de offender. Si das minhas aprestições concluir o publico que S. S. é uma besta, a enfigirado é minha.

Que má vontade posso ter a um homem de quem só conheço as obras e os retratos que infallivelmente as ornam.

Dadas estas explicações, que, espe-ro, sejam tomadas á bóa parte pelo Sr. Oscar Leal, passo a apreciar o seu artigo.

evina com tao ruim defunto colgercionando upanides, ás verses issigunificantes, sobreum livro publa, como
da so quo ashom do boticaro... quoro diter, da penna de Oscar Leui.

Mas quando descar Leui.

Mas quando a spora, quo Oscar
Leui e Locse Carquoja são duas nitmerias divinicas o uma so pessoa
verindeira.

Vejam como é modesto o Oscar:

prevalescea-so do um pseudonymo para a

Algumas pessoas que o veram quando

adecedes feui a so seu livro.

Leudo a minha aprocuação, Oscar
Lendo a minha aprocuação de lendo de lendo de minha aprocuação de lendo de lendo de minha de lendo de

restremano aux suns apregonaux conferencia andou por la Valentim Magabbas, e o publico lisbonense magabbas, e o publico lisbonense de la valentim de la valentima de la valentima de la valentima de la valentima de la valentimente extranho Oscar Leal.

Quanto aos seus livros, ellos sán com effeitos preciosos—não como documento da vada nacional, mas como documento da vada nacional, mas como destadarem a attenção de Ferrero ou de Lombroso. Oscar é ao mesmo tempo graphomano e megalomano.

Soffre do mai de escreçer e do mai de façor flagura.

obcumentos de psychologia morbida; son artigo.

Disposésse en de mais espaco, es como des proposésses de precialo, limitar-mesa a mande como de la proposítica de la filia de senso de la filia de modo de la filia de modo de la filia del filia de la filia del filia de la filia del filia de la filia de la filia de la filia de la filia del filia de la filia del filia de la filia de la filia de la filia de la filia del filia del

Mas a maior acusação realizada por Sales em seu artigo era a de que Oscar Leal e Lopes Carqueja seriam a mesma pessoa. Dizia isso sem perder o tom jocoso: "Vejam como é modesto o Oscar: prevaleceu-se de um pseudônimo para espalhar aos quatro ventos as apreciações feitas no seu livro". E não parava de gracejar: "Lendo a minha apreciação, Oscar-queja inflamou-se, bufou, eriçou as longas orelhas e desandou-me os pés"⁵¹. Conforme prometera, Antônio Sales voltaria à carga contra Leal/Carqueja, chamando-lhe de autor de "prosa asnática e pífia"; de "torpe dentista e fazedor de livros" e de "cínico intrujão"⁵². Os ataques mútuos persistiriam tendo havido uma tentativa de Oscar Leal imputar a Sales a prática de plágio, estendendo-se as agressões até após a morte de Leal, em 1911⁵³.

Entretanto, ainda no âmbito daquele 1895, a afirmação de que Carqueja era apenas o pseudônimo de Oscar Leal, para poder elogiar a si mesmo, pareceu ter sido um golpe forte, tanto que na revista lisboeta que dirigia, Leal deu logo a resposta, declarando em outubro de 1895 que "em um dos próximos números da *Madrugada* será publicado o retrato do nosso amigo e modesto companheiro A. Lopes Carqueja e sucessivamente de alguns colaboradores"⁵⁴. O que viria a se confirmar, em dezembro, com uma brevíssima nota biográfica e um retrato mínimo, ou seja, um formato nada usual para *A Madrugada* até então em termos de padrões editorias, tanto textuais, quanto iconográficos.

⁵¹ O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, 15 set. 1895, a. 2, n. 24, p. 2-3.

 $^{^{52}}$ O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL. Fortaleza, $1^{\rm o}$ nov. 1895, a. 2, n. 27, p. 3.; e 15 dez. 1895, a. 2, n. 30, p. 3.

⁵³ JORNAL DO CEARÁ. Fortaleza, 11 out. 1911, a. 8, n. 1.407, p. 1.

⁵⁴ A MADRUGADA. Lisboa, out. 1895, a. 2, série 3, p. 3.

LOPES CARQUEJA

É um dos nossos mais dignos auxiliares.

Nascea em Lisboa e é filho do sr. José
Lopes y Carqueja, um distincto hespanhol
que viveu durante muitos annos em Portugal e que lhe soube dar uma educação dismineta.

Ainda muito novo partiu Antonio Lopes Carqueja para o Rio de Janeiro, onde soube aproveitar as horas vagas que lhe deixavam

os seus affazeres para melhor cuidar do cultivo intellectual. Foi lá que primeiramente o conhecemos e desde então tem sempre provado que é um dos nossos melhores amigos.

Bastante modesto, raramente assigna o que escreve, não com receio de ser fulminado pelos golpes da critica. Os seus trabalhos teem sido publicados em varias folhas de Portugal, Brazil e Hespanha, onde reside actualmente. De vez em quando Lopes Carqueja visita-nos com alvoroço, dando-nos sempre plenas provas do seu fino espirito.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

LOPES CARQUEJA⁵⁵

É um dos nossos mais dignos auxiliares.

Nasceu em Lisboa e é filho do Sr. José Lopes y Carqueja, um distinto espanhol que viveu durante muitos anos em Portugal e que lhe soube dar uma educação distinta.

Ainda muito novo partiu Antônio Lopes Carqueja para o Rio de Janeiro, onde soube aproveitar as horas vagas que lhe deixavam os seus afazeres para melhor cuidar do cultivo intelectual. Foi lá que primeiramente o conhecemos e desde então tem sempre provado que é um dos nossos melhores amigos.

Bastante modesto, raramente assina o que escreve, não com receio de ser fulminado pelos golpes da crítica. Os seus trabalhos têm sido publicados em várias folhas de Portugal, Brasil e Espanha, onde reside atualmente. De vez em quando Lopes Carqueja visita-nos com alvoroço, dando-nos sempre plenas provas do seu fino espírito.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Ficava demarcada uma série de contradições. Primeiro, no anúncio da matéria, Carqueja era descrito como "nosso amigo e modesto companheiro" e, na breve nota biográfica, aparecia: "bastante modesto, raramente assina o que escreve". Entretanto, anteriormente, nas réplicas e tréplicas com Sales, o próprio

⁵⁵ A MADRUGADA. Lisboa, dez. 1895, a. 2, série 3, p. 2.

Carqueja dissera "somos bastante conhecidos para que ninguém ponha em dúvida as nossas afirmativas". Então ele tinha a notoriedade de ser "bastante conhecido" ou era "modesto" e escondia o seu nome em seus escritos? Além das discrepâncias gráficas quanto ao tamanho mínimo do retrato (só a partir de então apareceriam outras ilustrações de pequena dimensão) e pouco expressiva biografia, na qual o próprio conteúdo desses dados biográficos era extremamente genérico. Antônio Lopes Carqueja era português, filho de espanhol, que estudara no Brasil, onde conhecera Leal, tornando-se um de seus melhores amigos. Ele quase não assinava seus escritos, mas publicava na imprensa portuguesa, brasileira e espanhola. Convenientemente radicara-se na Espanha, mas visitava o amigo "com alvoroço" e "seu fino espírito". Mas onde ele estudara? Tinha alguma formação? Onde trabalhara? Do que vivia? Era jornalista? Escrevia crônicas, contos, poesias, ou narrativas de viagem? Tamanha imprecisão não demarcara as matérias biobibliográficas de A Madruga. E, finalmente a figura do retrato, igualmente ao texto, também era muito genérica. O certo é que Leal não refutou a acusação de Sales, mas Lopes Carqueja não mais apareceu nas páginas de A Madrugada, nem nos livros de Leal. Inclusive, no livro *Dentistas e "dentistas"*, havia uma abertura com estilo muito próximo ao utilizado por Carqueja, mas não aparecia qualquer identificação para quem redigira tão elogiosa apresentação para Oscar Leal.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

OSCAR LEAL⁵⁶

Oscar Leal, de quem ainda em fevereiro de 1900 o *Século* publicou extenso artigo biográfico de que vamos extrair algumas linhas, é autor de vinte e tantas obras literárias e científicas e de livros com impressões e estudos de viagens, que por aí andam de mão em mão, dados à estampa pelas nossas principais casas editoras. Essas publicações têm lhe já válido galardões. Por causa delas tem sido recebido membro de notáveis associações científicas de Portugal e do estrangeiro. Em diversos países é o seu nome apontado em diferentes academias e associações científicas, como um dos sócios correspondentes de quem mais se ufanam, não sendo pouco numerosas já as distinções e elogios que tem recebido por escrito das direções de várias sociedades científicas de Paris, e de outras capitais.

Partindo para o Brasil aos 14 anos de idade, foi ali aluno de um grande colégio em Nova Friburgo, onde estudaram também o grande poeta Casimiro de Abreu, e outros muitos notáveis homens políticos daquele país. Cursando os seus estudos superiores chegou a formar-se pela Faculdade de Medicina da Bahia no mesmo ano em que ali defendeu tese W. de Omena de quem trata este opúsculo à página 55, quando ali apresentou tese para obter o título de doutor, e ao mesmo tempo de constantes visitas ao seu país natal, depois de 18 anos de exílio por todos os países a América do Sul, resolveu-se a fixar residência em

⁵⁶ LEAL, Oscar. *Dentistas e "dentistas" – crítica (de luva calçada) ao folheto de Francisco Ortiz O Dentista Moderno.* Lisboa: Livraria Editora da Viúva Tavares Cardoso, 1904. p. 65-67.

Lisboa, onde são tantos os que o estimam e consideram, quantos de perto o conhecem.

Os seus melhores amigos são os nosso mais notáveis homens de letras, que pelo fato dele não viver delas nem por isso lhe recusam a sua confraternidade. Mas o que há de ele fazer se na nossa pátria, infelizmente os dentes rendem mais do que as letras?

Depois de fixar, há cerca de dez anos, residência aqui era ele convidado para o cargo de ajudante naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, lugar que não aceitou como não aceitou o título de barão, que aqui lhe foi oferecido e que a imprensa noticiou.

Andando em viagem, quis depois de dois anos de residência no Porto, visitar as terras africanas e durante um ano percorreu todas as nossas colônias da África ocidental, abrindo temporariamente consultório nas cidades principais, trabalhando e estudando como provou com o seu último livro ainda há pouco editado pela Livraria Tavares Cardoso.

Estabelecido em Lisboa, foi ele quem deu o sinal de alarme na imprensa, pedindo a reforma da arte dentária em Portugal.

As calúnias mesquinhas – e haverá calúnias que não o sejam?... – e indignas alusões que lhe sejam dirigidas erram o alvo, e só nele encontrarão sempre o mais absoluto desprezo, sem lograrem perturbar-lhe o justíssimo triunfo.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Oscar Leal tinha uma prática muito comum nas páginas de A Madrugada, exercendo, além da direção, vários papeis na execução da revista, na qual publicava as matérias editorias, contos, crônicas, poemas e biografias. Mas tudo indica que também escrevia como se fosse um dos redatores da folha, normalmente referindo-se a si mesmo como o "nosso amigo Oscar Leal", expressão várias vezes utilizadas por Carqueja. Havia uma similitude significativa no estilo de Leal quanto intentava demonstrar ser um terceiro e o de Lopes Carqueja. Seria Antônio Lopes Carqueja apenas um grande amigo, porém misterioso e quase anônimo, de tanta modéstia, que estava sempre pronto para recortar elogios dos jornais, de modo a divulgar positivamente a obra do colega; para editar revistas bibliográficas, escrever nos periódicos apenas para prestar louvores ao outro? E além disso tudo, mantinha uma amizade tão figadal, que assumia de peito aberto os embates de Leal, tomandolhe às dores e colocando-se à sua frente no campo de batalha? Ou, por outro, lado, conforme dizia Sales, não passava de um pseudônimo utilizado por Oscar Leal, que criara uma espécie de alter ego, para cumprir determinadas missões que não precisariam ser por ele executadas?

Era uma época em que "a crítica se arrogaria ser porta-voz da opinião pública, julgando o mérito e o demérito dos textos", por meio de "artigos em série publicados em periódico", os quais continham "apurações do valor ou do desvalor dos escritos literários"⁵⁷. Ficava então estabelecida uma "tendência dos meios intelectuais, tanto portugueses como brasileiros, integrantes dos meios

⁵⁷ NUNES, Benedito. *A clave do poético: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 76.

culturais de finais do século XIX, para a produção de polêmicas". Tais embates consistiam um "mecanismo recorrente", em um quadro pelo qual "a ativação das polêmicas procede de uma tentativa de instituição de sentido, seja em nome de uma clarificação de fraturas argumentativas", ou ainda "em nome de uma radicalização de posições em torno de um núcleo de postulados". Nesse sentido, apareciam "situações em que a polêmica expressa a recusa de determinada pertença", ou outras, nas quais ela "exprime a dissensão dentro de determinada zona de pertencimento"⁵⁸.

Diante disso, a consideração final é que Oscar Leal (ou Lopes Carqueja) foi um exemplo evidente do quanto o mundo literário também foi um espaço propício aos conflitos discursivos, que iam do debate acadêmico ao mais desbragado bate-boca. Vaidades pessoais e orgulhos feridos moviam homens a empunharem armas para irem à batalha das palavras. Nesse ambiente beligerante, "a maior parte das noções que os artistas e os críticos empregam para se definirem ou para definirem os seus adversários são armas e objetos de luta" vinculadas a "categorias nativas mais ou menos sabiamente disfarçadas ou transfiguradas". Tais "conceitos de combate" são "inicialmente concebidos, a maior parte das vezes, como insultos ou condenações", no sentido de "acusar publicamente", e acabam por adquirir "um ar de eternidade". Nos enfrentamentos em pauta ficava em jogo também a definição de "quem é artista

⁵⁸ PAREDES, Marçal de Menezes. *Configurações luso-brasileiras: fronteiras culturais, demarcações da história e escalas identitárias (1870-1910).* Coimbra: Novas Edições Acadêmicas, 2013. p. 98.

ou não é"⁵⁹. Essas perspectivas ficavam bem demarcadas nas adjetivações amplamente pejorativas utilizadas de parte; na insistência de Sales para que Oscar Leal desistisse da literatura e ficasse só com a odontologia; na acusação da identidade entre Leal e Carqueja; bem com a continuidade do conflito entre ambos, que se arrastou para além da morte de Oscar Leal.

⁵⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 293.

TRÊS PRESENÇAS NA IMPRENSA ILUSTRADA LISBONENSE

Nas décadas que demarcaram a virada dos Oitocentos para o Novecentos, a imprensa portuguesa, apesar da crise econômica que assolava o país, passava por uma etapa de ampla expansão, assim como uma expressiva diversificação e especialização das atividades jornalísticas. Assim, além dos tradicionais diários – noticiosos, políticos e mercantis –, circulavam entre outros revistas e jornais literários, folhas satírico-humorísticas e periódicos que representavam determinados segmentos socioeconômicos, político-ideológicos, culturais e religiosos. Outro gênero jornalístico que ganhou espaço em Portugal naquela época era o da imprensa ilustrada, que criava em suas páginas um diferencial extraordinário, com a inclusão de figuras que chamavam a atenção do público e conquistavam popularidade. Dentre as publicações ilustradas, havia as noticiosas-culturais, as artístico-literárias e as humorísticas. Oscar Leal acabaria por ter o seu trabalho divulgado em jornais lusos e, especificamente, apareceu em três folhas ilustradas, cuja abordagem constitui o objetivo deste estudo.

Nesse contexto de expansão um dos segmentos que obteve destaque no conjunto do periodismo português foi o da imprensa ilustrada. A inclusão de gravuras nos jornais não era ainda um processo de tão fácil execução, tendo em vista as condições técnicas impostas às oficinas tipográficas. O aparecimento de folhas ilustradas na maior parte das grandes cidades europeias viria a encorajar em Portugal "a criação de publicações idênticas", fundando-se "revistas profusamente ilustradas de elevado nível", algumas delas de longa existência. Como a fotografia não era utilizada pelos periódicos, "devido a dificuldades

técnicas várias e à má qualidade do papel"60, o que só viria a ocorrer, paulatinamente, a partir do século XX, os jornais ilustrados acresciam ao texto o atrativo da imagem, através do desenho, levando aos leitores qualificadas reproduções de paisagens, personagens e fatos históricos, bem como personalidades marcantes na vida pública de então. Nesse momento, "entendiase que a ilustração não só embelezava o texto, tornando-o mais atrativo, mas também ajudava à sua compreensão, identificando melhor o leitor com o fato descrito"61.

Também ilustradas, mas mantendo outro norte editorial, com uma linha crítica e humorada, e trazendo um extraordinário atrativo – a imagem caricaturada –, em Portugal circularam diversos representantes da imprensa caricata. Nesses periódicos "a caricatura, como meio de provocar o contraste desejado", servia-se "do cômico para descobrir a possível 'verdade', ou seja, uma nova maneira de olhar o mundo", visando a que o leitor despertasse e sentisse o que se passava em redor, uma vez que ela "não resignava, desafiava, provocava o riso, quase instantaneamente, e a reflexão". Os semanários caricatos mantinham um constante trabalho de articulação discursiva entre o padrão escrito da imprensa que se somava à tradição oral do dia a dia das pessoas, resultando em uma ação cômica que multiplicava o poder de influência junto à

⁶⁰ TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 197-198.

⁶¹ TENGARRINHA, José. *Nova história da imprensa portuguesa (das origens a 1865)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

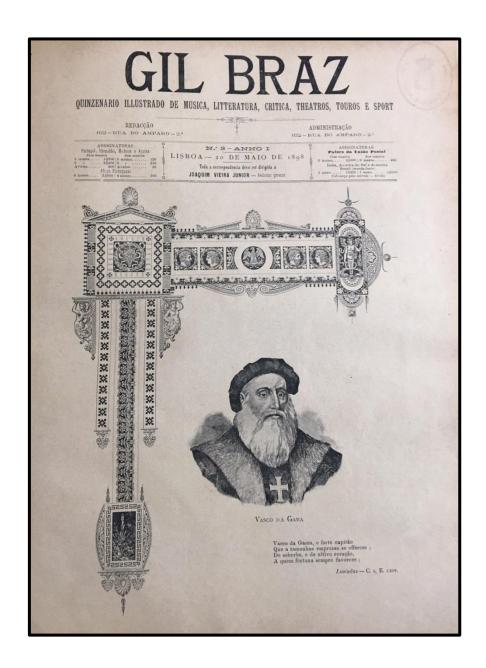
p. 865

opinião pública e, paralelamente, transmitiam uma perspectiva cotidiana, na qual "o espectador se sentia, invariavelmente, inserido", ou até mesmo, eventualmente, um protagonista. Nesse sentido, "apesar dos limites que impunha a taxa de analfabetismo, a partir da sistemática ilustração em periódicos, sobretudo da caricatura", criava-se "o impacto necessário" o qual conduzia "à atenção sobre o periódico, mesmo na condição de analfabeto". Com imagem e texto incisivos, as folhas caricatas, como representantes da pequena imprensa, traziam "a tradução da crítica a um sistema degradado, levado aos limites do absurdo, ou seja, a sua troça e sua negação" representavam a subversão "da própria ordem social" e de específicas visões de mundo⁶².

Um desses periódicos ilustrados, de natureza artístico-literária foi o *Gil Braz*, que circulou em Lisboa, entre 1898 e 1904 e era um quinzenário ilustrado de música, literatura, crítica, teatros, touros e esporte, tendo por proprietário e redator Joaquim Vieira Júnior⁶³. A folha demarcou seu norte editorial no primeiro número, com a matéria intitulada "A que vimos", na qual expressava que "a arte atravessa neste momento uma crise aziaga em terras portuguesas; e, no entanto, percorram-se os jornais: – nunca houve tantos gênios, neste doce país da laranjeira". Citava que havia "escritores e músicos, pintores e cômicos, arquitetos, cantores e caricaturistas", que subiam "em ondas de incenso aos páramos da glória, sem haver uma voz amiga que os detenha na subida louca, e

⁶² ALVES, José Augusto dos Santos. *O poder da comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2005. p. 123 e-125 e 127-128.

⁶³ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manoela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001, v. 1, p. 382.



lhes faça ver os perigos de uma queda desastrosa". Diante disso, o periódico se propunha a ser "para toda essa boa gente crendeira um prudente apagador de ilusões falazes", garantindo que de sua redação se ouviria "apenas a voz da verdade", podendo até ser "áspera e rude", desagradando, "por certo, aos ouvidos habituados à linguagem melíflua, mas pérfida, da lisonja". Entretanto, insistia em declarar que não se preocuparia "com o desagrado produzido pela rudeza das operações que julga salvadoras", considerando que era "tempo que a verdade apareça, e que a letra de molde sirva para fins meritórios". Finalmente, concluía que "a crítica, tal como essa função salubérrima se está exercendo entre nós, não passa de uma deplorável mistificação, a que é mister por cobro em nome da arte e da razão ofendidas"⁶⁴.

A presença de Oscar Leal no *Gil Braz* teve lugar de destaque, com retrato estampado na primeira página e um bosquejo biográfico traçado pela escritora feminista portuguesa Guiomar Delfina Noronha Torresão, que fora assídua colaboradora de *A Madrugada*, dirigida por Leal. Torresão elogiava a "prodigiosa fecundidade mental" e a profícua produção intelectual do escritor, identificava sua profissão e sua preferência pelas narrativas de viagem. A escritora ainda enfatizava o papel de Oscar à frente de *A Madruga* e fazia referências aos seus dois livros mais recentes *Um marinheiro do século XV* e *Zélia, amores de uma brasileira*. Guiomar Torresão dizia que "os meticulosos" poderiam encontrar falhas na obra do autor em destaque, mas não se poderia duvidar da curiosidade que seus livros despertavam.

⁶⁴ GIL BRAZ. Lisboa, 20 abr. 1898, a. 1, n. 1, p. 2.





- detalhe da página anterior -

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

OSCAR LEAL⁶⁵

É prodigiosa a fecundidade mental deste escritor brasileiro que, viajando sempre, percorrendo todos os países, visitando regiões, acha sempre meio de surpreender-nos, atirando-nos a cada instante com um livro, como se atira com uma flor.

Quando, como, aonde escreve Oscar Leal esses romances, esses contos, essas descrições de viagem, sempre marcadas por um traço original, sempre interessantes, fáceis de ler e delineá-las de forma que forçam a atenção a lê-los!?

Sente-se que é tudo feito a marche marche, em uma volta de mão, com o pé no estribo à americana, entre o silvo do comboio e o marulhar das ondas.

Não se trata da obra de um erudito ou de um psicólogo, explanando e reconstruindo períodos extintos ou dissecando uma alma, fibra a fibra, como o botânico disseca uma planta.

Mas quanta imaginação é necessária, quanto fôlego, quanta espontaneidade para ir assim pela vida fora semeando livros, sem deixar de atender a outra espécie de trabalho, aqueles que mais absorvem os trabalhos científicos, inerentes à profissão do ilustre escritor, que é também médico dentário!...

Aqui e ali podem os meticulosos encontrar lacunas e negligência na obra literária de Oscar Leal.

⁶⁵ GIL BRAZ. Lisboa, 10 maio 1898, a. 1, n. 2, p. 1-2.

Mas o que ninguém em verdade lhe poderá negar é facilidade na arte de escrever, a habilidade na maneira de expor e a singular aptidão de prender aos seus livros a curiosidade indispensável para que se leiam.

É já avultada a bagagem literária desse simpático trabalhador, nosso hóspede e quase nosso conterrâneo, de tal sorte ele considera Portugal a pátria do seu espírito.

Na *Madrugada*, uma revista literária, sem períodos fixos, afirmou Oscar Leal a sua aguda inteligência, conseguindo apresentar um jornal que não se parecia com nenhum outro e que a todos atraía e recreava.

Os seus livros de viagens, apartando-se da banalidade ambiente, são sempre pitorescos, realçando o texto alguns desenhos do próprio autor.

Ultimamente, Oscar Leal brindou-nos com dois volumes: *Um marinheiro do século XV*, romance histórico, feito em colaboração com Cyriaco de Nóbrega, alusivo à nossa odisseia marítima e calcado sobre um tema romântico, que afina admiravelmente com a legenda das nossas façanhas através do oceano; e *Zélia, amores de uma brasileira*, estudo ao vivo de uma pecadora, lançada no meio de perversões sociais, de que ela é o fruto corrosivo, fruto de Lago Asfaltite, que se desfaz em cinza na boca.

Felicitamos Oscar Leal pela nova afirmação do seu fecundo engenho e agradecemos-lhe a amável dedicatória do seu livro.

Guiomar Torresão.

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Nas páginas do *Gil Braz*, Oscar Leal apresentou dois trabalhos. Um deles foi publicado em uma edição especial em homenagem ao quarto centenário da chegada de Vasco da Gama às Índias, efeméride que foi expressivamente comemorada em Portugal. Tratava-se de "A partida para a Índia", um excerto de um livro que estava publicando alusivo à mesma data e escrito em parceria com Cyriaco de Nóbrega. Às tantas áreas de atuação que já vinha praticando, Leal intentava somar mais uma, agora a de historiador, trazendo um texto eminentemente descritivo, no qual buscava dar ares literários ao evento histórico. No outro artigo editado no *Gil Braz*, Oscar Leal voltava ao seu tema de predileção, as crônicas de viagem, apresentando "O Coliseu", refletindo suas excursões à Europa das quais se originaram publicações. Nesse caso, não aparecia o desbravador dos sertões selvagens, e sim o turista, que visitara alguns pontos marcantes da "civilização" europeia.

0000000000

A PARTIDA PARA A ÍNDIA66

Do romance histórico *Um marinheiro do século XV*

Estamos, finalmente, chegados a 8 de julho de 1497, memorável dia em que a pequena frota, sob o comando do ilustre capitão-mor Vasco da Gama, se fez de vela para a descoberta da Índia.

⁶⁶ GIL BRAZ. Lisboa, 20 maio 1898, a. 1, n. 3, p. 3-4.

Compunha-se dos navios *S. Gabriel*, nau-capitânia, onde ia Vasco da Gama, com Pedro de Alemquer por piloto; *S. Rafael*, capitão Paulo da Gama e piloto João de Coimbra; *Berrio* (*S. Miguel*), capitão Nicolau Coelho e piloto Pedro de Escobar, e uma nau com mantimentos confiados ao comando de Gonçalo Nunes.

Toda a tripulação era constituída por 160 homens: 120 marinheiros e 40 soldados.

O *S. Gabriel* media 120 toneladas; o *S. Rafael* 100; o *Berrio* 50 e a nau de mantimentos 200.

Os primeiros três navios tinham três mastros: no da ré içavam a vela latina. Estavam bem providos de artilharia.

A respeito de solidez nada deixavam a desejar, tendo ficado, em segundo plano, a questão de velocidade.

O fornecimento de provisões de boca foi igualmente feito com o maior cuidado para que nada faltasse numa viagem, cuja duração não poderia calcular-se.

Tinham sido coroados do melhor êxito os esforços de Pedro de Alemquer para que a escolha dos marinheiros recaísse em homens de inteira confiança, afeitos às lides marítimas. A cada um foi distribuído fato sobresselente e concedidas grandes vantagens, dobrada paga e remunerações extraordinárias que deviam ser satisfeitas, metade no fim da viagem e a outra no regresso a Portugal.

D. Manoel, que se achava passando calmosa em Montemór o Novo, deliberou vir a Lisboa para assistir à partida dos intrépidos nautas, querendo imprimir aquele ato a maior solenidade possível.

No dia 5, pelas 11 horas da manhã, fora celebrada missa, com grande pompa, na Sé catedral, a qual assistiram, além do rei e sua luzida comitiva, Vasco da Gama, seu irmão Paulo, outros capitães, pilotos e alguns tripulantes da esquadra expedicionária.

No templo, decorado com as suas mais ricas e aparatosas alfaias, a multidão de fieis mal podia ter-se em equilíbrio, exprimida e empurrada, a cada instante, pelos mais buliçosos e impacientes. Na maioria do público era manifesta a comoção, a das ocasiões solenes e decisivas.

À tribuna sagrada, revestida de ouro, subiu o bispo Calçadilha, que gozava da fama de bom pregador, e fez a calorosa apologia da projetada empresa, teceu rasgados elogios ao monarca, ao valor e esforço dos expedicionários. A impressão que as suas palavras causaram transmitiu-se, como uma corrente magnética, a todos os ouvintes e poucos olhos ficaram enxutos.

Terminando a prédica, El-Rei D. Manoel, sorridente, entregou a bandeira da capitânia mor a Vasco da Gama, que a recebeu de joelhos, prestando, com voz firme, no meio de um silêncio, o solene juramento de a defender e honrar em toda a parte, ainda à custa da própria vida, e de envidar todos os esforços para levar a cabo a grandiosa missão de que fora encarregado.

Concluída a solenidade religiosa, El-Rei voltou para o palácio de Alcobaça, acompanhado de Vasco da Gama e dos restantes capitães, realizando-se longa entrevista a qual assistiram os grandes da corte.

Servida uma profusa e escolhida refeição, bebendo-se vinhos generosos e trocando-se entusiásticas saúdes, o Rei Venturoso acompanhou, no seu dourado baixel, o ilustre comandante da esquadra expedicionária até bordo da naucapitânia.

Trocadas as últimas despedidas, a frota levantou ferro e dirigiu-se para Belém, mas só no dia 8 é que se realizou a partida para a Índia.

Apenas foi sabido que naquele dia a esquadra de Vasco da Gama ia deixar o Tejo, Lisboa abalou toda, por assim dizer, para assistir a partida dos navios expedicionários.

Dia radioso como para contrastar com a tristeza geral, pois que bem poucos eram aqueles que viam, com bons olhos, a audaciosa tentativa da descoberta da Índia. Outras expedições, com o mesmo fim, tinham abortado desastrosamente, e receava-se que a nova expedição tivesse igual sorte.

A natureza em festa como para alegrar as almas dos que iam em breve perder de vista, e talvez para sempre, o Tejo, a bem amada terra da pátria; mas o homem protestava, com veemência, contra o que julgava ser uma loucura quase criminosa, que tantas vidas podia custar! Calcula-se em mais de vinte mil o número de pessoas que, debaixo de um sol ardente, assistiram, na praia do Restelo, a saída das naus, favorecidas por vento de feição.

No momento em que a frota levantou âncoras, saiu dessa enorme multidão um imenso clamor de choros, protestos e vociferações; milhares de vozes formaram um coro de lamentos e milhares de braços estenderam-se com um gesto de inexprimível angústia, para os arrojados nautas que iam afrontar mares desconhecidos, expor-se aos maiores perigos, para honra e glória da pátria. Todavia, o sol campeava, com fulgurações deslumbrantes, no azul infinito, indiferente aquele estranho espetáculo de dor!

Livres dos ferros, as quatro naus puseram-se em marcha ainda lenta, indo na dianteira a *S. Gabriel*, desdobrando ao vento o estandarte general; quase a par a *S. Rafael*, em seguida a *Berrio* e após a nau de mantimentos.

Ia em sua conserva a caravela de Bartolomeu Dias, a fim de guiar a armada até certa altura.

À sua passagem, foram feitas, de bordo de todos os navios surtos no Tejo, repetidas saudações subindo os marinheiros às enxarcias para aclamarem os lusos navegantes

Enquanto estas saudações eram calorosamente aplaudidas, por igual forma, de bordo da pequena esquadra, a multidão de espectadores, em terra, agitava os lenços numa derradeira e angustiosa despedida.

Na tolda da nau capitania, Vasco da Gama, sereno, grave, altivo, certo do seu valor e esperando no bom êxito da empresa, contemplava, em silêncio, aquele imponente espetáculo capaz de comover até as lágrimas qualquer outro que não fosse o intrépido nauta

Daí a pouco, como o vento começasse a refrescar, os cinco navios perdiam o Tejo de vista, fazendo-se ao largo.

Foi neste momento que, dentro da multidão que principiava a dispersarse em todas as direções uma mulher do povo, já idosa, trajada com irrepreensível asseio, não podendo por mais tempo conter a sua forte comoção, rolou sobre a areia sem sentidos, tendo, porém, resumido, num único grito, toda a sua dor:

- Meu filho!...

Este brado aflitivo chamou a atenção dos que já iam em debandada e correram em auxílio da infeliz mulher.

Não fora preciso mais explicação: o grito dela dissera, exprimira tudo. Era a mãe de um dos expedicionários ferida no seu amor, no seu coração pela partida do ente querido.

Instantes depois, quando a desventurada recuperou os sentidos, as pessoas que a rodeavam souberam o nome dela, Joana Rainho.

Seu filho ia como marinheiro a bordo da nau S. Gabriel.

O prior Aleixo, desejando recomendar o moço pescador a Pedro de Alemquer, enviou a este uma carta em que comunicava a resolução de Pedro Raiho e punha bem em relevo as excelentes qualidades e felizes disposições do seu protegido.

Este foi o próprio portador da carta. Pedro de Alemquer examinou o pretendente, num relance de olhos e pareceu ficar satisfeito.

- Desejas ir conosco para a Índia?
- Não desejo outra coisa, senhor!
- Vieste a tempo, porque o número de marinheiros está quase preenchido.
 Confio muito no prior Aleixo e por isso serás admitido ao nosso serviço.

Pedro Rainho exultou de alegria.

- Apresenta-te na capitânia depois de amanhã! Vai com Deus!...

Pedro Rainho voltou para a Ericeira pulando de contente.

Ao ver, porém, a mãe triste e pensativa, à porta de casa, perdeu logo a alegria e sentiu o coração oprimido por uma grande dor.

Joana, a quem a notícia da aprovação do prior Aleixo ao procedimento de Pedro causara doloríssima impressão, alimentava ainda a esperança de que já estivesse completo o número de marinheiros; mas bem depressa teve a mais cruel desilusão.

- Sempre vás na frota?

– Minha mãe!... Ninguém pode fugir ao seu destino, como diz o Sr. prior! Depois de amanhã ficarei sendo um dos marinheiros do Sr. Vasco da Gama!

Joana, com a garganta estrangulada pelos soluços, não pode articular uma só palavra.

Decorrido, porém, algum tempo, exclamou num profundo suspiro, estas palavras de aparente resignação:

- Seja feita a vontade de Deus!

Oscar Leal e Cyriaco de Nóbrega

################

O COLISEU⁶⁷

De todas as obras do homem até nossos dias, nenhuma nos tem causado mais assombro e despertado mais o entusiasmo do que esse maravilhoso Coliseu da antiga Roma pagã, que admirávamos durante a nossa recente viagem pela Itália, de passagem na cidade eterna.

E realmente assim deve ser, porque é o mais importante e majestoso edifício do mundo.

Foi seriamente maravilhado que nos acercamos do soberbo teatro em ruínas e ao aproximarmo-nos da arena, dos seus antros e subterrâneos úmidos e

⁶⁷ GIL BRAZ. Lisboa, 1° dez. 1898, a. 1, n. 3, p. 3.

sombrios, confragia-se-nos o coração ao lembrarmo-nos dos bárbaros espetáculos que ali tiveram lugar, entre homens e animais ferozes, à vista de cem mil espectadores sedentos e ébrios de sangue.

Ao fitar aquelas abóbadas colossais, denegridas pela ação do tempo; cobertas de hera, sentíamo-nos transportados aos tempos idos em que aquele mesmo solo, que pisávamos depois de dezoito séculos, fora outrora ensopado com o sangue das vítimas de terríveis comoções populares, dos primeiros adeptos do cristianismo, de mistura com o sangue de animais bravios.

Parecia que íamos ver sair daquela galeria escura, que dava para os famosos jardins de Nero, rugindo de cólera e famintos de carne humana leões com enormes jubas e tigres e panteras a formar-lhes o séquito num caminhar compassado, e sinistro que nos enchia de terror.

Parecia termos ali diante de nós no centro da ampla arena o altar portátil onde era sacrificada uma vítima humana antes de começarem os jogos. O *Podium*, revestido de belíssimos mármores, sobre este pavilhão os Césares e à esquerda os assentos dos pretores e das vestais.

Lá estava a esplanada onde se elevavam as traves que sustinham os moitões do *velarium*, do grande e esplêndido toldo de púrpura realçado de estrelas douradas que cobria todo o anfiteatro.

Mas posta de parte a lembrança dos antigos exploradores desse monumento grandioso, hoje despido das suas estátuas, colunas e mármores preciosos, hoje só vemos a sua ossada descarnada, diante da qual se curvam reverentes, como nós, milhares de indivíduos que a locomotiva e o vapor conduz, pasmos de arrojo humano.

A hora já tardia convidava-nos a retirar daquele sítio sombrio e pouco frequentado depois do descambar do sol, e foi impressionadíssimos que de lá nos afastamos, para continuarmos além do notável colosso de granito e a ver e admirar, à luz de esplêndido luar, os restos do *Farum Romanun*.

Breve estávamos nós em pleno campo *Vacino*, a antiga feira de gado (mil anos antes de Cristo) onde depois foram erguidos tantos e notáveis monumentos de que hoje só restam interessantes ruínas, restos de passadas grandezas, que dezenas de gerações têm com orgulho respeitado.

E durante os dias da nossa permanência em Roma nada escapou às nossas vistas.

Subimos ao monte Palatino, percorremos as ruínas dos suntuosos palácios dos Césares, vimos os admiráveis frescos das casas de Tibério e de Cícero, visitamos os jardins Farnesi, paramos defronte da magnífica coluna Trajanum, vimos a rocha Tarpeia e dezenas de arcos de triunfo, as Termas, o Pantheon, o palácio Doria Pamphilj, as galerias do Vaticano, o Quirinal, os templos de S. Pedro, St. Maria, S. Paulo e muitos outros, o castelo S. Ângelo, a prisão de S. Pedro, mas à luz do facho da civilização atual, nada falou mais vivamente ao nosso coração, que as ruínas do Coliseu, esse sublime colosso de granito, mármore e bronze, que ainda oxalá seja conservado por muitos séculos para surpresa das gerações vindouras.

Leitor amigo, se um dia fordes a Roma, correi ao Coliseu.

Oscar Leal

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outra publicação ilustrada lusitana da qual Oscar Leal frequentou as páginas foi *O Ocidente*, uma das mais longevas e de melhor padrão gráfico dentre as folhas portuguesas desse gênero. A revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro intitulada *O Ocidente* foi editada em Lisboa, de 1878 a 1915, contando com Francisco Antônio das Mercês como administrador; Guilherme de Azevedo, como diretor literário; e Manuel de Macedo e Caetano Alberto, como diretores artísticos⁶⁸. Ao final de 1877 apareceu um prospecto, no qual ficava expresso o escopo do periódico e o primeiro número passou a circular no dia 1º de janeiro de 1878. Em sua apresentação⁶⁹ a folha destacava seus intentos: "o empreendimento de uma publicação ilustrada que exprima justamente o estado da arte em Portugal e seja exclusivamente nossa"; e "que caracterize o espírito público nacional e corresponda à necessidade que têm hoje todos os povos de afirmar a sua individualidade moral e o seu modo de ser no concerto da civilização", não podendo "ser apenas uma obra de interesse particular: é um dever impreterível de interesse público".

⁶⁸ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manoela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, v. 2, p. 137.

⁶⁹ O OCIDENTE. Lisboa, 1877, prospecto, número *specimen,* p. 1 e 4.

Segundo a revista ilustrada, "a vida portuguesa não está de todo extinta", sendo "preciso afirmá-lo com documentos incontestáveis que sejam reconhecidos nas chancelarias do progresso", os quais deveriam provar ter Portugal "saído da vida histórica da tradição para a existência positiva dos fatos e das ideias contemporâneas, interessando-nos as conquistas da ciência e os esplendores da arte". Acreditava que era preciso também demonstrar "não termos no mundo moderno, ficado parados à porta, absortos, estáticos, como um conviva estranho que não se atreve a entrar por julgar o seu lugar ocupado", e "sem ter a coragem de reivindicá-lo, no interesse da sua dignidade desprezada". Apontava que "O Ocidente servirá à ideia civilizadora de trazer para a evidência da luz, a vida nacional que palpita no mundo obscuro do esquecimento público".

Os elementos a ser reproduzidos pela gravura da revista seriam "os monumentos nacionais, as curiosidades arqueológicas, todo o Velho Mundo derrocado aonde se debateu a epopeia gigante da nossa civilização"; assim como "os grandes homens do passado e os contemporâneos dignos da homenagem nacional" e "todos os que por qualquer fato extraordinário e flagrante despertem num dado momento o interesse público", de modo que "tanto nacionais como estrangeiros, terão um lugar na galeria das nossas celebridades". Também seriam destacados "a indústria agrícola e manufatureira, a navegação, o comércio, a guerra, a religião, os costumes, as invenções, as viagens, enfim toda essa multidão de fatos comovedores e palpitantes de que o mundo moderno é teatro", os quais seriam "comentados com o lápis e com a pena na galeria pitoresca e multiforme desta publicação".

Refletindo o contexto histórico de então, outro tema que merecia "um cuidado especial" era "a exploração portuguesa empreendida hoje no interior da África", de modo que "a gravura completará devidamente a narração da viagem"; além de "toda a importância, cientificação e todo o aspecto pitoresco da aventurosa expedição geográfica", que viriam a ser "comemorados no *Ocidente* como um dos fatos mais salientes da moderna vida nacional". Ainda constituiriam alvos da sua gravura "os quadros e as estátuas mais notáveis dos pintores e escultores portugueses, e querendo ser um exato reflexo da nossa arte", para o que contaria "com a colaboração efetiva dos mais notáveis artistas nacionais".

O programa de *O Ocidente* demarcava também que a escrita completaria o desenho, de maneira que nas suas colunas "as penas mais hábeis darão um testemunho evidente de que há entre nós quem tenha a perfeita compreensão do mundo moderno". Argumentava que, "se a nossa publicação não pode nem pretende rivalizar em magnificência com as publicações estrangeiras do mesmo gênero", desejaria ao menos "ser portuguesa pelas forças que a hão de produzir, sendo ao mesmo tempo universal pelo espírito que a há de dominar". Finalmente, revelando a meta de atingir não só o público lusitano, mas também o brasileiro, aparecia a afirmação de que, "feito um singelo programa, a empresa apela para o público português ilustrado, para os nossos irmãos do Brasil, esperando vê-lo aceitar com satisfação a sinceridade da ideia e a seriedade do empreendimento".



Oscar Leal esteve nas páginas de *O Ocidente* por meio de uma nota de natureza biobibliográfica elaborada pela redação, bem como com a presença de seu retrato estampado em outra página da mesma edição. No texto, Leal era definido como "um dos homens mais conhecidos de Lisboa", ainda que tivesse ido morar na capital portuguesa recentemente. Além disso, aparecia como um "espírito irrequieto e nervoso" que se deslocava constantemente entre a Madeira, Lisboa e várias capitais europeias. A folha ressaltava ainda que o personagem destacado era de uma atividade a toda prova para escrever em diversificados gêneros e tudo articulado com o desempenho de sua profissão. Era descrito também como um entusiasmado por Portugal, sendo citadas as instituições as quais pertencia e seu papel como jornalista e escritor.

O texto que Leal apresentou em *O Ocidente* foi "Através da Europa e da África", um excerto de seu livro homônimo, havendo também a inclusão de algumas das gravuras extraídas de tal obra. Era uma descrição das localidades africanas visitadas, com destaques às estruturas urbanas e às condições socioeconômicas das populações. Ficava demarcada também uma abordagem da fauna, mormente algumas curiosidades em torno dos animais selvagens. Outra de suas preocupações recorrentes em várias das excursões pelo Brasil apareciam igualmente na expedição ao continente africano, quer seja, a observação das potencialidades de exploração econômica. Tanto a viagem à África quanto a publicação do livro respectivo estavam plenamente a contento com os princípios da Sociedade de Geografia de Lisboa, a qual Leal era filiado, no sentido de estabelecer o maior conhecimento possível das regiões ultramarinas.



Libri — Giornali — Avvist, etc.

A Aprientura Contemporanea — Revisto Mensel
Agricola e Agronomica — Tomo IX — Anno IX —
1888. Lisbon.

Como se sabe esta revista foi fundada em 1886
por José Verismo d'Almeida, Antonio X, Pereira Continho e F. Julio Borges, tres nomes lautem recombecido.

A Agricultura Contemporanea tem agora como
reductores os are: Antonio Augusto dos Santos,
Cincinato da Costa, Filippe E. A. Figueredo, Herrique de Medical Contenta de Costa, Filippe E. A. Figueredo, Herrique de Medical Contenta de Costa, Filippe E. A. Figueredo, Medical Costa, Filippe E. A. Figueredo, Filippe E. A. Figueredo, Medical Costa, Filippe E. A

La revue illustrée du Portugal — Publication mensuelle — Lisbonne octobre 1898 — N.º 10 — 3 esse

mensuelle — Lubouse ordebre 1808 — N°. 10 — 3 mines.

maries.

Listances pelo se Carlos Lisboa, que publicando a neste doma Giorna Garlos Lisboa, que publicando a neste doma Gio vulgariado, concorre bastante para o conhecimento das-couras portuguezas no extrangeiro, louvavel tarefa muito digna de elogio.

Sempre artisticamente illustrada a Revue illustrado.

Diccionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez Diccionario Francez-Hespanbol e Hespanbol-Francez Diccionario Francez-Italiano e Italiano-Francez Diccionario Francez-Inglez e Inglez-Francez Diccionario Francez-Allemão e Allemão-Francez

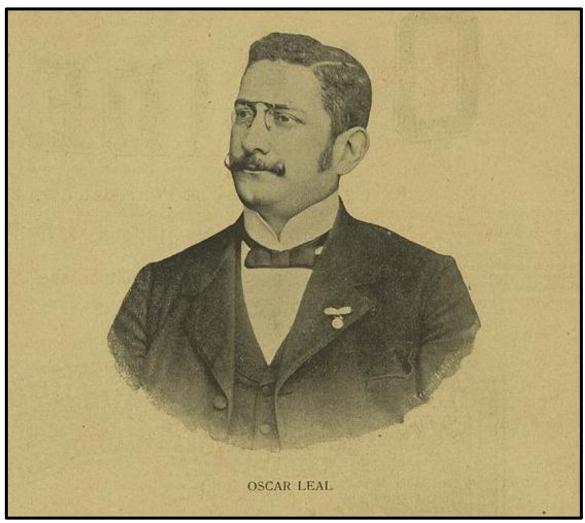
Forma um só volume perfeitamente manuseavel e publica-se aos fasciculos de 16 paginas.

30 réis cada fasciculo pago á entrega

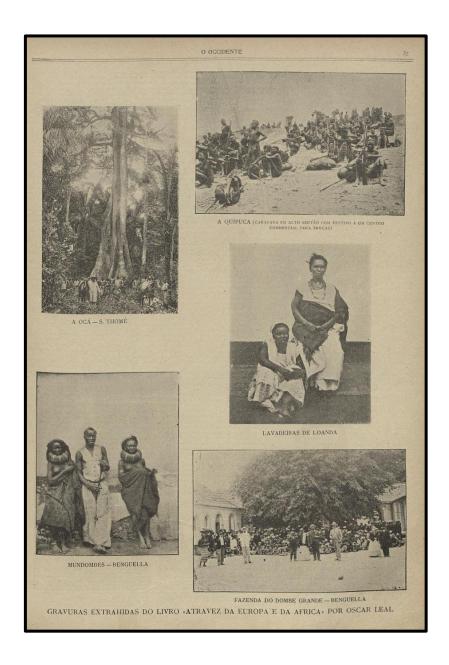
Para as provincias ás series de 5, 10 e 20 fas-ciculos, accrescendo o porte do correio. Assigna-se em todas as livrarias e na

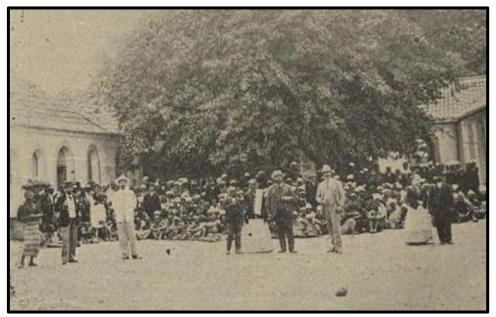
EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo - LISBOA



- detalhe da página anterior -





- detalhe da página anterior (destaque para Leal ao centro) -

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

OSCAR LEAL⁷⁰

Aparecendo há poucos anos no nosso meio, ele logrou, graças ao seu gênio alegre e à sua inteligência brilhante, ser um dos homens mais conhecidos de Lisboa. Espírito irrequieto e nervoso, ele tão depressa se encontra na Madeira, como em Lisboa, em Paris, em Madri ou em Londres. Ativo e de uma vivacidade

⁷⁰ O OCIDENTE. Lisboa, 30 nov. 1898, a. 21, vol. 21, n. 717, p. 267 e 272.

de inteligência que chega a causar admiração, o tempo chega-lhe para escrever livros de viagens, livros de crítica, romances e para acudir à prática da sua profissão de especialista de doenças de boca.

Nascido no Brasil, mas criado na Madeira, amante das coisas portuguesas, ele é um entusiasta por tudo quanto diz respeito a este torrão bem amado, que ele defende com o calor e entusiasmo do natural mais patriota.

Oscar Leal é doutorado e diplomado na América do Norte, no Brasil, na Escola de Medicina de Lisboa, etc., etc., e é membro correspondente da Sociedade Espanhola de História Natural, das Sociedades de Geografia de Madri, Lisboa, Rio de Janeiro, New York, etc., sócio da Sociedade de Homens de Letras do Porto, do Instituto Histórico de S. Paulo, da Arcádia Americana do Pará e ainda de vários institutos e academias científicas.

Como jornalista tem vasta colaboração em todos os principais jornais de Portugal e Brasil, e como escritor tem publicado sucessivamente numerosos livros de viagens e alguns romances, entre eles o mais recente, *Zélia* (Amores de uma brasileira), editado em elegantíssimo volume pela casa de Antônio Maria Pereira.

Eis a traços rápidos descrita a personalidade de Oscar Leal cujo retrato ilustra hoje as páginas do *Ocidente*.

################

ATRAVÉS DA EUROPA E DA ÁFRICA (EXCERTO)71

A cidade de Benguela é muito extensa. Cada casa, com o seu imenso quintal, pode dizer-se, ocupa, além da parte central, um grande quarteirão, onde os inquilinos vivem isolados e livres das inconveniências de uma vizinhança intrusa e bisbilhoteira. A este respeito, os habitantes de Benguela são felizes e ninguém se dá ao trabalho de indagar da existência de cada um.

As ruas da cidade são largas e arborizadas. Por elas, em horas de grande calor, transitam unicamente os pretos que levam e trazem recados verbais e bilhetes, e uma ou outra *machilla*, espécie de cadeirinha que dois carregadores transportam aos ombros, conduzindo o médico de visita aos seus doentes ou outro qualquer europeu.

Nos dias de chegada e partida dos paquetes, o movimento é grande. Fora disto, não se nota muita animação nas ruas.

A população é ordeira. Muito raro se acendem os ânimos que nem mesmo se azedam com discussões políticas. Pode dizer-se que ali não há paixão política, e, por isso, não se ateiam as questões que surgem em qualquer parte onde aquela existe.

A caça nos arredores da cidade constitui um dos principais passatempos a que se entregam com um certo ardor muitos dos seus habitantes que, introduzindo-se e escalonando-se na mata, denominada do *Cavaco*, não deixam de correr perigo. Costumam lá aparecer numerosos animais ferozes e de noite as

⁷¹ O OCIDENTE. Lisboa, 20 fev. 1902, vol. 25, n. 833, p. 35 e 37.

quimalancas (hienas) atrevem-se a entrar na cidade, mostrando-se de preferência nas proximidades do matadouro e nos sítios onde se lança o lixo.

Durante a minha estada em Benguela, no pequeno espaço de uma semana, foram ali mortas uma hiena e uma onça-tigre que, atravessando a principal rua de um extremo ao outro, foi morta debaixo da ponte-cais da alfândega — às 2 horas da tarde! Um bando de negros, armados de lanças e grossos cacetes, deu caça ao terrível animal, cuja pele ficou pertencendo ao agente da Empresa Nacional de Navegação.

Não há muitos anos também que, nas proximidades da cidade e a poucos passos do sítio onde se encontra edificada a estação hidráulica para o abastecimento da população, foram mortos dois grandes leões. Destes terríveis animais, assim como de outros tão ferozes, há ainda abundância no interior de Benguela, aquém da Serra da Chefia.

Habita as abas da serra e a sua parte baixa a tribo dos *mundombes*, que se ocupam na lavoura de cereais e fabrico de carvão, que vêm vender à cidade. É uma gente repugnante pela sua imundície, pois despreza os princípios mais rudimentares da higiene. Esses pretos untam com azeite de palma não só os cabelos, mas ainda os panos que usam em volta da cintura, dando-lhes uma cor escura e luzidia que muito apreciam.

Os pretos aludidos são excelentes carregadores de *tipoia* (rede suspensa) nas viagens pelo interior. Eu tive ocasião de os experimentar quando fui de

visita ao vale do Dombe. E essa excursão, que foi deveras interessante, deixoume gratas impressões.

Reunidos vinte e três pretos, dos quais vinte encarregados de conduzirem duas *tipoias* e três bagagens, partimos de Benguela ao escurecer, no meio de uma algazarra infernal. É essa uma costumeira incômoda porque a sua berraria faz dores de cabeça, mas os pretos não se põem a caminho senão depois de satisfeitos com as indispensáveis rações de aguardente.

Raramente deixam de cantar. De instante a instante, os que vão atrás de cada tipoia estão a substituir os companheiros que a conduzem aos ombros. E tão práticos estão nesse mister que raro se dá qualquer incidente desagradável.

Há pessoas que, à força de hábito, conseguem conciliar o sono. Isto parece impossível, mas é verdadeiro. Eu é que o não alcancei e quando, à meia-noite, foi dado aviso de que tínhamos chegado ao local denominado Quipuca, a 25 quilômetros pouco mais ou menos de distância de Benguela, onde se costuma acampar para o viajante descansar, senti-me bastante aliviado.

Apesar das comodidades que um tal meio de transporte oferece, o ar úmido e frio da noite tinha-me causado bastante mal, mas pouco cuidado liguei a esse incômodo. A minha atenção fora desde logo atraída pelo aspecto selvagem do quadro que se desenrolava em redor.

Achava-me no meio de um desses desertos africanos, tão cheios de horror e que o silêncio e as trevas da noite tornam ainda mais temerosos aos viajantes, que os atravessam. Os pretos tinham acesso a uma fogueira em volta da qual

permaneciam acocorados quais fantasmas aterradores, em uma atitude de descanso rápido e confortável.

Estávamos acampados junto a um imenso penhasco, a dez passos de uma nascente de água sulfúrica morna, que logo adiante se alargava e se convertia em pequena lagoa. Segundo me informaram os guias, é aí que vai matar a sede o leão que vagueia aquém do vale do Dombe. Ali também o viajante mitiga a sede que tantas torturas às vezes lhe causa durante tão longa viagem.

O local é, pois, frequentado por animais ferozes como o leão, o leopardo, a hiena, a onça, o tigre, o chacal, etc. O búfalo e o elefante por ali se apresentam igualmente. Muitos viajantes referem os temerosos encontros que por ali têm tido em várias épocas.

É o sítio desabrigado quanto pode ser. Não existe ali sequer uma pequena cubata para abrigo dos viajantes.

Os carregadores em viagem alimentam-se parcamente. Mal assam um pedaço de peixe seco que comem com o *infundi*, massa de farinha, ou com milho em grão e *genguba*. Quando em quando, bebem um trago de aguardente, acendem os cachimbos e dentro em pouco, completamente refeitos, estão prontos e dispostos para continuar a marcha.

Preferem viajar de noite. O motivo é simples: está em que o calor do dia abate-os muito e em que se acham mais livres de serem atacados pelo leão.

Cada um deles vai armado com uma lança ou azagaia para sua defesa. Durante a marcha, nem um só momento deixam de quebrar o silêncio do deserto com as suas monótonas e estranhas melopeias. O único trajo que suportam é aquele pano sujo e repugnante a que me referi atrás.

Metendo-nos novamente nas *tipoias*, continuamos a nossa marcha pelo interior até chegar, sem incidente digno de menção, ao fértil vale do Dombe, onde existem algumas propriedades agrícolas. Rompia a manhã e por sinal que belíssima.

Tomamos, então, a direção do nosso ponto de destino, a magnífica propriedade agrícola do Dombe Grande, cujo dono me recebeu e tratou com requintada delicadeza e grande consideração. Tive assim, também, ensejo para mais uma vez lhe manifestar o meu reconhecimento por todas as suas atenções e amabilidades.

Por sua especial natureza, a região do Dombe presta-se admiravelmente à cultura da cana sacarina. Abundam, pois, as suas plantações, que, segundo me informaram, produzem avultado número de pipas de aguardente.

As principais propriedades agrícolas do Dombe são as de Luacho, do Tumbo e do Dombe grande. A primeira é a mais importante.

Os engenhos são movidos a vapor. Funcionam sucessivamente o ano inteiro.

O clima daquele vale é em extremo doentio. São raros os europeus que resistem às doenças originadas pelo calor e umidade que ali reinam.

Regressando a Benguela, parti para Catumbela, situada a três léguas de distância ao norte da primeira cidade. São ligadas por uma linha férrea que não tem importância alguma por se encontrar arruinadíssima e não funcionar regularmente por esse motivo. O material circulante estava a pedir imediata substituição, fazendo-se sentir bastante também a falta de maquinistas e pessoal europeu. Os desastres eram constantes e muitas vezes tinha-se que realizar a pé uma grande parte da viagem!...

Catumbela foi de todas as povoações do litoral de Angola aquela que mais satisfez os meus desejos de excursionista. É uma linda vila, formada por quatro ruas principais, algumas praças e travessas, e que se estende pela margem direita do rio do mesmo nome e em uma pequena planície constituída pelo recuo das montanhas desse lado.

Para Catumbela se tem dirigido de preferência, ultimamente, o gentio portador de borracha, cera e marfim. Por isso, também, o seu movimento comercial tem aumentado muitíssimo, a ponto de ameaçar suplantar o de Benguela. Isto dava-se em 1897.

Encontram-se aí, de resto, indivíduos de melhor espécie que os que compõem parte da população da cidade vizinha. Topa-se com facilidade gente melhor educada e de trato pouco mais agradável e obsequiadora, sabendo dispensar coadjuvação e hospitalidade ao estranho que ali chega.

Ao sul da Catumbela está a baía do Lobito, muito visitada por excursionistas. Essa baía é abundante em ostras, indo à sua apanha muita gente dos arredores.

Em Benguela, e em Catumbela, sobretudo, acha-se já muito espalhado o uso de carruagens, e raro é aquele que não possui o seu carrinho. Principalmente aos domingos, o movimento de carros, quase todos guiados por seus donos, é enorme; o forasteiro, parado à esquina de uma das principais ruas, em face daquele contínuo rodar, chega a esquecer-se de que está em África!

Oscar Leal

$\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

Outro periódico ilustrado em que apareceu o nome de Oscar Leal, no caso, na apreciação de seus livros foi o *Antônio Maria*, folha humorístico-caricata editada em Lisboa, que circulou entre 1879 e 1899⁷², com uma interrupção nos anos oitenta e noventa. Foi um dos mais importantes caricatos portugueses e esteve entre os mais combativos ao *status quo* reinante em Portugal⁷³. Seu título era comicamente alusivo a um político regenerador, Antônio Maria Fontes Pereira de Melo. Em suas páginas ganhou vida o "imortal Zé Povinho", figura representativa do povo lusitano. Fez "para o advento da república" mais "do que

⁷² RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manoela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX.* Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001, v. 1, p. 59-60.

⁷³ FRANÇA, José Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976.

os outros jornalistas do partido", por meio de "desenhos flagrantes, ousados e elucidativos", que "eram como catapultas contra o regime"⁷⁴. Nesse sentido, exerceu "vasta influência no espírito público" e, "com a sua pena cáustica, caricaturava a monarquia agonizante"⁷⁵ e sua ação representou um "novo renascimento da caricatura política em Portugal⁷⁶.

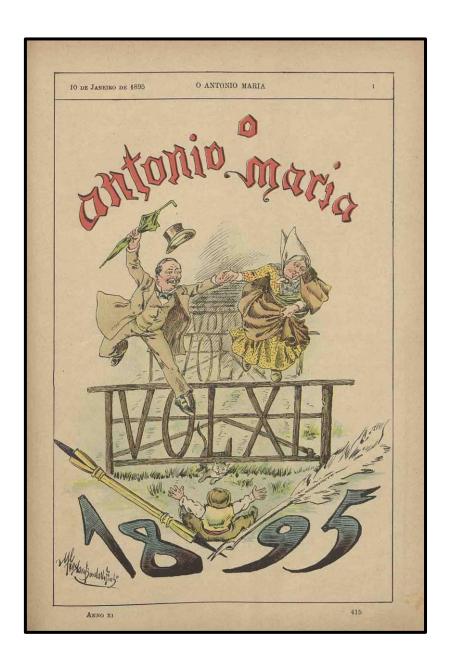
No programa declarava que queria ser uma "síntese do bom senso nacional tocado por um raio alegre do bom sol peninsular", que iluminava a todos. Dizia que a ele não restava "outro remédio, na maioria dos casos, senão ser oposição declarada e franca aos governos, e oposição aberta e sistemática às oposições", o que não o impossibilitaria "de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números". Explicava que não vinha "possuído do extremo desejo de derribar as instituições vigentes" logo em seguida, esperando que elas ao menos o assinassem primeiro. Revelando a amplitude de seu público, afirmava que abria "os braços a todos os confrades" que soubessem ler e escrever, ou que tivessem "a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito". Enfim, propunha-se a fazer "em prosa e verso, à pena e a carvão, a silhueta da sociedade portuguesa no último quartel do século dezenove" 77.

⁷⁴ MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941. p. 101.

⁷⁵ TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 239

⁷⁶ SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, s/data. p. 202.

⁷⁷ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 12 jun. 1879, a. 1, n. 1, p. 2.



As referências a Oscar Leal no *Antônio Maria* ocorreram devido à prática do autor de enviar exemplares de seus livros às redações dos jornais para apreciação. Assim, na seção denominada "Bibliografia" apareceu a recepção para *Viagem às terras goianas (Brasil central)*, descrito como um livro de explorações e aventuras, elaborado com simplicidade, mas com passagens interessantes. Acompanhava um desenho com a versão caricatural do retrato do autor apresentado na edição, resumido apenas à imagem de Oscar Leal, seu nome e a arara. Na mesma sessão foi apenas notificado o recebimento do título *Do Tejo a Paris*. Finalmente, ainda na "Bibliografia", foi comentado *Viagem a um país de selvagens*, destacado como uma larga descrição de viagem, escrita ao sabor das impressões, com ênfase ao pitoresco, à originalidade e à virgindade do assunto e para as ilustrações que constituíam o livro.

 $\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond\Diamond$

BIBLIOGRAFIA78

Oscar Leal, *Viagem às terras goianas (Brasil central)*. Prefaciado pelo conselheiro Chagas, acaba de aparecer este livro onde o Sr. Oscar Leal conta as suas explorações e aventuras nas terras goianas.

Tecido com grande simplicidade de dizer, o livro do Sr. Leal tem passagens muito interessantes, descritivos muito curiosos.

⁷⁸ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 9 jul. 1892, a. 8, n. 357, p. 6.

Pelo exemplar que nos foi enviado o nosso agradecimento.



##############

BIBLIOGRAFIA⁷⁹

Recebemos e agradecemos: (...)

⁷⁹ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 26 jan. 1895, a. 11, n. 416, p. 7.

- Do Tejo a Paris do Sr. Oscar Leal.

################

BIBLIOGRAFIA⁸⁰

Recebemos e agradecemos: (...)

- Da mesma livraria um volume intitulado *Viagem a um país de selvagens*, pelo Sr. Oscar Leal. É a descrição de uma larga viagem que o autor empreendeu no interior da província do Amazonas. São páginas escritas ao sabor das impressões, mas onde há observações e notas de um grande pitoresco, pela originalidade e por assim dizer virgindade do assunto. No decurso da sua viagem, o autor foi tomando alguns croquis que, transportados para a madeira, formam curiosas ilustrações que acompanham o livro.

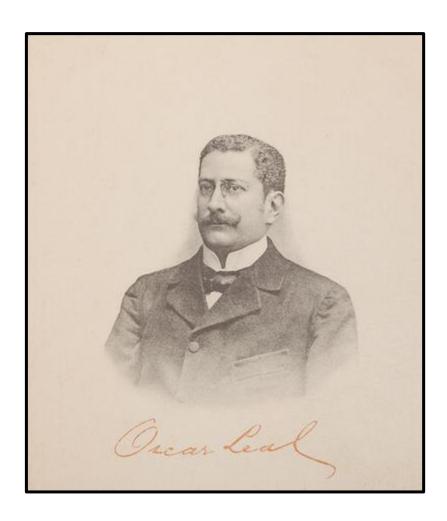
⁸⁰ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 16 mar. 1895, a. 11, n. 418, p. 6.



Este número encerra a série de sete volumes editados pela *Coleção Documentos* voltados ao escritor Oscar Leal. Com uma vida intelectual bastante ativa entre as décadas de 1880 e 1890, bem como nos anos inicias do século XX, Leal deixou uma obra significativamente vasta formada por quase duas dezenas de livros, colaborações em jornais e edições de periódicos, envolvendo temas diversos e gêneros variados de abordagem. Foi contista, cronista, poeta, jornalista, naturalista, conferencista, entre tantas outras atuações, as quais conciliava com a sua ocupação profissional na odontologia. Mas sua maior vocação foram as viagens e os relatos que delas advieram, temática que esteve relacionada direta e/ou indiretamente com a sua carreira.

Foi realizado um vasto levantamento documental envolvendo uma de suas principais obras de cunho literário, as notícias sobre ele publicadas na imprensa brasileira, as colaborações que publicou no jornalismo do Brasil, a revista ilustrada e literária que editou em Lisboa, a sua ação como conferencista e estudioso, a recepção aos seus trabalhos no periodismo brasileiro, além de uma série de estudos de caso relacionados à sua obra e à suas vivências. O epicentro de toda a pesquisa está relacionado à sua presença e aos escritos que realizou sobre o Brasil. A partir de tal trabalho permanecem à disposição algumas análises sobre o escritor e, acima de tudo, um cabedal de fontes que poderão propiciar a edificação de novas pesquisas.







A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.





A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-15-7